



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

KARYTIA NAYARA GONÇALVES DA SILVEIRA NOBRE

**ENTRE O DESERTO DA COVID-19 E O OÁSIS DA CALÇADA LITERÁRIA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE**

FORTALEZA

2025

KARYTIA NAYARA GONÇALVES DA SILVEIRA NOBRE

ENTRE O DESERTO DA COVID-19 E O OÁSIS DA CALÇADA LITERÁRIA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N672e Nobre, Karytia Nayara Gonçalves da Silveira.
Entre o deserto da Covid-19 e o oásis da calçada literária : história e memória em tempos de crise /
Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. – 2025.
122 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.

1. História da educação. 2. Memória coletiva. 3. Literatura. 4. Pandemia da Covid-19. 5. Grupo de leitura. I.
Título.

CDD 370

KARYTIA NAYARA GONÇALVES DA SILVEIRA NOBRE

ENTRE O DESERTO DA COVID-19 E O OÁSIS DA CALÇADA LITERÁRIA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 22/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Paula Vasconcelos de Oliveira Tahim
Centro Universitário Cearense (UniC)

A Deus.

À minha mamãe, à minha bisavó (*in memoriam*),
ao meu bisavô (*in memoriam*) e ao meu esposo.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FUNCAP, meu mais sincero reconhecimento. O fomento e apoio concedidos tornaram possível a realização deste sonho, impulsionando minha pesquisa e permitindo que eu contribuisse, ainda que modestamente, para o avanço do conhecimento. A missão da FUNCAP em incentivar a ciência é um farol que ilumina caminhos e transforma realidades. Sou imensamente grata por essa oportunidade.

Ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, minha mais profunda admiração. Um verdadeiro mestre, que ensina não apenas com palavras, mas com generosidade e paixão pelo saber. Sua orientação foi bússola nos meus momentos de incerteza, e seu exemplo, uma inspiração que levarei para além dos muros acadêmicos.

Aos ilustres professores da banca examinadora, obrigada pelo tempo dedicado, pelas sugestões valiosas e por me conduzirem, com paciência e rigor, na lapidação deste trabalho. Cada contribuição deixará marcas indeléveis nesta trajetória.

Aos colaboradores entrevistados, que abriram as portas do seu tempo e da sua experiência para tornar esta pesquisa possível, minha sincera gratidão. Suas palavras teceram a base deste estudo e enriqueceram cada linha escrita.

Aos colegas de mestrado, pelos diálogos instigantes, pelas críticas construtivas e pelas trocas que me fizeram crescer. Nossa jornada foi tecida em desafios e aprendizados compartilhados, e levarei cada um de vocês no coração.

À minha família, que nunca duvidou de mim, nem nos dias nublados. Com um copo d'água ou uma oração, vocês sustentaram minha caminhada. Cada passo que dei foi impulsionado pelo amor e pela fé que vocês depositaram em mim.

Àquela que é o meu grande presente nesta vida: minha mãe, Cristina Gonçalves. Guerreira de alma nobre, de mãos calejadas pelo amor e pelo sacrifício. A senhora me ensinou o que livro algum poderia ensinar: a força que vem da perseverança, o amor que fortalece e a coragem que não se rende. Mamãe, esta vitória é nossa! Eu te amo além das palavras.

Ao querido Felipe, um porto seguro. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada abraço silencioso que dizia “continue”, por ser um refúgio nas tempestades e minha alegria nos dias de sol. Seu amor me sustentou quando o cansaço tentou me fazer parar.

E, por fim, Àquele que é a razão de tudo: Jesus! Meu Rei, meu Senhor, minha Rocha eterna. Se cheguei até aqui, foi pela Tua graça. Cada página escrita, cada desafio vencido, cada

lágrima e sorriso foram por Ti e para Ti. A Ti, toda honra e toda glória! A Ti, não posso negar nem a última gota de sangue, nem a menor fibra do meu coração.

“Porque d’Ele, e por Ele, e para Ele são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém” (Romanos 11:36).

E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado a vós. **Fazei isto em minha memória** (Lucas 22: 19).

A memória é a mente. Por isso, os desmemoriados são denominados *sem mente*.
A alma vivifica o corpo; o ânimo exerce a vontade;
Quando o conhecimento existe, é mente;
Quando recorda, é memória; quando julga o reto, é razão;
Quando espира, é espírito; quando sente, é sentido.
(Isidoro de Sevilha, c. 560-636, *Etimologias*, XI, 1, 13).

RESUMO

A presente pesquisa investiga de que modo a História da Educação foi preservada durante a pandemia da Covid-19, tomando como objeto de análise a experiência da Calçada Literária – um grupo virtual de leitura que promoveu encontros semanais por meio da plataforma *Google Meet*. Diante do contexto de confinamento e distanciamento social, em que o medo e a incerteza marcaram a vida cotidiana, práticas culturais *online* tornaram-se alternativas para sustentar vínculos e dar sentido à experiência vivida. É nesse cenário que surge a Calçada Literária, reunindo amigos e convidados em torno da leitura compartilhada. Inserido no campo da História e Memória da Educação, o estudo explora práticas educativas emergentes e seu papel na construção de sentidos, na mediação da experiência e na preservação da memória coletiva. A abordagem metodológica é qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e na análise de narrativas produzidas por seis participantes do grupo, por meio de entrevistas semiestruturadas. As análises foram conduzidas à luz dos aportes teóricos de autores como Michèle Petit (2009), Jerome Bruner (2001), Christine Delory-Momberger (2008), entre outros. Os resultados apontam que a Calçada Literária não apenas fortaleceu vínculos afetivos e sociais, como também contribuiu para a construção de sentidos coletivos e para a preservação da memória histórica do período pandêmico. Conclui-se que práticas culturais emergentes, como as vividas nesse grupo de leitura, mantiveram viva a experiência educativa, mesmo em um cenário de ruptura institucional, reafirmando o papel da literatura e da memória como forças estruturantes da educação.

Palavras-chave: história da educação; memória coletiva; literatura; pandemia da Covid-19; grupo de leitura.

ABSTRACT

This research aims to understand how the History of Education was preserved during the Covid-19 pandemic, taking as its object of analysis the experience of *Calçada Literária* – a virtual reading group that held weekly meetings through the Google Meet platform. In the context of confinement and social distancing, marked by fear and uncertainty, online cultural practices became alternatives to sustain social bonds and give meaning to the lived experience. It is within this scenario that *Calçada Literária* emerged, bringing together friends and guests around shared reading. Situated within the field of the History and Memory of Education, the study explores emerging educational practices and their role in meaning-making, in mediating experience, and in preserving collective memory. The methodological approach is qualitative, based on bibliographic research and the analysis of narratives produced by six group participants through semi-structured interviews. The analyses were guided by theoretical contributions from authors such as Michèle Petit (2009), Jerome Bruner (2001), Christine Delory-Momberger (2008), among others. The results indicate that *Calçada Literária* not only strengthened affective and social ties but also contributed to the construction of collective meanings and to the preservation of the historical memory of the pandemic period. It is concluded that emerging cultural practices, such as those experienced within this reading group, kept the educational experience alive even in a context of institutional disruption, reaffirming the role of literature and memory as structuring forces of education.

Keywords: history of education; collective memory; literature; Covid-19 pandemic; reading group.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo comprender de qué manera la Historia de la Educación fue preservada durante la pandemia de la Covid-19, tomando como objeto de análisis la experiencia de la *Calçada Literária* — un grupo virtual de lectura que promovió encuentros semanales a través de la plataforma *Google Meet*. Ante el contexto de confinamiento y distanciamiento social, marcado por el miedo y la incertidumbre, las prácticas culturales en línea se convirtieron en alternativas para sostener vínculos y dar sentido a la experiencia vivida. Es en este escenario que surge la *Calçada Literária*, reuniendo a amigos e invitados en torno a la lectura compartida. Inserto en el campo de la Historia y Memoria de la Educación, el estudio explora prácticas educativas emergentes y su papel en la construcción de sentidos, en la mediación de la experiencia y en la preservación de la memoria colectiva. El enfoque metodológico es cualitativo, fundamentado en investigación bibliográfica y en el análisis de narrativas producidas por seis participantes del grupo, mediante entrevistas semiestructuradas. Los análisis fueron conducidos a la luz de los aportes teóricos de autores como Michèle Petit (2009), Jerome Bruner (2001), Christine Delory-Momberger (2008), entre otros. Los resultados indican que la *Calçada Literária* no solo fortaleció vínculos afectivos y sociales, sino que también contribuyó a la construcción de sentidos colectivos y a la preservación de la memoria histórica del período pandémico. Se concluye que las prácticas culturales emergentes, como las vividas en este grupo de lectura, mantuvieron viva la experiencia educativa, incluso en un escenario de ruptura institucional, reafirmando el papel de la literatura y de la memoria como fuerzas estructurantes de la educación.

Palabras clave: historia de la educación; memoria colectiva; literatura; pandemia de Covid-19; grupo de lectura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	A persistência da memória, 1931.....	19
Figura 2 –	Quadro “Olha Aí Meu Ceará”, 2009.....	30
Figura 3 –	Quadro Ceará, 2019.....	30
Figura 4 –	CeArt homenageia rendeiras de todo o Ceará com árvore de renda de bilros.	34
Figura 5 –	O artesanato cearense desembarcou no Museu do Louvre em Paris.....	35
Figura 6 –	Garrafas de areia colorida.....	36
Figura 7 –	Manchete- Espanha cria drive-thru (CNN Brasil- 06/04/2020).	41
Figura 8 –	Cartaz com arco-íris e a frase “andrà tutto bene”, que significa “tudo ficará bem”	44
Figura 9 –	Quédate en casa, Governo Mexicano.....	45
Figura 10 –	Primeira brasileira vacinada no Brasil exibe seu cartão de vacinação (17 jan. 2021).....	51
Figura 11 –	Arthur Marciel, 06 anos. Vestiu-se de Jacaré para receber a vacina contra a Covid.....	53
Figura 12 –	Praça do Ferreira em período de Lockdown.	57
Figura 13 –	Fábrica Fortaleza e o “vai dar certo” durante a pandemia.	59
Figura 14 –	Hospital de Campanha na Regional Norte, Sobral- 2021.	61
Figura 15 –	Primeiras doces da vacina contra a COVID no Ceará.....	62
Figura 16 –	Profissionais da saúde em Mato Grosso e o incentivo ao “FIQUE EM CASA”.68	68
Figura 17 –	Imagen oficial da Calçada Literária.	71
Figura 18 –	Calçada Literária, em sexta-feira 4 de junho de 2021.....	74
Figura 19 –	Vídeo de homenagem para a Calçada Literária: um ano de leituras.	75
Figura 20 –	Capa do livro “A sociedade literária e a torta de casca de batata”	76
Figura 21 –	Calçada Literária registro 1	97
Figura 22 –	Calçada Literária Registro 2.....	98
Figura 23 –	Calçada Literária Registro 3.....	99
Figura 24 –	Calçada Literária registro 4	99
Figura 25 –	Calçada Literária registro 5	100
Figura 26 –	Calçada Literária registro 6	101
Figura 27 –	Calçada Literária registro 7	102
Figura 28 –	Escola Alencar Colares- Biblioteca Calçada Literária	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGEFIS	Agência de Fiscalização de Fortaleza
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CERB	Benefício de Resposta à Emergência do Canadá
CFE	Conselho Federal de Educação
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
FACED	Faculdade de Educação
FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FILOS	Filosofia e Sociologia da Educação
HCAN	Hospital do Câncer
HGU	Hospital Geral Universitário
HD	Disco Rígido
HISTEDBR	Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"
HRN	Hospital Regional Norte
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LHEC	História e Educação Comparada
LIPED	Linguagens e Práticas Educativas
LTE	Linha Trabalho e Educação
MOSEP	Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola
NAVE	Avaliação Educacional
NHIME	Núcleo de História e Memória da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RNA	Ácido Ribonucleico
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SESA	Secretaria Estadual da Saúde
STF	Supremo Tribunal Federal
UFC	Universidade Federal do Ceará

UTI Unidade de Terapia Intensiva
USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	AO BULIÇOSO QUE CHEGOU AQUI	17
2.1	Pegue o tamborete: entre a História e Memória.....	20
2.1.1	<i>História da Educação</i>	21
2.1.2.1	<i>História e Memória da Educação na Universidade Federal do Ceará</i>	27
	2.1.2.1.10 O espaço de estudo e uma filha da terra da luz	29
3	UM SERENO QUE ADOECEU O MUNDO: VÍRUS SARS-CoV2.....	38
3.1	O vírus e o país verde e amarelo	47
3.1.1	<i>O vírus e o Siará Grande</i>	55
3.1.3.1	<i>Breve reflexão: A Pandemia e o ensino no Brasil</i>	63
4	UM OÁSIS EM MEIO À COVID-19: CALÇADA LITERÁRIA	67
4.1	Arriégua! E as narrativas são fontes de pesquisa?	79
4.1.1	<i>Sob a sombra da Calçada</i>	83
4.1.4.1	<i>Uma mensagem para os futuros Calçadianos</i>	104
4	CONCLUSÃO	106
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	116
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	117
	ANEXO A – HOMENAGEM AOS MEUS BISAVÓS QUE PARTIRAM NA PANDEMIA	119
	ANEXO B – DECRETO N°33.510, de 16 de março de 2020	120

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca investigar como a História da Educação continuou a ser tecida durante a pandemia da Covid-19, um período em que escolas e universidades estiveram fechadas devido aos decretos estaduais no Ceará e à necessidade de distanciamento social. Em meio a esse cenário de incerteza e isolamento, surgiram iniciativas pedagógicas que se tornaram espaços de aprendizado e partilha de experiências educacionais. Uma dessas iniciativas foi a *Calçada Literária*, um grupo de leitura que emergiu como um refúgio emocional e intelectual para seus participantes, mantendo viva a tradição do debate literário e reforçando o papel da literatura como fonte de pesquisa na História da Educação.

Nesse contexto, esta pesquisa se insere no campo da História e Memória da Educação, examinando como práticas culturais emergentes em tempos de crise contribuem para a construção de sentidos e para a preservação da memória coletiva. A narrativa e a memória, nesse cenário, são compreendidas como elementos essenciais para registrar e reinterpretar eventos históricos, permitindo um olhar crítico sobre as respostas sociais aos desafios impostos pela pandemia. Assim, a *Calçada Literária* é analisada como um espaço significativo de interação e aprendizagem, no qual a leitura, a discussão e o debate de obras literárias serviram de suporte emocional e intelectual para os participantes.

Cabe salientar que o grupo, inicialmente composto por amigos interessados na leitura de contos de escritores consagrados como Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Lima Barreto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, dentre outros, expandiu-se, atraindo participantes de diferentes áreas, como jornalistas, psicanalistas, professores e estudantes universitários. Realizando encontros semanais virtuais por meio da plataforma *Google Meet*, a *Calçada Literária* tornou-se um espaço de diálogo, acolhimento e reflexão, evidenciando a força da literatura em tempos de adversidade.

No que tange à abordagem metodológica, este estudo possui natureza básica e abordagem qualitativa, utilizando-se das narrativas dos sujeitos envolvidos para compreender suas experiências. Optou-se pela pesquisa bibliográfica como método técnico, dada sua importância na construção do embasamento teórico a partir de fontes secundárias. Entre as referências centrais, destaca-se a obra de Michèle Petit (2009), essencial para aprofundar o tema e ampliar os horizontes da pesquisa. Além dessa autora, foram estabelecidas conexões com outros estudiosos fundamentais para o desenvolvimento do estudo, como Jerome Bruner (2001), Christine Delory-Momberger (2008), Nancy Huston (2009) e Cecília Galvão (2005), entre

outros. Ademais, foram consultados sítios eletrônicos que proporcionaram acesso a um importante arcabouço legal e documental, consolidando a fundamentação necessária para a pesquisa.

Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa é analisar as narrativas construídas pelos participantes da *Calçada Literária* para compreender como a leitura de obras literárias foi ressignificada como um subterfúgio emocional e intelectual durante a pandemia. Mais do que investigar os textos discutidos no grupo, este trabalho busca contribuir para a historiografia da educação, demonstrando que, mesmo com as instituições formais de ensino fechadas, a História da Educação foi tecida por meio de iniciativas como essa.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho investigativo foi dividido em três etapas interligadas. A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico, que possibilitou a compreensão da leitura de obras ficcionais como instrumento de apoio para atravessar momentos de crise e conflito; a ambientação do campo em que se insere a História e Memória da Educação; bem como, a Covid-19 e seu impacto dentro da escala global e local. A segunda etapa envolveu a coleta das narrativas de seis participantes do grupo literário, utilizando a entrevista semiestruturada como principal ferramenta de coleta de dados. Já a terceira e última etapa se dedicou à transcrição fiel e à análise das falas dos entrevistados, assim como aos fichamentos das leituras realizadas. Cada fase foi conduzida de maneira rigorosa, garantindo a coesão entre teoria e análise empírica.

À vista disso, o desenvolvimento deste trabalho está organizado em seções. A primeira apresenta um levantamento sobre a História da Educação como campo de pesquisa, com enfoque específico no espaço de estudo da Linha de História e Memória da Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, incluindo também a apresentação de especificidades que caracterizam o Ceará. Compreenda-se que este é o local onde os assuntos da pesquisa se inserem, bem como o ambiente de pesquisa. Na segunda seção, discute-se a pandemia da Covid-19 em suas dimensões: global, nacional e, de forma mais específica, no estado do Ceará. A terceira seção introduz a *Calçada Literária*, destacando a importância das narrativas como fonte de pesquisa e a visão dos colaboradores que participaram do grupo por meio de suas próprias experiências.

Dentre os desafios enfrentados, salienta-se a escassez de registros acadêmicos sobre grupos literários surgidos durante a pandemia e as dificuldades em estabelecer uma cronologia precisa dos eventos associados à *Calçada Literária*. No entanto, essas lacunas reforçam a relevância desta investigação, pois contribuem para documentar e valorizar práticas culturais

que desempenharam um papel essencial na manutenção do vínculo social e educacional durante a crise sanitária.

Justifica-se, portanto, este trabalho não apenas pelo papel que a *Calçada Literária* desempenhou em um momento de adversidade, proporcionando um senso de normalidade e pertencimento a seus participantes, mas também pela necessidade de registrar essa experiência como um testemunho da resiliência da educação. Assim como uma calçada convida ao encontro e à partilha, o grupo literário tornou-se um espaço de acolhimento, resistência e alívio diante das incertezas da crise. Essa experiência comprova que a educação não pode ser vencida por um vírus ou por portas fechadas; ela persiste, unindo pessoas e criando ambientes de aprendizado, conforto e reflexão. A História da Educação continuou a ser escrita, mesmo em meio às dificuldades, reafirmando a capacidade humana de se reinventar por meio da cultura e do conhecimento.

Por fim, a investigação da *Calçada Literária* não apenas preserva a memória de um momento singular, mas também evidencia como a literatura pode atuar como um refúgio emocional e intelectual. Como bem observa Le Goff (2013, p. 387), a memória "remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". Repensar o passado, nesse sentido, é reinterpretá-lo sob a ótica do presente, construindo novas compreensões e sentidos. Assim, este trabalho pretende não apenas contribuir para a historiografia da educação, mas também lançar luz sobre as práticas culturais de cearenses que emergiram como resposta às adversidades da pandemia, demonstrando que as experiências educacionais por meio da literatura de ficção continuam a ser uma chama acesa, apontando caminhos mesmo nos momentos mais sombrios enfrentados pelos sujeitos em um mundo social complexo.

2 AO BULIÇOSO¹ QUE CHEGOU AQUI

Não sei como você teve acesso a este trabalho acadêmico, mas se em algum momento você se perguntou como as pessoas passaram o seu tempo durante a pandemia causada pela Covid-19 ou como a literatura pôde ajudar de alguma forma nesse momento... Você buliu² e encontrou! Esse é o documento certo! E se não era isso que você estava procurando, não tenho dúvidas de que essa dissertação é mais que um trabalho acadêmico, por isso, lembre-se de ler e conhecer um pouco. Para os que seguem a leitura, antes de explicar um pouco mais sobre objeto de pesquisa, será necessário apresentar duas importantes palavras: memória e narrativas.

Você já observou que seja sentado em um banco no ônibus ou na fila de um estabelecimento, é comum visualizar desconhecidos, que ao se conhecerem, compartilham suas experiências e diversas situações de vida? Quem nunca sentou perto de um estranho e ouviu ou compartilhou coisas únicas? Parece que cada pessoa acessa sua história vivida no “HD”³ chamado memória e, em pouco tempo, já se está a narrar o fato escolhido. De acordo com Bruner (1991), este **ato de narrar** as próprias histórias é essencial para organizar e dar sentido à experiência diária de cada indivíduo, permitindo criar histórias que refletem vivências, crenças e valores. Essas histórias não apenas preservam práticas culturais ao longo dos séculos, mas também oferecem uma forma única de acessar e compreender a memória coletiva.

Culminando com o mesmo pensamento, Pollak (1992) afirma que **a memória** é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 5). Por isso, ousa-se dizer que a memória é responsável por conferir identidade e senso de pertencimento, seja a algo, a alguém ou a algum lugar. Contudo, é a capacidade de narrar o que está armazenado na memória que fortalece e dá sentido às vivências, valores e crenças.

Diante disso, talvez um dos mais conhecidos escritos para a sociedade ocidental, no qual o investigador tratou de entrevistar e escrever tudo quanto lhe foi narrado, esteja registrado no Evangelho segundo escreveu Lucas. Esse Evangelho foi escrito pelo médico gentio Lucas,

¹ Palavra tipicamente nordestina que significa aquele que bole, que se move sem cessar; agitado, movimentado.

² Mexer em algo ou alguém.

³ HD é a abreviação para Hardware; um disco rígido usado para armazenar conteúdo digital e dados em computadores.

convertido ao cristianismo, sendo companheiro de viagem de Paulo e que frequentava o círculo apostólico. Conforme o Reverendo Augustus Nicodemus Lopes (2012, p. 11):

Ele teria produzido esse evangelho pelo final da década de 60 [século I], a partir de pesquisa que fez da tradição oral e escrita que remontava aos próprios apóstolos. Seu objetivo, conforme declaração no início da obra Lucas-Atos, era firmar na fé um nobre romano chamado Teófilo.

Lucas não havia sido uma testemunha ocular dos feitos daquele que marcou a humanidade, mas curioso e determinado a documentar os fatos, registrou o que ouviu e entendeu daqueles que andaram lado a lado com o Nazareno, e, o resultado disso, perdura até os dias atuais.

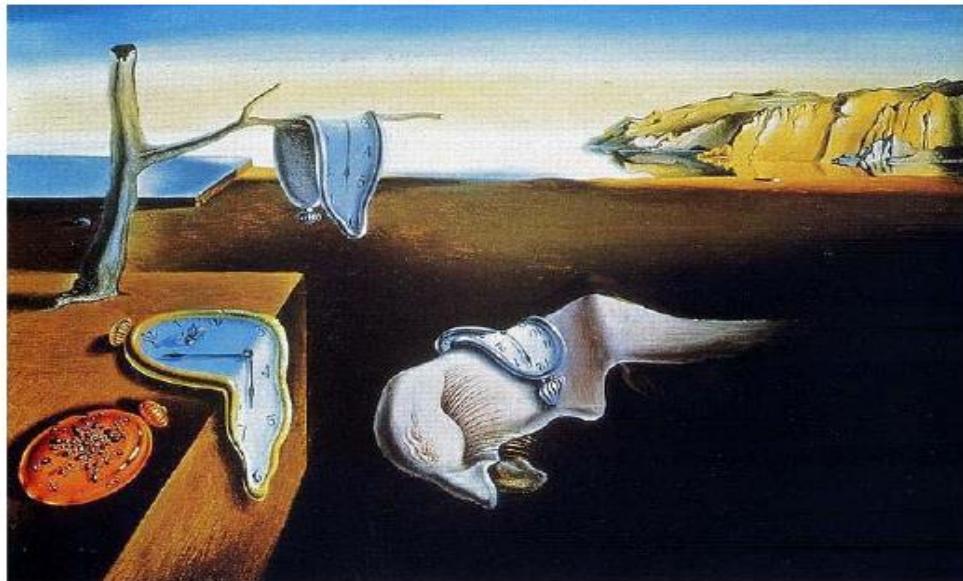
Todavia, há quem creia que tal registro não se faz importante. Essa talvez seja uma das maiores mazelas da sociedade atual: desprezar a memória, e, principalmente, das nascidas através das narrativas orais. Um dos fenômenos mais desoladores das sociedades contemporâneas é a falta de sentido na vida (ou desaparecimento) da memória, tanto individual quanto coletiva. Sim, hoje tudo leva a crer que o ser humano é sem apego a memória. Ele se tornou, na maioria das vezes, carente, necessitado e aflito. É por isso, que na arte, encontra-se a denúncia de tal situação e ninguém mais do que Salvador Dalí (1904-1989) para simbolizar a perda da memória na era contemporânea. Um quadro magnífico e cativante com quatro relógios que se derretem, tendo como cenário uma paisagem obscura e isolada (*A persistência da memória*, 1931⁴).

A seguir, é possível observar a representação do quadro e abaixo da tela, as seguintes informações redigidas pelo professor Doutor Ricardo da Costa:

Salvador Dalí, *Persistência da Memória* (*Persistance de la mémoire*, 1931), óleo sobre tela, 24 X 33 cm. Nova Iorque. *The Museum of Modern Art*. Um “delírio comestível” nascido de um sonho que o pintor teve de um camembert escorrendo (que representa o tempo, que come e também se come). O relógio no centro da tela parece aludir a uma sela sobre um cavalo branco ou, no tema que nos interessa, um chapéu na cabeça de um homem com bigode, esbaforido, com a língua para fora, exaurido e angustiado por sentir que sua memória se esvai (e derrete como um queijo camembert). Um homem sem memória é como um relógio que se derrete... Há alguma imagem do século XX mais significativa sobre a perda da memória do homem contemporâneo que esse genial quadro do pintor catalão? (Costa, 2007, p.2).

⁴ Trata-se de uma pintura do artista surrealista Salvador Dalí de 1931. A pintura está localizada na coleção do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque desde 1934.

Figura 1 – A persistência da memória, 1931



Salvador Dalí, *Persistência da Memória* (*Persistance de la mémoire*, 1931), óleo sobre tela, 24 x 33 cm, Nova Iorque, The Museum of Modern Art. Um “delírio comestível”, nascido de um sonho que o pintor teve de um camembert escorrendo (que representa o tempo, que come e também se come). O relógio no centro da tela parece aludir a uma sela sobre um cavalo branco ou, no tema que nos interessa, um chapéu na cabeça de um homem com bigode, esbaforido, com a língua para fora, exaurido e angustiado por sentir que sua memória se esvai (e derrete como um queijo camembert). Um homem sem memória é como um relógio que se derrete... Há alguma imagem do século XX mais significativa sobre a perda da memória do homem contemporâneo que esse genial quadro do pintor catalão?

Fonte: Ricardo da Costa (2007, p. 2).

De acordo com o quadro e diante do que já foi exposto, entende-se que sem memória não há História.

Por isso, caro leitor, registrar a memória de pessoas que viveram determinado tempo histórico não é perda de tempo! Assim, este trabalho rememora, por meio das narrativas daqueles que viveram e experimentaram a literatura como subterfúgio, válvula de escape e catarse diante de um vírus que deixou o mundo de joelhos. A *Calçada Literária* foi um grupo que nasceu para, através da literatura, atravessar este período de incertezas e medos durante a pandemia causada pela Covid-19, sendo formada por nordestinos e, por esse motivo, os títulos e seções apresentam um vocabulário peculiar a essa comunidade.

Espera-se que, quando se perguntarem o que as pessoas fizeram durante o confinamento causado pelo vírus, este trabalho, ainda que não suficiente em detalhes, possa contribuir para responder tal pergunta. Foi ao observar a importância de ouvir o que aconteceu por quem viveu a experiência e registrar o que foi coletado que esse trabalho nasceu, não para ser mais um escrito repleto de palavras rebuscadas e vazias, mas como uma maneira de honrar

e agradecer, ensinado as gerações futuras que existiu compromisso com a ciência, mesmo quando os muros das universidades e escolas estiveram fechados.

Por fim, para realmente começar, cabe lembrar que “as narrativas favorecem ao [...] pesquisador a possibilidade de garimpar peculiaridades subterrâneas da memória” (Gomes, 2012, p. 154). Boa leitura!

2.1 Pegue o tamborete⁵: entre a História e Memória

Antes de adentrar no objeto de estudo aqui abordado, cabe situar os leitores em qual campo de pesquisa tal trabalho está inserido. Por isso, pegue seu tamborete, assente-se com uma boa xícara de café e descubra um pouco mais sobre este campo do conhecimento.

A prática de pesquisa em História oferece a oportunidade de apoiar-se na retrospecção, observação, análise de fatos e acontecimentos relativos ao passado, visto que não podemos “pegar o passado” e reproduzi-lo em um laboratório. Não é de se espantar que Marc Bloch (1886-1944) afirmou que “(...) não se pode mudar o passado. Mas se pode estudá-lo, como fazem os historiadores, para melhor conhecê-lo”. Por isso, como afirma Luca (2020, p. 8), “é graças aos vestígios e aos indícios que chegaram até o presente que os pesquisadores podem propor explicações sobre o que passou”.

É importante compreender que a História está longe de ser algo estático; as interpretações sobre o passado estarão abertas a novas compreensões. Isso significa que a História poderá sempre ser reescrita, todavia, cabe ao pesquisador nem neutralidade absoluta, nem subjetividade radical; não se trata de absorver ou condenar, mas de explicar e registrar por que uma prática, uma crença, um pensamento, um valor moral eram aceitos (ou não) em um dado momento histórico, “ainda que se tenha opinião a respeito deles” (Luca, p. 22).

Consequentemente, o conhecimento histórico é dinâmico e cada geração relê, reescreve e reinterpreta o passado. Assim, a História não é a ‘mestra da vida’, visto que cada geração tem à sua frente novos horizontes, como também não revela verdades para sempre estabelecidas, já que tanto o presente como o passado comportam múltiplas possibilidades. Talvez esse seja o mais fascinante aspecto da pesquisa envolvendo a História, pois sempre convidará seus praticantes a “tomar em conta as interpretações produzidas por aqueles que os antecederam no tempo” (Luca, p. 30).

⁵ Trata-se de um pequeno banco, normalmente feito de madeira, de tamanho reduzido, sem braços nem encosto, com espaço para apenas uma pessoa sentar.

Deste modo, sabe-se que o campo da História foi por muito tempo conhecido apenas pela soberana narrativa de acontecimentos políticos e militares, mas foi Auguste Comte, com o positivismo na França do século XIX, quem defendeu uma “historiografia sem nomes”, dando origem às primeiras preocupações com a história da sociedade (Bittar, 2019, p. 2).

Por outro lado, pensadores como Émile Durkheim (1858-1917), Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) demonstraram um certo distanciamento da História em seus fatos e acontecimentos particulares. Como afirma Bittar (2009, p. 2): [...] Emile Durkheim demonstrou desprezo pelos acontecimentos particulares, enquanto Marx e Engels refutaram a história como coleção de fatos sem vida, trataram da luta de classes e da relação entre essência e aparência.

Assim, a crítica sociológica se comprometeu em derrubar o que era entendido como os "ídolos" dos historiadores: o ídolo político, o ídolo individual e o ídolo cronológico. Em resumo, principais críticas ao empirismo, ao idealismo e à história centrada em reis e rainhas, questionando a historiografia herdada de Heródoto, que se destaca como um dos primeiros a relatar, documentar e interpretar eventos históricos por meio de narrativas. Esse feito acabou por ser reconhecido como o "antigo regime da historiografia" (Bittar, 2009, p.2).

Para o novo tempo da historiografia, a herdeira das tradições passadas, a Escola dos Annales (1929–1989) surge na primeira metade do século XX, na França, incorporando métodos das Ciências Sociais à História. Seus principais expoentes foram os historiadores Lucien Febvre (1878–1956) e Marc Bloch (1886–1944). A escola propôs uma abordagem mais ampla e profunda da História, indo além da simples cronologia de fatos e dados. É nesse contexto que surge o campo de pesquisa na *História da Educação*.

2.1.1 História da Educação

Para compreender o percurso do campo da História da Educação no Brasil, é essencial apoiar-se nos estudos dos professores Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho, especialmente na obra *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*.

Segundo Vidal e Faria Filho (2003), o desenvolvimento desse campo ganhou força a partir do final da década de 1960 e início da de 1970, com a criação dos primeiros Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil, como o da Pontifícia Universidade Católica- PUC-Rio, em 1965, e o da PUC-SP, em 1969. Esse movimento intensificou-se na década de 1980, com a formação de importantes grupos, como o Grupo de Trabalho "História da Educação",

vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1984, e o Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), em 1986 (Vidal; Faria Filho, 2003, p. 37-38).

Esse período foi marcado por um aumento significativo na produção de trabalhos na área e pela consolidação de uma identidade própria para o historiador da educação, embora essa identidade fosse multifacetada e diversificada. Entretanto, é importante observar que, desde a segunda metade do século XIX, já existiam obras sobre a história da educação no Brasil, escritas por médicos, advogados, engenheiros, religiosos, educadores e historiadores. Esses profissionais, em suas viagens pelo país e pelo mundo, contribuíram para a produção de trabalhos científicos sobre o tema (Vidal; Faria Filho, 2003).

Vidal e Faria Filho (2003), a partir disso, apresentam três vertentes, ou três caminhos interligados, que evidenciam o surgimento do campo da História da Educação. As ideias apontadas nesta seção seguem a compreensão a partir da leitura de tal escrito.

A primeira vertente é intitulada *A História da Educação e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)*⁶. Nesse contexto, destaca-se a obra *L'Instruction publique au Brésil: histoire et législation (1500-1889)*, de José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913). Composta como um elogio ao Império — regime então em transição para a República —, a obra exerceu grande influência na historiografia educacional brasileira, sendo amplamente citada por estudiosos como Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) e Fernando de Azevedo (1894-1974).

Embora não tenha sido concebida inicialmente como material didático para as Escolas Normais⁷, a obra desempenhou um papel crucial na construção da história da educação no Brasil. Destacou-se por abordar a instrução pública sob uma ótica positiva, alinhada aos ideais e às práticas do IHGB, que desempenhava um papel central na organização de fontes históricas e na construção de uma narrativa nacional.

A conexão entre a produção de Pires de Almeida e o IHGB revela uma intersecção significativa entre as disciplinas de história e educação, que, à primeira vista, poderiam parecer independentes. O IHGB, com sua metodologia positivista, dedicava-se à sistematização de documentos e à construção de uma história nacional fundamentada em dados e evidências.

⁶ Trata-se da entidade mais antiga dedicada ao estudo da história e geografia do Brasil, estabelecida em 1838. A meta era fomentar o estudo e a reflexão acerca da construção da nação brasileira, através da coleta de documentos, arquivos pessoais, cartografia e iconografia.

⁷ As Escolas Normais surgiram no Brasil com a finalidade de preparar professores para o ensino primário. O primeiro curso normal foi criado em 1835, tornando-se o principal meio de formação de educadores, tanto para os recém-formados quanto para os experientes na área.

Nesse sentido, a obra de Pires de Almeida contribuiu diretamente para os esforços da instituição, oferecendo subsídios valiosos para a interpretação da instrução pública como parte integrante da formação da identidade brasileira.

Outro marco importante para o campo da história da educação no Brasil ocorreu com a publicação do primeiro volume de *A instrução e o Império: subsídios para a História da Educação no Brasil (1823-1853)*, de Primitivo Moacyr (1869-1942). Essa série, composta por 15 volumes publicados entre 1936 e 1942, destacou-se pela coleta e organização de documentos legais, estatutários e educacionais referentes ao período imperial, às províncias e à República. Reconhecido por figuras de destaque na área educacional, como Afrânio Peixoto, o trabalho de Moacyr foi elogiado por sua relevância como base para o desenvolvimento de estudos históricos sobre educação. Os volumes integraram a Biblioteca Pedagógica Brasileira⁸, coordenada por Fernando de Azevedo, e foram inicialmente publicados pela *Cia. Editora Nacional*, sendo posteriormente incorporados ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Nos anos seguintes, o INEP continuou desempenhando um papel essencial na organização e divulgação de documentos sobre a educação nacional. Em 1940, lançou a série *Subsídios para a História da Educação Brasileira*, composta por volumes que registravam os principais atos educacionais do país durante a década de 1940. Apesar das mudanças de enfoque nas atividades do Instituto, a sistematização e a coleta de documentos consolidaram-se como características fundamentais dos estudos educacionais, influenciando profundamente a maneira como a história da educação no Brasil era escrita e pesquisada. Esse movimento ganhou ainda mais força na década de 1950, com a criação, em dezembro de 1955, do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE)⁹, por Anísio Teixeira, com o objetivo de revitalizar e aprofundar as pesquisas educacionais no país.

Publicações posteriores ao advento do regime republicano, como o *Livro do Centenário e o Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*¹⁰, continuaram a seguir os princípios estabelecidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Essas obras reafirmaram a tradição de coletar, organizar e interpretar documentos históricos.

⁸A Biblioteca Pedagógica Brasileira é um projeto da Companhia Editora Nacional, sendo criada em 1931 por Fernando de Azevedo, um dos signatários da “Escola Nova”. A Brasiliiana é composta por 387 volumes, além de 26 da série Grande Formato e 2 da Série Especial.

⁹Este centro é dedicado à área da Educação e atua em segmentos como Biblioteca e Arquivo, sendo responsável pela documentação gerada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e outros órgãos relacionados.

¹⁰Livro em comemoração ao primeiro centenário da independência do Brasil. Este dicionário contém informações detalhadas sobre a história, geografia e etnografia brasileira.

Nesse contexto, a história da educação no Brasil consolidou-se como parte dessa tradição, alinhada a uma narrativa que buscava destacar os avanços do país e sua trajetória de desenvolvimento civilizatório, desde o período colonial até a República.

A segunda *vertente* está relacionada à *História da Educação e as Escolas Normais*.

Nos anos 1920, a disciplina de História da Educação foi incorporada ao currículo das Escolas Normais, iniciando no Rio de Janeiro em 1928, como parte das reformas educacionais implementadas por Fernando de Azevedo. Essas reformas buscavam modernizar a educação brasileira, alinhando-a aos ideais da Escola Nova e promovendo uma maior especialização na formação de professores. Júlio Afrânio Peixoto, um dos primeiros professores dessa disciplina, publicou, em 1933, o primeiro manual brasileiro sobre o tema, *Noções de História da Educação*, que influenciou a produção e o formato de manuais subsequentes. A obra destacou-se por seu enfoque panorâmico, dedicando atenção à história educacional brasileira e frequentemente adotando um tom crítico em relação a períodos específicos.

Peixoto (1933) teceu duras críticas ao atraso educacional do Brasil, atribuindo parte do problema ao descaso do poder público e à falta de um esforço coletivo. Ele valorizou o papel dos jesuítas no período colonial, criticou severamente as reformas pombalinas e analisou a educação no Império e na República com um viés negativo. Apesar desse cenário desalentador, a Escola Nova foi apresentada por ele como um marco de esperança para reverter o quadro de negligência educacional no país. Sobre esse movimento educacional, os autores destacam que:

O capítulo seguinte começava pela caracterização dos princípios norteadores da escola nova e pela defesa de seus ideais e propostas. Prosseguia com a enumeração de iniciativas escolanovistas no mundo e concluía afirmando: “A educação, na escola, se resume numa fórmula breve: deve ser o noviciado da sociedade”. A escola nova era apresentada como a possibilidade de reparação desse passado educacional de abandono e escassez de iniciativas no que concerne especialmente à instrução popular (Vidal; Faria Filho, 2003, p. 48).

Essa abordagem moldou os manuais subsequentes, que enfatizavam uma pedagogia renovadora como evolução histórica, embora limitados pela ausência de pesquisa em fontes primárias e pela dependência de compilações e análises pouco críticas. Outros manuais de História da Educação seguiram padrões semelhantes, com autores frequentemente dedicando poucas páginas à história educacional brasileira. Predominava a visão de que o país possuía uma história educacional significativa, mas pouco explorada, como se observa nas contribuições de Tito Lívio Ferreira (1894-1988). Ferreira adotou uma abordagem mais fundamentada em documentos históricos, destacando uma visão crítica em relação às

contribuições anteriores. Ele, por exemplo, questionou o protagonismo exclusivo atribuído aos jesuítas e apontou a importância da administração portuguesa no desenvolvimento educacional.

A disciplina de História da Educação era frequentemente associada à Filosofia da Educação, herdando um caráter moral e formador. Funcionava como uma ciência auxiliar da Pedagogia, sendo utilizada para reforçar valores estabelecidos e ideais educativos contemporâneos, em vez de promover análises críticas profundas sobre o passado. Essa característica consolidou uma narrativa que priorizava o pragmatismo moral e a defesa de uma educação cristã e popular.

Apesar das críticas internacionais, como as de Afrânio Peixoto (1933), que apontavam a repetitividade e a falta de inovação nas pesquisas da área, os manuais da época mantinham padrões conservadores em sua construção e análise. A abordagem de Tito Lívio Ferreira, contudo, revelou a possibilidade de um trabalho mais rigoroso e documental, contrastando com a predominância de influências externas voltadas para princípios pedagógicos específicos. Ainda assim, faltava uma interpretação mais crítica e aprofundada dos processos históricos da educação no Brasil.

A terceira e última vertente, A História da Educação e a Escrita Acadêmica, apresenta Fernando de Azevedo, por meio do escrito *A Cultura Brasileira*¹¹, publicado em 1943. A obra, inicialmente concebida como volume introdutório aos resultados do Recenseamento Geral de 1940, com quase 800 páginas divididas em três tomos, transcendeu sua função inicial e se tornou uma referência na história e na educação brasileira. Organizado em três partes — *Os fatores da cultura, A cultura e A transmissão da cultura* — o livro aborda desde os fatores formadores da identidade nacional até os processos educativos, sendo influenciado por obras como *Casa-Grande & Senzala*¹² e *Raízes do Brasil*¹³. Azevedo dialogam com essas obras ao enfatizar a herança portuguesa e a religiosidade como elementos constitutivos da cultura brasileira.

A obra também se destaca como um marco na defesa da Escola Nova, um modelo educacional progressista que Azevedo promovia desde o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*

¹¹É vista como uma das bases da história da educação brasileira. Neste trabalho, Azevedo conecta ideias de civilização e cultura, investigando a progressão da educação no Brasil e sua conexão com o progresso cultural da nação.

¹²Trata-se de uma obra do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), lançada em 1933, no Brasil. O livro examina a estrutura social do Brasil Colonial por meio do diálogo entre senhores e escravos, transformando radicalmente as pesquisas sociais no país com seus novos conceitos e métodos.

¹³Uma obra literária do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), originalmente lançada em 1936. Neste livro, o escritor apresenta sete ensaios que investigam a origem histórica e cultural da população brasileira, discutindo aspectos significativos dessa formação.

*Nova de 1932*¹⁴. Ele posicionou-se como defensor desse movimento renovador na educação, contrastando-o com tradições consideradas reacionárias, como as práticas jesuíticas ou as políticas pombalinas. Assim, a narrativa alterna entre elogiar os pioneiros da Escola Nova e criticar atores e eventos históricos que ele via como entraves ao progresso educacional.

O livro ainda reflete, não apenas a formação acadêmica de Azevedo, mas também sua experiência jornalística, marcada pelo uso de estratégias típicas da linguagem jornalística, como polarizações e ironias veladas. Traduzido para o inglês em 1950 e, posteriormente, segmentado, *A Cultura Brasileira (1943)* consolidou a reputação de Azevedo como intelectual e influenciador da educação, sendo amplamente estudado na Universidade de São Paulo (USP), onde ele lecionou até 1961.

Paralelamente, Laerte Ramos de Carvalho (1922-1972) e outros acadêmicos expandiram a pesquisa histórica educacional no Brasil, investigando temas pouco explorados, como as reformas pombalinas. Esse movimento trouxe uma nova dimensão documental e filosófica à historiografia da educação brasileira, com Ramos de Carvalho liderando um grupo que incluía pesquisadores como Roque Spencer Maciel de Barros (1927-1999) e Jorge Nagle (1929-2019). Eles destacaram a importância de entender a educação como um fenômeno social e político, enquanto buscavam romper com o modelo tradicional de periodização, baseado apenas em eventos políticos.

Cabe ressaltar que, na Universidade de São Paulo (USP), a disciplina de história da educação foi inicialmente promovida no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) a partir de 1938. Durante as décadas seguintes, a área ganhou força com pesquisadores como Ramos de Carvalho, que liderou a cátedra de História e Filosofia da Educação. Esse grupo, ao investigar documentos primários e levantar temas pouco explorados, construiu uma historiografia voltada ao sistema público de ensino, resultando em obras de referência para a compreensão da história educacional no Brasil.

Com o parecer CFE 251/62¹⁵, que incluiu a história da educação no currículo mínimo dos cursos de pedagogia, sendo incluída de forma mais significativa no programa geral da cátedra, “talvez ainda, em virtude da aposentadoria de Azevedo, em 1961” (Vidal; Faria Filho, 2003, p.56), a disciplina consolidou-se como fundamental para formar uma visão crítica

¹⁴Foi um documento significativo que teve como objetivo reformular o sistema educacional do Brasil durante a administração de Getúlio Vargas. Ele advogava pela formação de uma escola pública, predominantemente sem fins lucrativos e mista, destacando a importância de um ensino que correspondesse às necessidades sociais e culturais da época.

¹⁵O parecer 251/62 do Conselho Federal de Educação (CFE) definiu o currículo mínimo e a descrição do Curso de Pedagogia. O Conselheiro Valnir Chagas relatou o parecer, que foi aprovado pelo ministro da Educação Darcy Ribeiro.

sobre o sistema educacional brasileiro. Essa exigência orientou os cursos a enfatizarem tanto a história global da educação quanto a brasileira, proporcionando aos futuros pedagogos uma base teórica e histórica sólida para compreender os desafios educacionais contemporâneos.

Nos anos 1960 e 1970, a história da educação brasileira também ganhou força nos programas de pós-graduação, sem o “afastamento dos primados da relação entre história e filosofia e mais, ao contrário, por uma ênfase nessa aproximação a partir de um referencial teórico-marxista” (Vidal; Faria Filho, 2003, p.57), como as de Althusser (fim dos anos 1960 e 1970) e depois em Gramsci (anos 1970 e 1980). Essa fase reforçou a centralidade do papel dos intelectuais e do Estado na organização educacional, mas manteve traços da abordagem azevediana, como o pragmatismo e o presentismo. Azevedo e seus sucessores enfatizavam a educação como instrumento de transformação social, embora de perspectivas distintas.

Mesmo com a adoção de teorias críticas, a historiografia educacional brasileira consolidou o legado de Azevedo, combinando análise documental, preocupação social e propostas pedagógicas. Esse processo foi acompanhado por esforços para construir uma história da educação autônoma, capaz de explicar os contextos históricos e intervir no presente. Dessa forma, a obra e o pensamento de Fernando de Azevedo continuam sendo pilares fundamentais na história educacional do Brasil.

Essa trajetória demonstra como a história da educação, longe de ser apenas um relato do passado, tornou-se um campo de disputas políticas e teóricas que moldaram a educação brasileira moderna. A combinação do legado histórico, da idealização da escola pública e dos projetos de renovação educativa refletem a complexidade e os desafios enfrentados por intelectuais comprometidos com a transformação social.

Por fim, a incorporação da história da educação nos cursos de pedagogia, desde sua inclusão no currículo mínimo até os avanços nas pós-graduações, rumina a busca por uma formação docente comprometida com a transformação social. A disciplina se estabeleceu como espaço essencial para promover debates sobre os rumos da educação, conectando passado e presente para enfrentar os desafios do futuro.

2.1.2.1 História e Memória da Educação na Universidade Federal do Ceará

A Universidade Federal do Ceará (UFC), sediada na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, foi criada pela Lei n.º 2.373, de 16 de dezembro de 1954. Trata-se de uma instituição federal de ensino superior, constituída como uma autarquia de regime especial e vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto. Conforme o artigo 2.º de seu estatuto, a

UFC possui autonomia didático-científica, administrativa, financeira e patrimonial, respeitando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Universidade Federal do Ceará, 2020, p. 4).

De acordo com o portal de publicações oficiais da universidade, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), vinculado à Faculdade de Educação (FACED)¹⁶, é composto por nove linhas de pesquisa: Avaliação Educacional (NAVE); Educação, Currículo e Ensino (LECE); Educação, Estética e Sociedade; Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS); História e Educação Comparada (LHEC); História e Memória da Educação (NHIME); Linguagens e Práticas Educativas (LIPED); Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola (MOSEP); e Trabalho e Educação (LTE) (Universidade Federal do Ceará, 2024).

Conforme o disposto no artigo 66, seção III, do estatuto da universidade, o PPGE tem como missão zelar:

§ 3º O mestrado objetivará enriquecer a competência científica e profissional dos graduados, podendo ser encarado como fase preliminar do doutorado ou como nível terminal ou revestir simultaneamente ambas as características.

§ 4º O doutorado proporcionará formação científica e cultural ampla e aprofundada, desenvolvendo a capacidade de pesquisa e o poder criador nos diferentes ramos do saber (Universidade Federal Do Ceará, 2020, p. 28).

Cultivando um compromisso com a sociedade, destaca-se, dentre as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação, a História e Memória da Educação, que se apresenta como um espaço primordial para a construção deste trabalho. Essa relevância decorre de sua abordagem específica e de sua proximidade com os estudos relacionados à História da Educação.

A linha de pesquisa em História e Memória da Educação, do PPGE- UFC, é responsável por investigar e analisar aspectos relacionados à história da educação, da pedagogia, das instituições, das reformas escolares e da formação de professores(as). Além disso, abrange biografias docentes, ideias pedagógicas, práticas educativas e políticas educacionais (Universidade Federal do Ceará, 2024).

Quanto à delimitação temporal e espacial desses estudos, o NHIME abarca desde o passado recente até a recuperação histórica de processos de intervenção governamental e experiências sociais. Suas análises abrangem tanto o Brasil como o estado do Ceará, com base em fontes diversas, como documentos públicos e privados, registros oficiais, materiais

¹⁶ Endereço: R. Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110.

jornalísticos e iconográficos, além de fontes orais. Paralelamente à dimensão histórica, a linha de pesquisa também discute temas relacionados à ética e educação (Universidade Federal do Ceará, 2024).

O NHIME estrutura-se em torno de três eixos temáticos principais: Filosofia da História, Ética e Educação; História da Educação, da Pedagogia e das Instituições Escolares; e História, Memória e Práticas Culturais Digitais.

Embora exista o desejo de documentar mais detalhadamente esse espaço de estudo, ainda não há um trabalho específico que registre a trajetória da linha de pesquisa, incluindo sua data de criação e os principais nomes que deram início ao projeto.

2.1.2.1.1 O espaço de estudo e uma filha da terra da luz

Antes de adentrar nesta seção, aprecie duas belas obras que retratam a essência do Ceará, criadas por talentosos artistas cearenses. A primeira é a pintura *"Olha Aí Meu Ceará"*, de Ana de Lourdes (2009), uma obra que transmite a singularidade e a riqueza cultural dessa terra na escuridão da noite. A segunda é uma pintura de Gerlânio Maia, compartilhada no *Facebook* em 2019, que também homenageia de forma vibrante as paisagens e a identidade do estado, celebrando o sertão e o litoral cearense.

Ao contemplar essas expressões artísticas, você poderá abrir sua mente e seu coração para compreender melhor a beleza, a história e as particularidades que fazem do Ceará um lugar tão único e inspirador. Lembre-se, é neste estado que o espaço de estudo está inserido e ele se tornará o palco para as tecer a escrita sobre o objeto de estudo.

Figura 3 – Quadro “Olha Aí Meu Ceará”, 2009



¹⁷Fonte: Artmarjeur.com.¹⁸

Figura 2 – Quadro Ceará, 2019



Fonte: Gerlaniomaia Artes.¹⁹

Rodolfo Teófilo, geógrafo e historiador cearense, foi um dos primeiros a estudar e divulgar as características geográficas e culturais do Ceará. Em diversas de suas obras, ele tratou

¹⁷A pintura "Olha Aí Meu Ceará" foi criada por Ana De Lourdes Araújo De Carvalho Anade em 2009. Esta é uma obra que reflete a cultura e a identidade do estado do Ceará, como ainda, traduz na tela o sentimento expressado na canção “Meu Ceará é assim”, caracterizando-se como uma expressão de amor e devoção por essa região.

¹⁸ARTMARJEUR. **Olha aí meu Ceará (2009).** Pintura por Ana De Lourdes Araujo De Carvalho Anade Lourdes (lauro santos). Disponível em: <https://www.artmajeur.com/elshadayart/pt/obras-de-arte/4331665/olha-ai-meu-ceara>. Acesso em: 07 dez. 2024.

¹⁹GERLANIOMAIA ARTES. Publicação de 24 de novembro de 2019. **Facebook**, 7 dez. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Gerlaniomaia-Artes-100066580972727/?locale=pt_BR. Acesso em: 7 dez. 2024.

da divisão da região em três zonas naturais — sertão, litoral e serra —. Uma das principais referências sobre esse tema pode ser encontrada em seu livro *Geografia do Ceará*²⁰, publicado em 1901. Cabe ressaltar que até os dias atuais, nenhum outro pensador revisou ou expandiu significativamente essa concepção, que continua sendo uma base importante para o entendimento da geografia do estado.

Além disso, essa terra com três zonas tão distintas, mas pertencentes a um mesmo pedaço de chão, também ficou conhecida como a "Terra da Luz" por ter sido a primeira província do Império do Brasil, no século XIX, a abolir a escravidão. Em 25 de março de 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, a antiga província libertou cerca de trinta mil cativos. Segundo relatos históricos, o jangadeiro Francisco José do Nascimento, conhecido como "Dragão do Mar", declarou em 30 de agosto de 1881: "Não se embarcam mais escravos no Porto do Ceará" (Miro; Suliano, 2010, p. 4).

Não é à toa que os filhos do Ceará retratam poeticamente sua terra, seja por meio de pinturas, poemas, danças, entre outros, sempre buscando refletir a diversidade cultural e geográfica que caracteriza a região. Assim, a terra de tantos mares, sertão e serra, foi poeticamente imortalizada na música por Carlos Barroso²¹, e interpretada pelo cantor cearense Fagner²², que destacou as peculiaridades dessa região, também chamada de “terra da linda Iracema dos lábios de mel”²³. Abaixo, apresenta-se um trecho da letra da canção (Fagner, 2002):

Meu Ceará é assim...

Meu Ceará é encanto
É beleza, é poema
Berço de José de Alencar
Autor do romance Iracema.
(...)
Meu Ceará é gentil
E de um povo lutador
Que batalha a cada dia
Levando no peito amor.

Meu Ceará é orgulho
De talentos sem igual
De poetas, atores, humoristas
De um povo genial.
(...)
Meu Ceará é cultura
Renda, artesanato e cor
Quadrilha, forró e reisado
Terra de grande valor.
Meu Ceará é a coragem
Da rendeira, do pescador

²⁰TEÓFILO, Rodolfo. **Geografia do Ceará**. Fortaleza: Editora UFC, 2017 [reimpressão].

²¹João Carlos Barros é um compositor e cantor cearense que começou sua carreira musical precocemente, sendo conhecido por sua conexão com a música romântica e a cultura local.

²²Raimundo Fagner Cândido Lopes, conhecido simplesmente como Fagner, é um cantor e compositor brasileiro nascido em Fortaleza em 13 de outubro de 1949.

²³O termo faz menção à personagem Iracema de José de Alencar. Em tupi, “iracema” significa “saída de mel, saída de abelhas”, mas é também um anagrama da palavra América. A personagem tornou-se uma representante do povo e da região cearense.

Do vaqueiro, do operário	Meu Ceará o mundo Conhece
Da costureira e do professor.	Pelo jeito acolhedor
(...)	Pela inspiração nata
Meu Ceará é a escrita	Pela irreverência e o humor.
De Gustavo Barroso, José de Alencar	(...)
De Filgueiras Lima, Tomás Pompeu	Meu Ceará é
E de muitos talentos pra desvendar.	Muito mais que se possa imaginar
Meu Ceará é a História	São muitos versos
Que muita gente escreveu	Que os meus versos
Barão de Studart, Raimundo Girão	Não conseguem decifrar.
Pompeu Sobrinho e Capistrano de Abreu.	
(...)	

Esta terra, tão fértil para intelectuais, como se pode ler na canção acima, é um estado do Nordeste brasileiro, fundado em julho de 1603²⁴. Com uma área total de 146.348,30 km², o Ceará representa 9,37% do território nordestino e 1,7% do território brasileiro. Segundo estimativas do IBGE, a população do estado era de 8.794.957 habitantes em 2022, o que coloca o Ceará como o oitavo estado mais populoso do Brasil (IBGE, 2022).

Além disso, quando se pensa no Ceará, logo vêm à mente suas belas praias, o artesanato típico, a sabedoria popular, a religiosidade e as embarcações que margeiam sua costa. Essas características são marcantes, não apenas como símbolos da cultura nordestina, mas também como reflexos da resistência e da resiliência de seu povo. A força, de fato, é um traço característico dessa população. Afinal, como descrever aqueles que vivem no sertão, predominantemente marcado pela caatinga²⁵ — bioma que cobre 85% do território cearense — e enfrentam secas severas e prolongadas? A resistência e a perseverança são qualidades que definem a identidade dessa gente.

Mas, além da força, o sorriso é outra característica habitual nas terras cearenses. Não é à toa que, devido à vasta presença de comediantes cearenses na mídia, o estado se tornou um celeiro de talentos cômicos, refletindo também uma cultura marcada pela leveza e pelo humor, que permeiam o cotidiano e as dificuldades enfrentadas pela população.

Ademais, o Ceará é uma terra rica em manifestações culturais e artísticas, com grande destaque para a produção artesanal, que reflete as tradições e a criatividade do seu povo.

²⁴CEARÁ. Governo O Estado. **Ceará em Números**: Dados Gerais e Geográficos. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

²⁵BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Caatinga**. Brasília, 023. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biomas/caatinga>. Acesso em: 7 dez. 2024.

Ao longo do litoral, encontram-se as redes de dormir e as rendas de bilro, consideradas um dos maiores símbolos do artesanato cearense. Essas peças, confeccionadas com destreza pelos artesãos locais, representam uma expressão autêntica do legado cultural da região (CeArt, 2024).

A seguir, para melhor ilustrar tal produção, uma imagem capturada de uma árvore de Natal feita de rendas de bilro, criada para homenagear as rendeiras do Ceará em 2023:

Figura 4 – CeArt homenageia rendeiras de todo o Ceará com árvore de renda de bilros.



Fonte: Castelo Branco, 2023.²⁶

Já no interior do estado, os bordados se destacam pela beleza e delicadeza, enquanto as pedras semipreciosas são transformadas em joias refinadas, apreciadas tanto no mercado local quanto no internacional (Feirinha da Beira Mar, 2024). Além disso, a produção de peças de madeira e barro também ganha destaque. A arte do barro, especialmente em cidades como Redenção e Cariré, gera figuras e objetos utilitários que carregam uma forte identidade cultural. Por sua vez, a madeira, trabalhada com grande habilidade, é transformada em esculturas e objetos decorativos que refletem a essência e o espírito do povo cearense (CeArt, 2024).

²⁶CASTELO BRANCO, Sheyla. CeArt homenageia rendeiras de todo o Ceará com árvore de renda de bilros.

Assessoria de Comunicação da SPS, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www.sps.ce.gov.br/2023/11/21/ceart-homenageia-rendeiras-de-todo-o-ceara-com-arvore-de-renda-de-bilros/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

O orgulho é tamanho, que em janeiro de 2024, via *Facebook*, a Central de Artesanato do Ceará (CeArt), tratou de anunciar que o artesanato cearense “desembarcou no Museu do Louvre em Paris”. A curadoria selecionara cinco esculturas em madeira que falam sobre a arte popular do Cariri, sendo uma mostra realizada pela *Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture*²⁷, presidida pela jornalista e produtora brasileira Diva Pavesi²⁸.

Figura 5 – O artesanato cearense desembarcou no Museu do Louvre em Paris



Fonte: CeArt Ceará, 2024²⁹.

²⁷É uma instituição acadêmica sem fins lucrativos que promove e defende as artes, ciências, letras, cultura, social e empresarial. Foi fundada em Paris em 1995 pela jornalista, escritora, editora e produtora Diva Pavesi.

²⁸Diva Pavesi é uma escritora e fotógrafa brasileira, naturalizada francesa.

²⁹CEART CEARÁ. O artesanato cearense desembarcou no Museu do Louvre em Paris. **Facebook**, 3 jan. 2024.

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=905153714951836&set=a.549044530562758>. Acesso em: 7 dez. 2024.

Outro destaque da arte cearense são as célebres garrafas de areia colorida, que são verdadeiras obras de arte em miniatura. Nelas, artesãos reproduzem manualmente paisagens e temas variados, utilizando a areia local, cuidadosamente selecionada para criar efeitos vibrantes e complexos (Ceará, 2024).

Figura 6 – Garrafas de areia colorida



Fonte: Paiva, 2023.³⁰

Essa diversidade de expressões artísticas contribui para posicionar o Ceará como um estado de grande riqueza cultural e um importante centro de artesanato no Brasil.

Por fim, caro leitor, é natural que você se pergunte: por que dedicar uma seção a este estado? Qual o motivo de explorar o Ceará? Estaria isso relacionado a uma tentativa de fazê-lo se apaixonar por essa região e suas particularidades? Talvez, sim! Sim, seria uma tentativa de contagiar você com o mesmo amor que a autora sente por essa terra e por seu povo. Contudo, o propósito principal desta seção é apresentar a cultura e a população dessa região, preparando o terreno para discutir temas delicados, como a morte causada pela Covid-19 no Ceará. Além disso, será explorado como, durante esse período, as pessoas que estavam

³⁰PAIVA, Yasmin. Praia de Majorlândia, em Aracati, pode se tornar capital cearense das ‘ciclogravuras’. **O Povo Online**, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://www.opiniaoce.com.br/praiade-majorlandia-em-aracati-pode-se-tornar-capital-cearense-das-ciclogravuras/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

acostumadas a se encontrar fisicamente buscaram refúgio na leitura, especialmente no formato virtual. *Foi o amor por essa terra e pelos escritores locais que inspirou o desejo de conexão e união, ainda que digitalmente, durante o confinamento, usando a leitura como subterfúgio.* Não se preocupe, este é apenas o início: será aprofundado essa discussão mais adiante.

Dessa forma, e graças à linha de estudos em História e Memória da Educação da Universidade Federal do Ceará, é possível a escrita e o registro das memórias colecionadas nesse período. Este espaço acadêmico proporciona uma reflexão crucial sobre os processos de vivência e resistência desta gente, que também se viu impactada pelas adversidades, como as que o mundo enfrentou recentemente.

3 UM SERENO³¹ QUE ADOECEU O MUNDO: VÍRUS SARS-CoV2

Em 31 de dezembro de 2019, o governo chinês informou à Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre casos desconhecidos de pneumonia de origem indefinida registrados na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, na China. Entre essa data e 3 de janeiro de 2020, 44 casos foram notificados, permanecendo, até então, sem uma causa definida. Apenas em 7 de janeiro de 2020, a OMS anunciou que se tratava de um novo coronavírus, posteriormente denominado SARS-CoV-2 (da Silva Martin, 2020, p. 12).

Apesar de ser um organismo microscópico, esse vírus foi capaz de causar graves danos ao corpo humano, incluindo quadros respiratórios e trombóticos em indivíduos infectados. Em muitos casos, a evolução da doença levou à síndrome respiratória aguda grave, resultando na morte em poucos dias (Caldas *et al.*, 2021, p. 16). Devido à sua alta taxa de transmissibilidade, bem como às elevadas taxas de morbidade e mortalidade, a Covid-19 já havia se espalhado por quatro continentes no final de janeiro de 2020. Em 11 de março do mesmo ano, após consulta ao seu Conselho de Emergência, a OMS declarou oficialmente que o surto atingira a condição de pandemia, caracterizada pela disseminação rápida e descontrolada do vírus em escala global (OMS, 2020b).

De acordo com Ritchie *et al.* (2020), o número de novos casos de Covid-19 nos Estados Unidos dobrou a cada 70 dias, enquanto, no Brasil, isso ocorreu a cada 36 dias. Em 12 de julho de 2020, ambos os países lideravam o número de óbitos, com 133.486 mortes nos Estados Unidos e 70.398 no Brasil. A Organização Mundial da Saúde destacou que esta foi a primeira doença causada por um coronavírus a ser classificada como pandemia. Na mesma data, 12 de julho de 2020, o total de casos confirmados em nível global alcançou 12.552.765, com 561.617 mortes registradas (OMS, 2020a).

Todavia, é importante destacar que, ainda em dezembro de 2019, o médico oftalmologista chinês Li Wenliang alertou alguns colegas, por meio do aplicativo *WeChat*³², sobre a existência de sete pacientes apresentando sintomas semelhantes aos da SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) (DW, 08/02/2020). Essa doença já havia mobilizado a atenção internacional em 2002, quando casos descritos como uma "pneumonia misteriosa" foram

³¹A ideia de que “pegar sereno” faz mal, pelo risco de contrair gripe e resfriado é amplamente difundida no Ceará. Esta é uma forma de rememorar tal conceito popular: algo que pareceu tão inofensivo, mas que trouxe uma grave doença.

³²Trata-se de um serviço multiplataforma de mensagens instantâneas desenvolvido pela Tencent na China, lançado originalmente em 21 janeiro de 2011.

relatados na província de Guangdong, na China. Entre março e abril de 2003, a SARS resultou em 2.781 notificações e 111 mortes.

Um estudo de revisão sobre a SARS, publicado pela OMS em dezembro de 2003, registrou um total de 8.096 casos da doença em 29 países, com 774 óbitos, correspondendo a uma taxa de letalidade próxima a 10% (World Health Organization, 2006, p. 185). Embora o número de infectados tenha sido relativamente baixo, a taxa de mortalidade foi proporcionalmente elevada. Três anos após o surto, em um relatório organizado pelo escritório da OMS no Pacífico, o diretor regional Shigeru Omi afirmou que a "SARS abalou o mundo", gerando medo e desordem social, impactando a vida cotidiana, causando recessões econômicas e deixando os sistemas de saúde literalmente "de joelhos" (World Health Organization, 2006, p. VII). A gravidade da crise levou alguns a considerarem a SARS como a "primeira praga do século XXI" (Abraham, 2007).

Nesse contexto, a questão do estigma associado a epidemias emergiu como um elemento significativo, evidenciando um padrão histórico de culpar regiões ou populações pelo surgimento de doenças infecciosas. Como bem lembram Marques, Silveira e Pimenta (2020, p. 227), "as consequências para os países onde uma doença infecciosa se origina começam pelo próprio nome". Historicamente, as doenças infecciosas e epidemias são frequentemente nomeadas com base na geolocalização ou no país de origem. Esse processo pode gerar estigma, atribuindo uma noção de culpa ou responsabilidade à localidade onde os agentes patogênicos foram inicialmente identificados. Exemplos disso incluem a cólera³³, originalmente chamada de Cólera Asiática (referente à região da Índia), a Febre de Rift Valley³⁴ (no Quênia), o Hantavírus³⁵ (nomeado a partir do Rio Hantan, na Coreia do Sul), o Ebola³⁶ (relacionado ao rio perto da República do Congo) e a epidemia de Zika³⁷ (associada à floresta de Zika, em Uganda), entre outras (Webel, 2020). Como Rosenberg (1989, p. 10) observa, "enquadrar e culpar estão inextricavelmente misturados; os detalhes variam, mas o resultado é sempre o mesmo. A peculiar mistura entre mecanismos biológicos e significados morais é igualmente

³³É uma doença infecciosa intestinal causada pela bactéria *Vibrio cholerae*, sendo transmitida por meio da ingestão de água ou alimentos contaminados com fezes ou vômito de uma pessoa infectada.

³⁴Transmitido por mosquitos, encontrados no leste, centro e sul da África, produzindo hepatite maciça, aborto e morte em ovinos, cabras, bovinos e outros animais.

³⁵É uma doença infecciosa aguda e grave que pode levar à morte em apenas 72 horas. No início, há febre, tosse seca, dor no corpo, náuseas, diarreia, dor de cabeça, vômitos, dor abdominal, dor torácica, suor e vertigem e pode evoluir para falta de ar intensa.

³⁶Um vírus que provoca hemorragias intensas, falência de órgãos e pode levar à morte.

³⁷A maioria das infecções pelo vírus Zika são assintomáticas ou manifestam sintomas leves, como febre, exantema, dores articulares e conjuntivite, que geralmente desaparecem em até sete dias. Contudo, complicações graves podem surgir em casos específicos.

tradicional”. Teria sido esse estigma um fator no modo como o governo chinês lidou com a pandemia?

Por outro lado, já em janeiro de 2020, a Covid-19 havia ultrapassado as fronteiras da China, com os primeiros casos sendo reportados na Tailândia, Japão e Coreia (Wang *et al.*, 2020). A partir desse momento, começaram a ser implementadas as primeiras medidas para conter a propagação da doença. Países vizinhos à China fecharam suas fronteiras, estabeleceram controles rigorosos sobre viajantes procedentes do país e implementaram quarentenas tanto para passageiros quanto para navios inteiros.

As imagens de cruzeiros com milhares de pessoas impedidas de desembarque, obrigando a convivência de não infectados e doentes, favorecendo a contaminação, remetiam às naus “dos loucos” e “dos miseráveis”, de que nos fala Foucault³⁸. Os indesejáveis da época moderna foram condenados a ficar à deriva, transformados em ameaçadores turistas doentes e suspeitos. Companhias aéreas suspenderam voos para a China. Países orientavam a evacuação de seus cidadãos, montando operações de resgate (Marques; Silveira; Pimenta 2020, p. 227).

Desde aquele momento, a vida em quase todo o mundo sofreu transformações significativas. O ritmo das cidades mudou drasticamente, com ruas e locais de encontro público permanecendo vazios. Aulas e diversas atividades foram interrompidas, o comércio teve suas operações suspensas, e muitas pessoas perderam seus empregos repentinamente. No setor financeiro, as bolsas de valores despencaram, alimentando a perspectiva de uma crise econômica iminente. Ao mesmo tempo, conflitos entre autoridades governamentais e de saúde pública vieram à tona. No âmbito político, as discordâncias se intensificaram, enfraquecendo ainda mais os vínculos sociais e destacando as fragilidades do tecido social já debilitado. As máscaras tomaram as escolas, o comércio, os transportes, os parques, as cidades, o mundo.

Na Ásia, países como China, Coreia do Sul e Japão adotaram estratégias rigorosas, incluindo *lockdowns*³⁹, uso de tecnologias para rastreamento de contatos⁴⁰ e campanhas de vacinação em larga escala. Embora a China tenha sido o epicentro inicial, sua resposta rápida, com medidas restritivas exemplares, ajudou a conter a propagação do vírus nas fases iniciais.

³⁸“A Nau dos Loucos, ou miseráveis, ou leprosos é uma alegoria de exclusão, recorrente na cultura ocidental, retratada por Hieronymos Bosch, provavelmente entre 1503-1506, entre outros”. Michel Foucault, séculos mais tarde retomou a alegoria ao publicar a História da Loucura” (Marques, Silveira e Pimenta 2020, p. 227 *apud* Diaz, 2012).

³⁹Palavra em inglês que significa confinamento.

⁴⁰Trata-se de uma estratégia de saúde pública para identificar e isolar rapidamente indivíduos expostos a uma doença transmissível, como a COVID-19. O objetivo é interromper cadeias de transmissão monitorando contatos antes que apresentem sintomas ou infectem outros. Na China, por exemplo, aplicativos rastreavam contatos e atribuíram “códigos de saúde” em cores (verde, amarelo ou vermelho) para indicar se uma pessoa podia circular livremente.

Países como Vietnã e Tailândia também se destacaram, mesmo com menos recursos, graças a ações comunitárias eficazes e rápidas medidas preventivas (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020).

Na Europa, surtos graves ocorreram, especialmente durante a primeira onda da pandemia. Países como Itália, Espanha e Reino Unido enfrentaram altos índices de mortalidade, inicialmente devido à sobrecarga dos sistemas de saúde e atrasos nas respostas governamentais. No entanto, medidas como *lockdowns* rigorosos e investimentos em pesquisas de vacinas ajudaram a mitigar os impactos subsequentes. Ainda assim, as desigualdades internas, exacerbadas pela pandemia, tornaram evidentes falhas nos sistemas sociais e de saúde (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020).

Madri, epicentro do surto na Espanha, ilustra bem a gravidade do cenário. Destaca-se uma manchete publicada no dia 06 de abril de 2020 sobre a situação em um dos maiores cemitérios da Espanha:

Figura 7 – Manchete- Espanha cria drive-thru (CNN Brasil- 06/04/2020)

Espanha cria drive-thru funerário em Madri, epicentro do coronavírus no país

A cada quinze minutos um carro funerário aparece em frente ao crematório do imenso cemitério de La Almudena, em Madri, capital da Espanha.

Scott McLean e Laura Perez Maestro, da CNN
06/04/2020 às 11:17



Em espécie de drive-thru funerário, padre benze carro com caixão de vítima do novo coronavírus em Madri, na Espanha. Foto: Carlos Alvarez

-25mar2020/Getty Images

[ouvir notícia](#)

Fonte: McLean; Perez, 06/04/2020.

Durante o auge da pandemia da Covid-19, Madri implementou um sistema de *drive-thru* funerário no cemitério de La Almudena para lidar com o aumento significativo de óbitos. A cada 15 minutos, carros funerários chegavam ao crematório para realizar cerimônias de

cremação de forma rápida e segura, minimizando o contato entre pessoas e reduzindo o risco de disseminação do vírus. Essa medida adaptou os rituais funerários tradicionais às restrições sanitárias impostas pela emergência de saúde pública, exemplificando como a pandemia transformou práticas culturais em todo o mundo: "é uma cena estranha, mesmo para um dos maiores cemitérios da Europa Ocidental, cujas colinas de lápides sem fim já testemunharam períodos de fome, guerra civil e a gripe espanhola" (McLean; Perez, 2020).

Na África, por sua vez, apresentou números de casos e mortes relativamente baixos, mas os impactos econômicos e sociais foram devastadores. A dependência de doações internacionais para a aquisição de vacinas e a fragilidade de muitos sistemas de saúde deixaram a região vulnerável. Por outro lado, a Oceania, com destaque para a Nova Zelândia e a Austrália, adotou medidas rápidas e eficazes, como o fechamento de fronteiras e rastreamento agressivo de contatos. Essas ações garantiram um controle eficaz durante a maior parte da pandemia, embora os desafios tenham aumentado com a chegada de variantes mais transmissíveis (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020).

Na América do Norte, os Estados Unidos foram um dos países mais atingidos, com altas taxas de infecção e mortalidade, especialmente entre as populações vulneráveis. Por outro lado, o Canadá obteve resultados superiores devido a uma estratégia unificada e consensual na aplicação de medidas preventivas, como a implementação de monitoramento de contatos, comunicação transparente e consistente com a população, além de suporte financeiro para promover o isolamento, como exemplo, a assistência direta a famílias e empresas, através do Benefício de Resposta à Emergência do Canadá (CERB), que ajudou a mitigar os impactos socioeconômicos e garantiu maior adesão às medidas de saúde pública (Canada, 2020).

Já na América Latina, a pandemia encontrou um cenário de sistemas de saúde frágeis e alta desigualdade social. Muitos países enfrentaram desafios com a aquisição de vacinas e a falta de recursos básicos, agravando tanto os impactos sanitários quanto os econômicos (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020).

Neste contexto, onde um vírus deixou todos os continentes "de joelhos", diante de um cenário de incertezas, como um brado em clamor, a OMS afirmou que o *lockdown* seria uma das maneiras mais seguras de prevenir a propagação da Covid-19, especialmente no início da pandemia. Em março de 2020, a OMS recomendou que os países implementassem restrições rigorosas, incluindo *lockdowns*, para conter a disseminação do vírus e proteger os sistemas de saúde. A entidade argumentava que, sem essas medidas, a capacidade de controle da pandemia seria significativamente mais limitada, dada a rapidez com que o vírus se espalhava (OMS, 2020).

Além disso, especialistas em saúde pública, como o epidemiologista Neil Ferguson, que liderou a modelagem da resposta ao coronavírus no Imperial College London, também enfatizaram a importância do distanciamento social e das medidas de *lockdown* para reduzir a transmissão do vírus. Em um relatório publicado em março de 2020, Ferguson e sua equipe previram que, sem intervenções rigorosas, o sistema de saúde do Reino Unido poderia ser rapidamente sobrecarregado (Imperial College London, 2020).

A ideia de que o *lockdown* era essencial para conter a pandemia foi amplamente apoiada por governos e autoridades de saúde em muitos países, especialmente devido à rapidez com que o vírus se espalhava e à pressão sobre os sistemas de saúde. No entanto, essa medida também gerou debates acirrados, não só pelos impactos diretos na economia, mas também pelas repercussões sociais e psicológicas. Muitas empresas foram forçadas a fechar suas portas, o que levou a uma queda acentuada na economia, enquanto os indivíduos experimentaram o aumento na ansiedade e no estresse devido ao isolamento e incertezas sobre o futuro (Paltiel; Zheng, 2020). O efeito social, como o aumento da violência doméstica e das desigualdades socioeconômicas, também foi significativo, com populações mais vulneráveis sofrendo mais intensamente os efeitos das restrições.

Paralelamente a esses desafios, esse período de incerteza gerou em diversas partes do mundo, uma "onda de solidariedade e encorajamento", nutrida pela esperança de que, eventualmente, o vírus seria controlado. No entanto, para alcançar esse objetivo, tornou-se fundamental respeitar as medidas de distanciamento social e a orientação de "ficar em casa". Frases de incentivo e resiliência reverberaram globalmente, reforçando a necessidade de ações coletivas e inspirando as pessoas a superarem os desafios impostos pela pandemia. Essas mensagens não apenas estimularam o senso de responsabilidade individual, mas também ajudaram a manter viva a esperança de dias melhores:

En estas últimas semanas marcadas por la pandemia de COVID-19, en Europa se ha popularizado una frase que traducida de su original italiano dice: **“Recuerda que a nuestros abuelos se les ordenó ir a la guerra, ¡a nosotros todo lo que se nos pide es quedarnos en el sillón!”** (Lujhon; Flórez, 2020, p. 175, grifos da autora).⁴¹

Na Europa, por exemplo, no caso da frase destacada acima, se popularizou traduzida do italiano: "Lembre-se de que aos nossos avós foi ordenado que fossem à guerra; a nós, tudo o que pedem é que fiquemos no sofá!" (Lujhon; Flórez, 2020, p. 175). Essa

⁴¹LUJHON, G.; FLÓREZ, G. Pandemia COVID-19: ¿Qué más puedo hacer? **Rev. Fac. Med. Hum.**, p. 175-177, 2020.

comparação simples, mas poderosa, ajudava a relativizar o sacrifício necessário durante o isolamento, fortalecendo a percepção de que pequenos esforços poderiam salvar vidas e proteger comunidades inteiras.

Outro exemplo, na Itália, a frase “*Andrà tutto bene*” (Tudo vai ficar bem) ganhou destaque e foi amplamente exibida em cartazes com desenhos de arco-íris nas janelas e varandas, revendo que em meio às dificuldades, tais mensagens reforçavam o senso de solidariedade e contribuíam para manter a esperança viva, mesmo nos momentos mais desafiadores. A seguir, um cartaz publicado no site *Afar Magazine*, em 20 de março de 2020:

Figura 8 – Cartaz com arco-íris e a frase “*andrà tutto bene*”, que significa “tudo ficará bem”



Cartazes inspiradores apareceram em portões e sacadas na cidade de Fontanafredda e em outros lugares da Itália. Foto
Fonte: Alessandra Tarantino, 2020.⁴²

Em outras partes do mundo, como o *lockdown* em Wuhan, na China, os moradores demonstraram resiliência e solidariedade ao gritarem frases de encorajamento e cantarem juntos de suas janelas. Entre as mensagens mais ouvidas estava “*Wuhan jiayou!*” (Wuhan, fique forte!), um grito de esperança que simbolizava a união e a força da comunidade em meio à crise. No entanto, esse período também trouxe à tona um aumento significativo de preconceito e

⁴²TARANTINO, Alessandra. Cartazes inspiradores apareceram em portões e sacadas em Roma e em outros lugares da Itália. Foto por AP Photo. **Afar Magazine**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.afar.com/magazine/italians-cope-with-coronavirus-lockdown-with-uplifting-messages>. Acesso em: 14 dez. 2024.

discriminação contra asiáticos e seus descendentes ao redor do mundo. Muitas dessas pessoas enfrentaram atitudes xenofóbicas, incluindo a atribuição injusta de culpa pela pandemia, destacando a necessidade de combater estigmas e promover a empatia em tempos de adversidade (Yvonne, 2020). Era necessário que as pessoas de Wuhan permanecessem fortes!

Já na América Latina, a frase “Quédate en casa” (Fique em casa) foi amplamente difundida, especialmente por meio de campanhas governamentais em países como México, Argentina e Colômbia. Essas campanhas tinham como objetivo conscientizar as populações sobre a importância do isolamento para reduzir a disseminação do vírus em meio a sistemas de saúde já sobrecarregados. Como exemplo, o governo mexicano utilizou essa mensagem em diversas ações, como ilustrado em uma imagem publicada em seu portal oficial, reforçando a necessidade de medidas preventivas para conter o avanço da pandemia e proteger a população.

Figura 9 – *Quédate en casa, Governo Mexicano*



Fonte: Governo Mexicano, 2021.⁴³

A África também adotou uma mensagem de encorajamento adaptada às condições locais, com frases como “Stay safe, stay home” (Fique seguro, fique em casa), que foram

⁴³GOBIERNO DE MÉXICO. **Quédate en casa: si te proteges tú, proteges a tu familia y a los demás.** 18 jan. 2021. Caminos y puentes federales. Disponível em: <https://www.gob.mx/capufe/es/articulos/quedate-en-casa-si-te-proteges-tu-proteges-a-tu-familia-y-a-los-demas-239188?idiom=es>. Acesso em: 14 dez. 2024.

veiculadas em diversas línguas nacionais e regionais. Países como a África do Sul combinaram campanhas educativas com iniciativas de suporte comunitário, como a distribuição de alimentos e itens de higiene, visando aumentar a adesão às medidas de isolamento. Essa abordagem integrava informações de saúde pública com soluções práticas, atendendo às necessidades básicas da população mais vulnerável e buscando mitigar os impactos sociais da pandemia (Who Africa, 2020).

Por fim, cada país, de acordo com suas realidades e recursos, empenhou-se para minimizar os impactos devastadores causados pela Covid-19. Esse vírus, composto por ácido ribonucleico (RNA) e com um genoma de menos de 30.000 nucleotídeos — cada um formado por uma molécula de açúcar (ribose), um ácido fosfórico e uma base nitrogenada —, possuindo elevada semelhança genética com o SARS-CoV (1), responsável pelo surto de SARS em 2003 (Uzunian, 2020), apesar de sua estrutura microscópica, não fez distinções de grau de parentesco, condição econômica, cor, origem ou qualquer outra característica ao ceifar vidas. A pandemia expôs a fragilidade da humanidade e desafiou a ideia de que dominamos completamente o conhecimento e o mundo à nossa volta.

Nesse contexto de perdas e incertezas, o vírus também lembrou daquilo que torna os seres humanos únicos: a capacidade de fazer o bem, ajudar o próximo e valorizar a vida. Como diz o poeta: "*É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã. Porque, se você parar pra pensar, na verdade não há*⁴⁴". Portanto, para aqueles que sobreviveram e carregam na memória os rostos que a Covid-19 levou, que isso sirva como um convite a amar mais profundamente. O dia de hoje, que ainda podemos viver, é o mesmo dia que aqueles que partiram gostariam de ter.

⁴⁴LEGIÃO URBANA. **Pais e filhos**. Composição de Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

3.1 O vírus e o país verde e amarelo

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

[...]
(Dias, 2001).

Gonçalves Dias, longe de sua terra verde e amarela, indo ao exterior para estudar Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal, traduz o sentimento de saudade em um dos mais belos poemas sobre o Brasil: *Canção do Exílio*, escrita em 1843.

Esses versos não apenas expressaram o amor do poeta pelo Brasil, mas também ajudaram a moldar a ideia de nação e a consolidar símbolos que, até hoje, estão associados à identidade brasileira, como a exaltação da natureza, a fauna e a flora do país, além do amor à sua gente e à sua terra.

Sendo uma obra que transcende sua época e se mantém relevante como um elo emocional e cultural com o país, a *Canção do Exílio* teve um papel importante na construção da identidade cultural do Brasil, que havia se tornado independente apenas 21 anos antes (em 1822). Assim, os versos do poema inspiraram outras obras brasileiras, como a canção do Hino Nacional, que menciona "nossos bosques têm mais vida", ecoando diretamente o poema (Candido; Castello, 1997, p. 111-112).

Esta terra, tão jovem e repleta de conflitos, celeiro de grandes escritores, é o maior país da América do Sul e da América Latina, além de ser o quinto maior do mundo em área territorial, com 8.510.417,771 km², o que corresponde a 47,3% do território sul-americano (IBGE, 2024⁴⁵). Em termos de população, ocupa a sétima posição, com 212 milhões de habitantes, conforme estimativas reveladas pela Agência de Notícias do IBGE (2024).

Com dimensões tão vastas, não é surpresa a necessidade de uma administração eficaz, especialmente diante de um vírus tão letal. De repente, a pátria da saudade de Gonçalves Dias registra o primeiro caso confirmado de coronavírus em 26 de fevereiro de 2020, e a

⁴⁵IBGE. **Panorama:** Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 16 dez. 2024.

primeira morte atestada na segunda dezena de março do mesmo ano⁴⁶. Assim, o ano de 2020, que marcaria o início do primeiro vintênio do século XXI, passou a ser lembrado não mais pelos dias e meses do calendário gregoriano, mas pelos números de casos e mortes causados pela pandemia.

A terra da saudade, imortalizada por Gonçalves Dias em *Canção do Exílio*, transformou-se, então, em uma saudade com outro significado: a perda daqueles que viram seus entes queridos serem levados pelo coronavírus. A mãe-pátria, onde “os bosques têm mais vida”, agora se tornava o leito eterno de muitos filhos, que, em vez de viverem, passaram a habitar para sempre na memória.

Sobre este modo de marcar o tempo, Fernando Reinach, no livro *A chegada do novo coronavírus no Brasil*, trata:

Essa forma de medir o tempo vigorou em todos os países até que o número de novos casos e mortes atingisse o pico. Então o calendário gregoriano foi retomado e a vida da população começou a se reorganizar. Isso não aconteceu no Brasil. Enquanto a grande maioria dos países reduziu o distanciamento social após controlar o vírus, o Brasil não esperou esse estágio para iniciar a reabertura. Foi nesse dia que decretei o término da primeira batalha dos brasileiros com o SARS-COV-2. Vitória do vírus. Agora iniciamos a segunda batalha, em que poderemos observar o estrago que o coronavírus vai fazer tendo se libertado de parte das amarras que dificultam sua difusão (Reinach, 2020, p. 9).

A fala acima evidencia uma crise política que emergiu paralelamente à crise de saúde pública. Em menos de dois meses, dois ministros da Saúde deixaram seus cargos devido a divergências com o presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) sobre a gestão da pandemia. Luiz Henrique Mandetta foi exonerado em abril de 2020, enquanto Nelson Teich renunciou em maio do mesmo ano, ambos discordando da condução presidencial frente à crise sanitária. Durante esse período, o país assistia a um crescimento exponencial de infecções e óbitos.

Uma das declarações mais controversas do então presidente foi minimizar a gravidade da pandemia, ao afirmar, em março de 2020, que a Covid-19 seria apenas uma “gripezinha” (Uribe, Chaib & Coletta, 2020). Até 31 de maio daquele ano, o Ministério da Saúde do Brasil já contabilizava 514.992 casos confirmados e 29.341 mortes causadas pelo coronavírus (G1, 31/05/2020). No entanto, havia amplo consenso sobre a subnotificação significativa, que mascarava a verdadeira extensão da tragédia.

⁴⁶WORLD HEALTH ORGANIZATION. Novel coronavirus (2019-nCoV). Situation report –1, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronavirus/situation-reports/20200319-sitrep-59-covid-19.pdf?sfvrsn=c3dcdef9_2. Acesso em: 3 julho 2023.

Adicionalmente, houve um aumento na defesa e na venda de medicamentos ineficazes para tratar a Covid-19, como demonstrado por uma notícia da CNN Brasil (Abech, 2021). Em 7 de maio de 2021, o presidente Jair Bolsonaro reafirmou publicamente sua posição favorável ao uso de medicamentos como hidroxicloroquina e ivermectina, mesmo sem comprovação científica, após críticas recebidas na CPI da Covid⁴⁷ (Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19). Durante o pronunciamento, Bolsonaro provocou adversários políticos e o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, reiterando seu apoio ao chamado "tratamento precoce". Essa postura contrária às evidências científicas foi amplamente rejeitada por especialistas e instituições de saúde ao redor do mundo.

A gravidade do cenário é ainda mais evidente, como apontam Gomes e Bentolila (2021, p. 351, grifos da autora), principalmente porque:

Em função da defesa do Governo Federal de drogas ineficazes, **observamos um aumento considerável na venda destes remédios**. Em ofício do Conselho Federal de Farmácia, enviado a CPI da pandemia, constata-se que a hidroxicloroquina teve um aumento nas vendas de 126% entre abril de 2019 a março de 2020, e abril de 2020 a março de 2021, passando de 1.122.691 de unidades vendidas para 2.540.232. A ivermectina passou de 8.469.664 para 81.084.412, aumento de 857% no mesmo período (Senado Federal, 2021b). Desde julho de 2020 constava na página do Ministério da Saúde a Nota Informativa 17, que regulamentava o uso de cloroquina e hidroxicloroquina para tratamento precoce em paciente com diagnóstico de COVID-19, retirado do ar só em 07/05/21, em função das investigações da CPI que apura as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da pandemia da COVID-19. (“Bolsonaro insiste em”, 2021).

A gestão da pandemia no Brasil foi marcada por diversas controvérsias, e a questão das vacinas não foi diferente. O presidente, declarou repetidas vezes resistência à vacinação, especialmente em relação à CoronaVac, alegando “descrédito” devido à sua origem. Em outubro de 2020, Bolsonaro declarou que o Governo Federal não compraria a vacina chinesa, referindo-se a ela como a “vacina do Doria”, em alusão ao governador de São Paulo, João Doria, um de seus principais adversários políticos. A declaração veio logo após o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, que assumiu o cargo em 16 de setembro daquele ano, anunciar um acordo para a aquisição de doses da CoronaVac, criando uma crise interna no governo (Magenta, 2021).

Por outro lado, Bolsonaro afirmou que existiam outras vacinas consideradas mais confiáveis, mas destacou que todas ainda dependiam de comprovação científica para garantir eficácia e segurança. A declaração intensificou a polarização política em torno da vacinação e

⁴⁷A CPI da COVID-19 foi uma comissão parlamentar de inquérito instaurada no Brasil para investigar as ações do governo durante a pandemia.

gerou incertezas sobre a aquisição de imunizantes no país, especialmente em um momento de crescente urgência pela chegada das vacinas contra a Covid-19 (Correio do Povo, 2020).

Ainda sobre o assunto, Gomes e Bentolila (2021, p. 351), explicam que:

Com relação à vacinação, o Governo Federal a dificultou de forma reiterada. Em 19/12/20, o presidente da República declarou “Pressa para vacina não se justifica” (Resende, 2021). A oferta de vacinas recusadas pelo governo brasileiro e a compra do imunizante com preço mais elevado e sem aprovação na Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa, como, por exemplo, da Covaxin, têm sido também tema da CPI da pandemia. O Brasil recusou 70 milhões de doses de vacinas da Pfizer oferecidas desde agosto de 2020, só efetuando a compra em março de 2021. Em outubro de 2020, o Ministério da Saúde anunciou negociação para aquisição de 46 milhões de doses da vacina Coronavac, no outro dia, o presidente Jair Bolsonaro desautorizou o Ministro Pazuello e afirmou: “minha decisão é a de não adquirir a referida vacina” (Schreider, 2021). Apesar da declaração do presidente, o contrato para a compra da Coronavac foi assinado em 07 de janeiro de 2021, diante da pressão da população pela vacinação.

Apesar da resistência presidencial, a campanha de vacinação avançou principalmente devido à pressão de estados, da comunidade científica e à aprovação emergencial pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que desempenhou um papel crucial ao garantir a segurança e eficácia das vacinas para a população brasileira (Folha de S. Paulo, 2021).

Assim, a primeira vacina contra a Covid-19 chegou ao Brasil em 17 de janeiro de 2021, com a aprovação emergencial da CoronaVac pela Anvisa. Nesse mesmo dia, a enfermeira Mônica Calazans, em São Paulo, tornou-se a primeira pessoa vacinada no país. A CoronaVac, desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan, foi a pioneira no início da campanha de imunização brasileira (G1, 2021).

Figura 10: Primeira brasileira vacinada no Brasil exibe seu cartão de vacinação (17 jan. 2021)



Fonte: Braddini; Fernandes, 2021⁴⁸.

Todavia, quando tudo parecia entrar em ajustes, mentiras passaram a circular nas redes sociais. Chamadas de *Fake News*, tratava-se de notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais; disseminando inverdades e cultivando o ódio na população, principalmente em relação as vacinas.

A seguir, está listado o *Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina*, publicada pela Agência Experimental de Notícias da Universidade Federal de Santa Maria (2021). A reportagem expõe algumas das informações falsas mais virais relacionadas às vacinas contra a Covid-19 durante a pandemia, destacando como teorias conspiratórias e informações infundados, amplamente compartilhados, geraram desconfiança e dificultaram o avanço da imunização, agravando a crise de saúde pública.

1. A vacina contra a Covid-19 vai modificar o DNA dos seres humanos;
2. A vacina contra a Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional;
3. Imunizantes contra Covid-19 estão relacionados à transmissão de HIV;

⁴⁸BRADDINI, Bruna; FERNANDES, Daniel. **A primeira pessoa é vacinada contra a Covid-19 no Brasil.** CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/#:~:text=Ap%C3%B3s%20aprova%C3%A7%C3%A3o%20do%20uso%20emergencial,a%20Covid%2D19%20no%20Brasil>. Acesso em 16 dez. 2024.

4. Vacinas contra Covid-19 criam campo magnético no corpo de quem é imunizado;
5. CoronaVac não tem comprovação científica.

Paralelamente, em mais uma fala polêmica, o presidente Jair Bolsonaro expressou sua preocupação ao questionar os possíveis efeitos colaterais das vacinas contra o coronavírus. Referindo-se à vacina da Pfizer/BioNTech, ele afirmou que não havia garantias de que ela não transformaria quem a tomasse em “um jacaré” (UOL, 2020). Essa declaração, por mais absurda que pareça, foi feita em um contexto de desinformação e aversão às vacinas, refletindo um debate ideológico intenso sobre a imunização no Brasil. Tal postura contribuiu para a desconfiança por parte da população, dificultando o avanço da campanha de vacinação em um momento crítico da pandemia.

No entanto, os brasileiros, conhecidos pelo seu senso de humor e criatividade, encontraram uma maneira peculiar de reagir a essas declarações: passaram a se vacinar usando fantasias ou muitos acessórios que faziam referência ao “jacaré”, como uma forma de ironizar a fala presidencial e, ao mesmo tempo, encorajar aqueles que ainda hesitavam em se vacinar. Esses gestos descontraídos e simbólicos serviram não apenas para aliviar a tensão em torno do tema, mas também para reforçar a importância da vacinação como única solução viável naquele momento de crise sanitária.

Além disso, o desenvolvimento das vacinas em tempo recorde foi motivo de admiração e emoção para muitas pessoas. Em circunstâncias normais, o processo de criação de um imunizante exige anos de pesquisa e testes. A resposta científica rápida à pandemia foi uma conquista histórica, demonstrando uma capacidade global de cooperação e inovação para enfrentar emergências de saúde pública. Apesar das adversidades e da desinformação, o início da vacinação representou uma esperança renovada para milhões de brasileiros.

Assim, o pequeno Arthur Maciel, de apenas 6 anos, tornou-se destaque em Matão (São Paulo) ao se vacinar contra a Covid-19 vestido com uma fantasia de jacaré. Embora os adultos já tivessem iniciado essa “onda de incentivo” nas redes sociais, a atitude do menino, realizada logo após o lançamento da vacinação para crianças sem comorbidades, destacou-se por mostrar que o processo era seguro e até divertido. O gesto de Arthur ganhou grande repercussão, promovendo, de forma lúdica e positiva, a importância da imunização infantil (Assis, 2022).

Figura 11 – Arthur Marciel, 06 anos. Vestiu-se de Jacaré para receber a vacina contra a Covid



Fonte: Assis, 2022.

Porém, enquanto iniciativas positivas como essa buscavam conscientizar a população sobre a importância da vacinação, a pandemia também revelou um lado sombrio da sociedade. Toda essa complexa conjuntura histórica, marcada pela fragilidade política daquele período, foi agravada não apenas pela disseminação de *notícias falsas*, mas também por problemas de gestão e comportamentos antiéticos. Mesmo diante de hospitais superlotados e uma população desesperada por cuidados, a ganância humana se destacou negativamente. Um exemplo emblemático disso foi o caso do desvio de materiais essenciais à saúde, como os cilindros de oxigênio no estado do Amazonas, durante a grave crise de desabastecimento. Esse episódio não apenas aprofundou a crise humanitária, mas também expôs as falhas estruturais e éticas na resposta governamental e social à pandemia.

Como observado na notícia do G1 (4 abr. 2021), onde:

Um homem foi preso [...], em Manaus, depois que a polícia descobriu um esquema de roubo de cilindros de oxigênio. Em janeiro, no auge da crise da saúde no Amazonas, o suspeito se tornou voluntário de uma ONG que transportava para os hospitais os cilindros doados para o Estado. Segundo as investigações, João Victor Araújo da Silva entrou na SOS Amazonas não para ajudar, mas para furtar os cilindros de oxigênio (Hisayasu, 2021).

Esses acontecimentos demonstram como a pandemia testou não apenas os sistemas de saúde, mas também evidenciaram as fragilidades políticas, sociais e éticas do Brasil. De um lado, houve esforços individuais e coletivos, como a atitude simbólica de Arthur Maciel e as campanhas conduzidas por estados, cientistas e profissionais da saúde, que buscaram conscientizar a população e conter a propagação do vírus. Por outro lado, a desinformação, o negacionismo e a má gestão governamental que levaram ao agravamento da crise, intensificaram o número de infectados e de óbitos. A combinação desses fatores criou um cenário caótico, em que o avanço científico e a solidariedade se contrapuseram a discursos irresponsáveis e práticas antiéticas, como o desvio de recursos essenciais.

Portanto, diante de uma pandemia global, o Brasil se tornou um caso paradigmático de como decisões políticas e a falta de coesão podem comprometer uma resposta a emergências de saúde pública. Contudo, o mesmo país que perdeu milhares de vidas também declarou a sua resiliência, seja através da ciência, do senso de humor ou das manifestações culturais que marcaram a luta contra o coronavírus. A memória desse período, simbolizada pela saudade de Gonçalves Dias, será um lembrete constante das lições aprendidas e das batalhas travadas por uma sociedade que buscou, apesar de tudo, superar a maior crise de sua história recente.

Por fim, para concluir esta seção, apresenta-se uma mensagem dedicada a todos aqueles que enfrentam a dor de perder “um *amor*”. Receba esta mensagem, querido enlutado, como um gesto de acolhimento e respeito à sua dor. Trata-se de uma singela homenagem não apenas aqueles que partiram, em especial pela Covid-19, mas também aqueles que, com força e resiliência, seguem em frente carregando o eterno sentimento de saudade no coração.

*Querido enlutado*⁴⁹,

Eu sei que sua vida se acinzentou.
Mas confie em Deus, ele há de colorir tudo novamente.

⁴⁹OURA, Vitória. Querido enlutado, o Senhor colorirá sua vida novamente. **Instagram:** [@donadecasaporamorblog](https://www.instagram.com/p/DDpKP2nuJyw/), 16 dez. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDpKP2nuJyw/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

Não será de repente e nem fácil.
 Tem um longo e doloroso processo ainda para se viver.
 Mas continue confiando no Senhor.
 Ele está colorindo sua vida de cores novas.
 Talvez você não perceba, mas, a cada novo dia que você prossegue, um pouco dessa tempestade vai embora.
 Seus olhos continuarão a chover.
 A saudade continuará a doer.
 Mas você também vai rir.
 Porque eu sei que o Senhor está colorindo sua vida de novo.
 Eu já estive no seu lugar. O nó na garganta também estava aqui. Mas ele se foi porque é o Senhor quem está colorindo minha vida de novo.
 Essa tempestade se dissipará.
 O sol brilhará entre as nuvens e chegará o dia em que toda essa dor terá para sempre fim.
 Mas não agora.
 Então caminhe.
 Caminhe com a certeza de quem sabe quem guia seus pés e que o destino é mais maravilhoso do que você é capaz de imaginar.
 O Senhor está colorindo sua vida. Apenas confie.

3.1.1 *O vírus e o Siará Grande*

Ainda na época das capitâncias hereditárias, no século XVII, a Capitania do Siará Grande correspondia a uma vasta extensão do sertão colonial, uma região inóspita e “habitada por inúmeras populações nativas e desconhecida pelo conquistador português” (Silva; Carvalho, 2021, p. 4), localizada nos sertões das Capitanias do Norte. O processo de conquista desse território ocorreu de maneira devastadora, especialmente devido à “legitimação do extermínio das populações indígenas tapuias que viviam no ‘corso’, em razão de sua resistência em aceitar os aldeamentos promovidos pelos jesuítas, que se efetivavam em meio ao avanço do colonizador nos territórios dessas capitâncias” (Silva; Carvalho, 2021, p. 2).

Essa região, marcada pela luta incessante do povo nativo em permanecer em suas terras, carrega um nome cuja origem permanece incerta. Sérgio Nogueira, professor de Língua Portuguesa formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e consultor de português do Grupo Globo, destaca, em uma matéria para o G1, cinco possíveis origens etimológicas para o nome *Ceará*. Observe a seguir.

1^{a)} Segundo o historiador João Brígido, Ceará antigamente se escrevia Siará. A grafia atual vem da corruptela da palavra tupi Siri-Ará, que vem de Siri (=andar para trás) + Ará (=branco);

- 2^a) O nosso grande escritor José de Alencar, convededor da língua tupi, afirma que Ceará se deriva de Siará, que significa “onde canta a Jandaia”;
- 3^a) O grande Capistrano de Abreu afirma que Ceará se originou da aglutinação das palavras indígenas dzú (água) e erá (verde). Sua pronúncia em português seria Siará e seu significado “água ou rio verde”;
- 4^a) O etimologista Mendes Júnior defende uma ideia diferente. Ceará refere-se à seca periódica e à moléstia ou febre causada pelo calor;
- 5^a) A hipótese do escritor cearense Antônio Bezerra é que a palavra Ceará originou-se do nome do deserto africano Saara, devido às dunas das branquíssimas praias cearenses (Nogueira, 2013).

A incerteza quanto à origem do próprio nome do estado revela, de certa forma, uma característica peculiar do povo cearense: a criatividade e a singularidade presentes em sua linguagem. O *Dicionário Cearês* é prova disso, reunindo expressões únicas e bastante usuais no dia a dia, como *amarelo queimado* (a cor laranja), *bater a caçuleta* (morrer), *bife do ioão* (ovo frito), *bom que nem presta* (algo muito bom), *gasguita* (mulher com a voz esganiçada) e *inhaca* (mau cheiro), entre tantas outras.

O bom humor e a capacidade de criar novas palavras também se fizeram presentes durante a pandemia. Em meio a um cenário de tensão e incerteza, o cearense, com sua irreverência característica, apelidou o coronavírus de "*coronga*", ou até mesmo "*coronga vairus*", em uma referência bem-humorada à pronúncia inglesa da palavra "vírus". Utilizado principalmente nas redes sociais e em conversas informais, o termo não possui registros que confirmem sua origem específica ou predominância no Ceará, embora essa adaptação linguística reflita uma tendência de adaptar palavras de forma criativa e leve, como uma maneira de lidar com momentos difíceis, como a pandemia de Covid-19.

Assim, a relação do estado com o vírus começou oficialmente a ser registrada no âmbito legal logo após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que reconheceu a autonomia de estados e municípios para adotarem medidas de combate à Covid-19, como isolamento social, restrições ao comércio e à circulação de pessoas (Amorim; Tajra, 2020). A decisão representou um revés para o presidente Jair Bolsonaro, que defendia a centralização das ações no governo federal. O STF reforçou que os governadores e prefeitos teriam o poder de implementar políticas sanitárias de acordo com a realidade local, garantindo uma resposta mais eficiente à pandemia.

O marco inicial para o estado cearense foi o Decreto N.º 33.510⁵⁰, de 16 de março de 2020, que, em seu Art. 3.º, determinou medidas emergenciais, como a suspensão, por 15

⁵⁰ C. Decreto N.º 33.510. 16 de março de 2020. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-N%C2%BA33.510-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020.pdf>. Acesso em: 03 julho 2023.

dias, de eventos públicos ou privados com mais de 100 pessoas, além da interrupção das atividades educacionais presenciais e outras restrições destinadas a conter a disseminação do vírus.

À medida que novos casos eram confirmados e as medidas de segurança se intensificavam, as ruas e avenidas das cidades cearenses transformaram-se em verdadeiros desertos, refletindo o medo e as incertezas sobre uma doença que, a cada dia, levava milhares de vidas. Para alguns, suas casas tornaram-se um abrigo seguro, um refúgio em meio ao caos mundial; para outros, uma verdadeira prisão, marcada pela angústia e pela incerteza de quando a pandemia finalmente chegaria ao fim.

A seguir, é possível observar uma imagem da Praça do Ferreira, localizada no coração de Fortaleza e considerada um dos pontos mais conhecidos da cidade. A cena reflete o resultado da fiscalização realizada no Centro por agentes da Agência de Fiscalização de Fortaleza (Agefis). Durante as ações, estabelecimentos que operavam sem permissão, como um motel na região central, foram fechados.

Figura 12 – Praça do Ferreira em período de *Lockdown*



Fonte: G1 CE, 2021.

Destarte, diante do deserto obrigatório, como em diversas regiões do Brasil e do mundo, tornou-se comum observar faixas e cartazes estampados com mensagens de encorajamento, como "Vai dar certo", "Vai passar" e "Voltaremos a nos abraçar". Essas frases, espalhadas por diferentes locais do estado, buscavam cultivar a esperança e fortalecer o espírito coletivo em um momento de incertezas e desafios, especialmente diante da pandemia. Esse

gesto simples, mas carregado de significado, simbolizava o desejo de superação e união, reafirmando a crença em dias melhores e na retomada do convívio social.

Não obstante, desde o início da pandemia, o presidente da Unimed Fortaleza, Dr. Elias Leite, divulgou em suas redes sociais e grupos de *WhatsApp* vídeos relatando a situação dos atendimentos nos hospitais da rede. “Nas gravações, o gestor sempre busca transmitir para a população uma mensagem de esperança dizendo que esse momento vai passar e que ‘vai dar certo!’” (Gabriela, 22 mar. 2021).

O bordão “vai dar certo” rapidamente ganhou adesão de diversos estabelecimentos e marcas, que buscaram apoiar o presidente da Unimed Fortaleza, valorizar o trabalho dos profissionais de saúde na linha de frente da pandemia e espalhar uma mensagem de otimismo em tempos difíceis. A campanha se expandiu tanto no universo *online* quanto no *off-line*, com empresas como McDonald’s, Mundo Pet, Normatel Home Center, Ibyte e M. Dias Branco exibindo a mensagem em fachadas e redes sociais, reforçando a corrente de esperança e solidariedade. Segundo o gestor, em uma fala para o Portal In, explica que tal ação:

É fundamental sermos claros com a população a respeito da situação que estamos vivendo, mas, justamente por ser um momento tão difícil e angustiante para todos, sempre acreditei que é também muito importante mantermos um otimismo responsável diante desse cenário e por isso faço questão de finalizar todos os vídeos com o ‘vai dar certo’. Das vezes que, por algum motivo, não falei a frase, diversas pessoas me cobraram, pois diziam que precisavam ouvir essa mensagem para acreditarem que tudo isso vai passar”, relata Dr. Elias Leite, presidente da Unimed Fortaleza (Gabriela, 22 mar. 2021).

A seguir, também é possível observar a rede alimentícia da Fábrica Fortaleza, do grupo M. Dias Branco, promovendo sua mensagem de ânimo e esperança.

Figura 13 – Fábrica Fortaleza e o “vai dar certo” durante a pandemia



Fonte: Gabriela, 22 mar. 2021.

Dessa forma, enquanto os cearenses buscavam meios de animar a população em meio à pandemia, o estado era guiado por uma série de decretos destinados a conter a propagação do vírus avassalador. Entre o primeiro decreto em 16 de março de 2020 e o último, datado de 24 de março de 2023, o Governo do Ceará emitiu um total de 91 decretos relacionados às ações contra o coronavírus, marcando três anos intensos de enfrentamento da pandemia. Esses decretos refletiram as ações lideradas pelo governador Camilo Santana para conter a propagação da doença e proteger a saúde pública do estado. As decisões foram fundamentadas em orientações científicas e sanitárias, com o objetivo de equilibrar a proteção da população com as necessidades econômicas do Ceará.

As informações apresentadas a seguir foram elaboradas com base nas observações extraídas dos decretos publicados no Portal do Governo do Estado do Ceará⁵¹, que delinearam e legitimaram as ações a serem adotadas durante o enfrentamento da pandemia.

No caso, uma das primeiras medidas adotadas foi o *isolamento social rígido*, especialmente em períodos críticos da pandemia, quando os índices de contaminação estavam

⁵¹CEARÁ. Governo do Estado. **Decretos do Governo do Ceará com ações contra o coronavírus**. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/decretos-do-governo-do-ceara-com-acoes-contra-o-coronavirus/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

elevados, principalmente em Fortaleza. Serviços não essenciais foram temporariamente fechados e a circulação de pessoas foi limitada. Em complemento, foi decretado *o uso obrigatório de máscaras* em locais públicos e privados, medida fundamental para reduzir o risco de transmissão do vírus.

Para reforçar o isolamento, o governo também implementou toques de recolher em horários específicos, restringindo a circulação noturna da população. Um exemplo disso é o Decreto Nº 33.936, de 17 de fevereiro de 2021, que estabeleceu um toque de recolher das 22h às 5h, conforme disposto no artigo 6º:

Art. 6º Fica estabelecido “toque de recolher” no Estado do Ceará, ficando proibida, todos os dias, das 22h às 5h do dia seguinte, a circulação de pessoas em ruas e espaços públicos, salvo em função de serviços de entrega, para deslocamentos a atividades previstas no §1º, do art. 5º, deste Decreto, ou em razão do exercício da advocacia na defesa da liberdade individual, ficando o responsável sujeito às sanções do art. 11, deste Decreto, em caso de descumprimento.

Parágrafo único. Das 17h às 5h do dia seguinte, todos os dias, fica proibida a utilização de espaços públicos, tais como praças, “areninhas”, calçadões e praias (Ceará, 2021).

Como observado também, no parágrafo único acima, ficou proibida a utilização de espaços públicos em horários específicos. Paralelamente, foi determinada a *suspensão das aulas presenciais* em escolas e universidades, que foram substituídas por atividades remotas, com o retorno gradual condicionado à melhora dos indicadores de saúde.

No contexto da saúde pública, o governo estadual *investiu significativamente na ampliação da rede de saúde*, criando hospitais de campanha e aumentando a oferta de leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e enfermaria. Além disso, contratou profissionais de saúde para atender à crescente demanda e adquiriu hospitais da rede privada, que passaram a atender exclusivamente pacientes com Covid-19. O governo também autorizou a instalação de hospitais de campanha como medida emergencial, visando enfrentar os desafios impostos pela pandemia.

A exemplo, a seguir é apresentada uma foto registrada em 2021, quando o Governo do Ceará, em parceria com a Prefeitura de Sobral, montou um hospital de campanha no Hospital Regional Norte (HRN) para atender pacientes diagnosticados com Covid-19. A iniciativa teve como objetivo ampliar a capacidade de atendimento na região diante do aumento de casos da doença. A estrutura provisória foi planejada para oferecer suporte médico emergencial e fortalecer a rede de saúde local, priorizando a proteção da população durante a crise sanitária (Ceará, 2021b).

Figura 14 – Hospital de Campanha na Regional Norte, Sobral- 2021



Fonte: Governo do Ceará, 2021b.

Com o avanço no controle da pandemia, o governo elaborou ainda um *Plano de Retomada Econômica*, que permitiu a reabertura gradual das atividades em fases, conforme os indicadores epidemiológicos, como taxas de ocupação de leitos e índices de contaminação. Já no processo de vacinação, a gestão estadual organizou um plano de imunização em parceria com os municípios, priorizando grupos mais vulneráveis e garantindo a ampla distribuição das doses no estado.

Para assegurar a eficácia dessas ações, a fiscalização foi intensificada, com a atuação de órgãos como a Agência de Fiscalização de Fortaleza, que garantiram o cumprimento dos decretos, incluindo o fechamento de estabelecimentos não essenciais e a proibição de aglomerações. Dessa forma, as ações do governo foram orientadas por dados epidemiológicos e pelo diálogo contínuo com especialistas, refletindo uma abordagem cautelosa e coordenada para enfrentar os desafios impostos pela pandemia no Ceará.

Embora seja sabido que nem todas as pessoas adotaram medidas de proteção ou obedeceram às restrições para si e para os outros, parte da população enfrentou dificuldades econômicas, como a falta de alimentos, ao permanecer em casa. Paralelamente, o comportamento negligente de outros, movidos pela ganância, também agravou a situação. Como consequência, os casos de Covid-19 aumentaram, impulsionados pela circulação de novas variantes do vírus, como a *Gama*, *Delta* e *Ômicron*. Entre 2020 e 2023, o estado enfrentou

cinco ondas da pandemia, sendo a maior em 2021. Durante períodos de alta, medidas como restrições e toque de recolher foram implementadas, porém o aumento sempre gerava discussões sobre a necessidade de novas ações preventivas (Falconery; Paulino, 2024).

Todavia, em contrapartida à maior onda de contaminação, a vacinação no estado do Ceará teve início em 18 de janeiro de 2021, logo após a chegada das primeiras 218 mil doses da CoronaVac em Fortaleza. A técnica de enfermagem Maria Silvana Souza Reis, de 51 anos, foi a primeira pessoa a ser vacinada, recebendo a dose no Hospital Leonardo da Vinci. O imunizante utilizado foi a CoronaVac, produzido pelo Instituto Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac. A chegada das doses representou o início de um esforço coletivo para conter a pandemia, que até então havia causado números alarmantes de casos e óbitos no Ceará (Ceará, 2021a).

Figura 15 – Primeiras doces da vacina contra a COVID no Ceará



Fonte: Governo do Ceará, 2021a.

De acordo com dados da Secretaria Estadual da Saúde (Sesa), até o início de 2023, o estado registrou mais de 1,3 milhão de casos confirmados e cerca de 28 mil óbitos pela doença. Como já mencionado, a maior onda ocorreu em 2021, impulsionada pela circulação da variante Gama, porém o surgimento de variantes subsequentes, como Delta e Ômicron, trouxe novos

picos de contaminação entre 2022 e 2023, evidenciando a necessidade contínua de adaptações nas políticas públicas e na rede hospitalar (Ceará, 2021a; Falconery; Paulino, 2024).

Apesar das adversidades, a vacinação emergiu como o principal fator de controle da pandemia. Com a chegada das primeiras doses em janeiro de 2021, o Ceará iniciou uma mobilização ampla, garantindo a distribuição do imunizante em todas as regiões do estado. A prioridade foi dada a grupos vulneráveis, como profissionais de saúde, idosos e pessoas com comorbidades, o que resultou em uma redução progressiva dos casos graves e das internações. O esforço conjunto do governo estadual, em diálogo com especialistas e respaldado por dados epidemiológicos, possibilitou uma resposta coordenada e eficaz à pandemia, ainda que marcada por desafios socioeconômicos e pela resistência de parte da população em adotar medidas preventivas. Esse cenário reforça a importância das políticas de saúde pública e da ciência no enfrentamento de crises globais como a Covid-19 (Ceará, 2021a).

Por fim, é importante destacar a singularidade do povo cearense em transformar até os momentos mais difíceis em expressões carregadas de criatividade e identidade cultural. A referência ao nome *Siará*, uma das possíveis origens etimológicas do Ceará, simboliza a resistência histórica e a capacidade de adaptação de seu povo. Durante a pandemia, essa habilidade se manifestou novamente, com a criação de termos como “*coronga*” ou “*coronga virus*”, utilizados de forma irreverente para suavizar a dor e a incerteza do período. Essa criatividade linguística reflete não apenas o bom humor e a resiliência do cearense, mas também a esperança de ultrapassar tempos sombrios com coragem e leveza, mantendo viva a tradição de reinventar palavras e significados, mesmo diante das adversidades.

3.1.3.1 Breve reflexão: A Pandemia e o ensino no Brasil

Com o isolamento social imposto em todo o Brasil, um dos setores mais impactados foi, sem dúvida, a educação. As escolas suspenderam as aulas presenciais e, para minimizar os danos na aprendizagem, muitas instituições adotaram o ensino remoto ou híbrido. Diante da necessidade urgente de reorganização, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou, em 28 de abril de 2020⁵², um parecer favorável ao uso de atividades pedagógicas não presenciais para o cumprimento da carga horária mínima anual. Esse parecer, homologado pelo Ministério

⁵²BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 5/2020 – CNE/CP**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19. Brasília: MEC/CNE, 2020. Disponível em: <http://www.abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Parecer-cne-cp-005-2020-04-28.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.

da Educação (MEC) em 29 de maio de 2020⁵³, tornou-se um marco na adaptação do ensino em meio à pandemia.

Mas, afinal, o que são o *ensino híbrido* e o *ensino remoto*? O ensino híbrido é uma modalidade educacional que combina atividades presenciais e *online*, buscando integrar o melhor de ambos os formatos. Segundo Silva (2004, p. 5), o ensino híbrido propõe “a combinação de práticas pedagógicas presenciais e remotas, integrando tecnologias digitais para proporcionar uma experiência de aprendizado mais flexível e personalizada”. Essa abordagem permite que os alunos participem de atividades síncronas e assíncronas, tanto *online* quanto *offline*, oferecendo maior flexibilidade e personalização no processo de aprendizagem (Educacional, 2021).

Já o ensino remoto refere-se a atividades de ensino mediadas por tecnologia, mas com base nos princípios da educação presencial. Como explica uma notícia publicada pela Universidade Federal de Alagoas (Freire, 2022), no ensino remoto, “os estudantes têm aulas virtuais no mesmo horário em que estariam presentes na instituição de ensino”. Essa modalidade visa manter a continuidade do aprendizado quando não é possível realizar atividades presenciais, utilizando ferramentas digitais para promover a comunicação entre alunos e professores.

Durante a pandemia e o consequente isolamento social, essas práticas foram adotadas em todo o país, adaptadas às realidades locais. Quando o vírus representava um perigo maior, as aulas ocorreram completamente no formato remoto. No entanto, conforme o número de contaminações começou a diminuir, as escolas passaram a adotar o modelo híbrido, com um número reduzido de estudantes indo presencialmente à escola.

Contudo, o alto índice de contaminação prolongou o período de ensino remoto. Embora regulamentado, o ensino remoto enfrentou desafios imensos, já que ninguém estava preparado para aplicá-lo em larga escala. Sistemas educacionais, gestores, professores, estudantes e famílias precisaram se reinventar rapidamente. A tecnologia digital tornou-se essencial para a continuidade das atividades escolares, mas, ao mesmo tempo, as desigualdades educacionais no Brasil se tornaram ainda mais evidentes. Muitos professores, de um dia para o outro, passaram a usar o *WhatsApp*, uma ferramenta originalmente destinada à comunicação,

⁵³BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Despacho de 29 de maio de 2020**. Diário Oficial da União, nº 103, segunda-feira, 1º jun. 2020. ISSN 1677-7042. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/06/2020&jornal=515&pagina=32>. Acesso em: 27 mar. 2025.

como principal meio de ensino, além de aprenderem rapidamente a utilizar diversas plataformas digitais.

Embora o ensino remoto tenha sido considerado a alternativa mais viável para evitar um atraso ainda maior no desenvolvimento educacional dos alunos, sua efetividade dependia de uma colaboração constante entre escolas, famílias, alunos e toda a comunidade escolar (Costa; Nascimento, 2020). A educação precisou ser encarada como um esforço conjunto, no qual a participação de todos foi indispensável.

Entretanto, a realidade foi marcada por improvisações e tentativas de adaptação. Conferências *online*, mensagens, *lives*, áudios, imagens e vídeos foram usados em grande quantidade, mas muitas vezes sem um direcionamento claro (Martins; Almeida, 2020). O ensino remoto, por vezes, tornou-se um modelo unidirecional e massivo, no qual a prioridade era transmitir conteúdo de maneira rápida, sem levar em consideração as dificuldades individuais dos alunos. Esse cenário evidenciou uma falha já existente no modelo educacional: a priorização da memorização e reprodução de conteúdo em detrimento da construção significativa do conhecimento.

A fala de Santos (2020, p. 30) ilustra bem essa situação:

O ensino remoto tem deixado suas marcas... Para o bem e para o mal. Para o bem porque, em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços [...]. Para o mal porque repetem modelos massivos e subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede. Além de causar traumas e reatividade a qualquer educação mediada por tecnologias.

O ensino remoto mostrou que, embora a tecnologia possa ser uma aliada da educação, seu uso inadequado pode causar sérios prejuízos ao aprendizado. O distanciamento físico dos colegas e professores gerou desmotivação e, em alguns casos, contribuiu para o aumento da evasão escolar. Além disso, o acesso desigual à internet e a dispositivos tecnológicos aprofundou ainda mais as diferenças de oportunidades entre os estudantes de diferentes classes sociais.

Além do ensino básico, o impacto da pandemia na educação superior também foi significativo. Universidades e faculdades precisaram organizar e reformular rapidamente suas atividades acadêmicas, representando um grande desafio para professores e estudantes. Muitas instituições adotaram plataformas de ensino a distância, mas a falta de infraestrutura e familiaridade com essas ferramentas dificultou o processo. Para muitos estudantes, a adaptação

foi ainda mais complicada devido a questões como o difícil acesso à internet e à falta de um ambiente adequado para os estudos (Mancebo, 2020).

Por outro lado, a crise acelerou mudanças que já estavam em curso no ensino superior, impulsionando a adoção de metodologias híbridas e fortalecendo a presença da tecnologia nas salas de aula. Professores desenvolveram novas abordagens para tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, enquanto os alunos se viram diante da necessidade de aprimorar sua autonomia e organização nos estudos. A experiência da pandemia deixou claro que o ensino superior precisa caminhar para um modelo mais flexível e acessível, que combine o melhor do presencial e do digital.

Dessa forma, fica evidente que, se, por um lado, o isolamento e a necessidade de adaptação rápida causaram traumas e dificuldades, por outro, essas experiências podem servir como base para a construção de um modelo educacional mais acessível, dinâmico e resiliente. A pandemia, embora desafiadora, pode ser vista como um ponto de partida para a reimaginação da educação no Brasil, com mais ênfase na personalização do aprendizado e no fortalecimento de um ensino híbrido, que respeite as realidades de cada aluno e professor.

4 UM OÁSIS EM MEIO À COVID-19: CALÇADA LITERÁRIA

O uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), o fechamento de fronteiras para conter a circulação do vírus e a higienização constante de objetos e superfícies tornaram-se parte da rotina de quem vivenciou o período da pandemia. Práticas como deixar sapatos, bolsas e chaves em um local estratégico ao entrar em casa também foram amplamente adotadas. No entanto, nenhuma medida foi tão intensamente reforçada quanto o apelo para que a população "ficasse em casa".

Diariamente, ao ligar a televisão, além das atualizações sobre o número de casos e mortes causadas pela Covid-19, era comum ouvir o mesmo apelo repetido por personalidades famosas e anônimas nas redes sociais: FIQUE EM CASA⁵⁴.

Um exemplo marcante desse movimento foi a campanha realizada por profissionais da saúde. Como observado em Mato Grosso, os profissionais buscaram conscientizar a população sobre a importância do isolamento social como medida preventiva contra a disseminação do coronavírus. Hospitais como o Hcan (Hospital do Câncer) e o HGU (Hospital Geral Universitário) se engajaram na iniciativa, publicando mensagens nas redes sociais para incentivar o distanciamento. A campanha enfatizava que, enquanto os profissionais de saúde trabalhavam incansavelmente para cuidar dos pacientes, a população poderia colaborar permanecendo em casa, ajudando assim a reduzir o risco de contágio e proteger a comunidade como um todo (G1 MT, 20/03/2020).

⁵⁴Campanha nacional divulgada em diversos meios de comunicação de modo a conscientizar a população a permanecer em casa e a não proliferar o vírus.

Figura 16 – Profissionais da saúde em Mato Grosso e o incentivo ao “FIQUE EM CASA”



Fonte: G1 MT, 20 de março de 2020.

Não diferente de outras regiões do Brasil, o Ceará também seguiu as recomendações sanitárias para conter a disseminação do coronavírus. O Governo do Estado, por meio de decretos, implementou períodos de *lockdown*, vivenciados e assumidos pela população cearense. Durante esses períodos, foi restringido o convívio social em escolas e instituições de ensino superior, bem como o funcionamento de lojas, restaurantes e diversos outros estabelecimentos, reforçando que essas medidas tinham como objetivo principal manter a população em casa e garantir o distanciamento social, amplamente considerado a forma mais eficaz de combater a Covid-19.

Nesse cenário de confinamento, a interação social precisou ser reinventada. As pessoas passaram a buscar meios virtuais para se conectar, como participando de cursos à distância, assistindo a *lives* no *YouTube* e realizando encontros online em plataformas como

Zoom, Skype e Google Meet. Essas iniciativas representavam uma tentativa de superar a ociosidade, a ansiedade e o medo, sentimentos que permeavam grande parte da sociedade.

Diante do contexto de incertezas e luta pela sobrevivência, quando universidades, faculdades, escolas e espaços educacionais foram obrigados a suspender suas atividades, um grupo de pessoas encontrou na literatura uma forma de se conectar e resistir às adversidades. De maneira voluntária e autônoma, passaram a reunir-se semanalmente por meio de uma plataforma digital, utilizando a tecnologia para criar um espaço de acolhimento e diálogo.

Assim nasceu a ***Calçada Literária***, criado por amigos em comum, um grupo literário que realizou encontros periódicos às sextas-feiras, ao entardecer, na virada do dia, por volta das 17h, reunindo em média 22 participantes na plataforma *Google Meet*. A dinâmica era simples: a cada encontro, um conto literário era escolhido para discussão, atraindo pessoas de diversas classes sociais e formações. O foco não era criar um espaço acadêmico, mas sim proporcionar momentos de apreciação das belas letras, em busca de um refúgio diante da pandemia que ceifava vidas de familiares, amigos e vizinhos.

Curiosamente, até mesmo para aqueles que estiveram à frente do projeto, é difícil apontar um único idealizador. No entanto, a iniciativa surgiu no âmbito do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará (GEPHEC), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderado pelo professor Francisco Ari de Andrade. Este, ao descobrir as possibilidades das reuniões *online*, passou a realizar, junto às suas estudantes de graduação e pós-graduação, formações e minicursos, como o estudo da história do Ceará sob a ótica da literatura.

O marco de mudanças para as pessoas envolvidas nessa célula acadêmica ocorreu em 16 de março de 2020, quando a Universidade Federal do Ceará (UFC) anunciou a suspensão de suas atividades presenciais por um período inicial de quinze dias, em resposta ao avanço da contaminação pelo novo coronavírus no estado do Ceará (Universidade Federal do Ceará, 2020). O que inicialmente seria uma pausa temporária para reorganização institucional acabou se estendendo por dois anos, com o retorno presencial dos alunos apenas em 16 de março de 2022.

Saudoso dos encontros e atento à necessidade de manter a formação de sua equipe, o professor Francisco Ari de Andrade buscou uma forma de oportunizar o aprendizado no contexto do ensino remoto. Movido pelo desejo de preservar a essência do GEPHEC — o uso das ferramentas online como meio de aprendizagem — encontrou inspiração na leitura de

Michel de Montaigne. Foi nesse momento que surgiu o *insight*⁵⁵ que daria origem à *Calçada Literária*.

A ideia tomou forma a partir do conceito de encontro por meio das palavras, resgatando o pensamento de Montaigne em *Ensaios*: “mas é preciso colocar em seus devidos termos o sentido de *otium cum litteris*. [...]. Ele não corresponde a uma ruptura com a vida ativa e um isolamento numa vida de contemplação [...]” (Montaigne, 2016, p. 16). A expressão latina *otium cum litteris*, traduzida como “ócio com as letras” ou “descanso com a literatura”, sintetiza esse propósito. Michel de Montaigne, filósofo francês do Renascimento, fez desse conceito um modo de vida. Em 1571, afastou-se da vida pública e recolheu-se à torre de sua propriedade, no sudoeste da França, onde montou uma vasta biblioteca. Cercado por livros e reflexões filosóficas, escreveu seus *Ensaios*, obras que revolucionaram a literatura e o pensamento ocidental (Montaigne, 2016).

O isolamento social imposto pela crise sanitária fez com que muitos se vissem imersos em um ócio forçado, sem a possibilidade de interagir como antes. Nesse cenário, a *Calçada Literária* emerge como uma resposta a esse vazio: um convite ao encontro entre o tempo livre e a literatura, onde cada passo se tornava uma oportunidade para transformar a solidão em aprendizado. Através das palavras e do conhecimento, ela ofereceu uma forma de reconexão, proporcionando aos participantes um espaço para reflexão e troca, mesmo à distância.

Com o passar do tempo, a *Calçada Literária*, que a princípio havia começado de forma tímida e sem vínculo formal com as atividades acadêmicas da universidade, consolidou-se como um espaço de encontro e troca de ideias. Inicialmente, seu propósito era apenas manter a relação entre professor e alunos durante o período de afastamento social, mas, aos poucos, os próprios participantes começaram a mencionar o projeto para outras pessoas. Essas indicações se multiplicaram, e logo a iniciativa alcançou uma comunidade mais ampla, unida pelo simples prazer de discutir literatura.

O crescimento inesperado surpreendeu a todos. Houve encontros com mais de cinquenta participantes, um número expressivo para algo que começou de maneira tão espontânea. No entanto, ao longo do tempo, o grupo estabilizou-se com uma média de 22 participantes por reunião. A dinâmica manteve-se sempre a mesma: após a escolha e discussão do próximo texto no grupo, ele era compartilhado no *WhatsApp*, permitindo que cada

⁵⁵ Expressão que significa clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz. Compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados.

participante realizasse a leitura previamente e levasse suas impressões para serem debatidas na *Calçada*.

Quanto a escolha do nome, *Calçada Literária*, refletia um desejo nostálgico de recriar as conversas descontraídas em calçadas, um hábito tão comum em tempos passados. Nesse cenário virtual, o grupo utilizava a literatura como ferramenta para resistir à realidade avassaladora, encontrando na leitura e na troca de ideias uma forma de enfrentar o medo e a dor causados pela crise sanitária.

A seguir, apresenta-se um registro raro de um dos encontros dos então chamados *Calçadianos*, termo cunhado pelo poeta Paiva, um dos colaboradores, para descrever aqueles que faziam parte da tertúlia. A imagem escolhida para representar o grupo remete a uma calçada, evocando a ideia de pessoas reunidas em torno de um livro aberto. Nela, também se destaca a inscrição em latim “*OTIUM CUM LITTERIS*”, interpretada pelos participantes como “lazer com letras”. A ilustração foi criada pela autora desta dissertação, inspirada em referências descobertas na *web*, em um esforço para traduzir visualmente o espírito da *Calçada Literária*.

Figura 17 – Imagem oficial da Calçada Literária



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Mais do que um espaço de leitura, a *Calçada* se transformou em um refúgio de resistência emocional e intelectual. Estava realmente cumprindo o que o seu lema propunha,

pois para os seus participantes, os quais vinham de segmentos diversos, tais como, estudantes, professores, jornalistas, psicanalistas, enfermeiros e outros, os encontros funcionavam como uma forma de catarse, permitindo-lhes aliviar angústias e incertezas enquanto compartilhavam, ainda que virtualmente, histórias que ofereciam conforto e reflexão. Era ao mergulhar em contos de autores como Machado de Assis, Cecília Meireles e tantos outros, que parecia surgir uma linha tênue que conectava aquelas tramas literárias às vivências e desafios do presente.

Cabe salientar que um grupo literário é um espaço onde se constrói “um conjunto de representações, um tecido de imagens mentais criadas por discursos que as projetam, descreve sua fisiologia, contam suas aventuras” (Glinoer, 2020, p.20). Trata-se, portanto, de uma reunião regular entre leitores para discutir e compartilhar experiências de leitura, um movimento que transcende a mera apreciação literária e se torna um ato de construção coletiva de significados.

Nesse contexto, a *Calçada Literária* emergiu como um espaço de resistência intelectual e emocional, especialmente em um período em que as portas das instituições de ensino estiveram fechadas. Ainda que seus participantes não tivessem consciência plena de seu impacto, eles contribuíram para que a *História da Educação* continuasse a ser escrita, mesmo que de forma singela e quase anônima. Esse ato reflete a essência da educação, como definido por Saviani (2003, p.13):

O ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Essa definição toma a educação objetivamente em sua realidade histórica e contempla tanto a questão da comunicação e promoção do homem como o caráter mediador da educação no interior da sociedade.

A *Calçada Literária*, como espaço mediador, promoveu não apenas a troca de saberes, mas também a humanização de seus participantes por meio da educação. A interação entre os leitores, ensinando e aprendendo uns com os outros, foi essencial para enfrentar os desafios da realidade histórica vivida.

Neste cenário, o pensamento de Dumont (1998, 2020) torna-se pertinente ao revelar que a leitura é uma experiência que não ocorre de forma isolada, mas integra valores, sentidos e motivações oriundos da relação entre texto, contexto e sujeito. Os processos de leitura são profundamente influenciados pelos cenários de vida e pelo contexto sócio-histórico que moldam as experiências individuais. Assim, quando um participante da Calçada tomava a palavra para expressar suas reflexões sobre um conto, estava também dialogando com os saberes acumulados em seu repertório, ressignificando ou ampliando o que já conhecia à medida que novos saberes emergiam das discussões coletivas (Dumont, 1998, 2020).

Esses saberes apropriados, conforme Dumont sugere, podem ser aplicados às vivências cotidianas, auxiliando na tomada de decisões e no enfrentamento de situações de interesse individual ou coletivo (Dumont, 1998, 2020). Petit (2009, p.12) complementa essa visão ao afirmar que a leitura desempenha um papel significativo na formação de indivíduos capazes de lidar com as adversidades de suas realidades sociais, sejam elas políticas, econômicas ou relacionadas a cenários de opressão. Segundo ela, os leitores buscam nas experiências de leitura respostas para seus dilemas, criando em torno do texto um espaço psíquico que permite refletir sobre o próprio contexto, consciente ou inconscientemente.

Em síntese, o momento em que um texto, uma frase ou mesmo uma palavra ganha significado profundo para o leitor é quando “as letras representam as vivências do sujeito, seus desejos e angústias, mesmo que não falem delas diretamente” (Salomão, 2022, p. 6). Foi essa conexão que a *Calçada Literária* promoveu: um espaço onde a leitura se tornou um ato de resistência, reflexão e transformação pessoal e coletiva.

Ainda sobre a *Calçada*, é importante destacar que suas atividades ocorreram ao longo de dois anos, 2020 e 2021, nos períodos mais intensos da pandemia, tendo seus encontros realizados sempre às sextas-feiras. Com o passar do tempo, novas propostas de leitura foram incorporadas, em alguns meses, por exemplo, o foco foi exclusivamente em escritores cearenses, em outros, a escolha recaiu sobre clássicos da literatura brasileira, como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo, e *A Normalista*, de Adolfo Caminha, entre outros. No ano de 2022, com a “normalização” gradativa das rotinas dos integrantes, as reuniões começaram a perder adesão devido à incompatibilidade de agendas.

Abaixo, é possível visualizar um registro de uma das reuniões, no qual aparece projetado um slide com o livro em discussão: *A Normalista*, de Adolfo Caminha.

Figura 18 – Calçada Literária, em sexta-feira 4 de junho de 2021



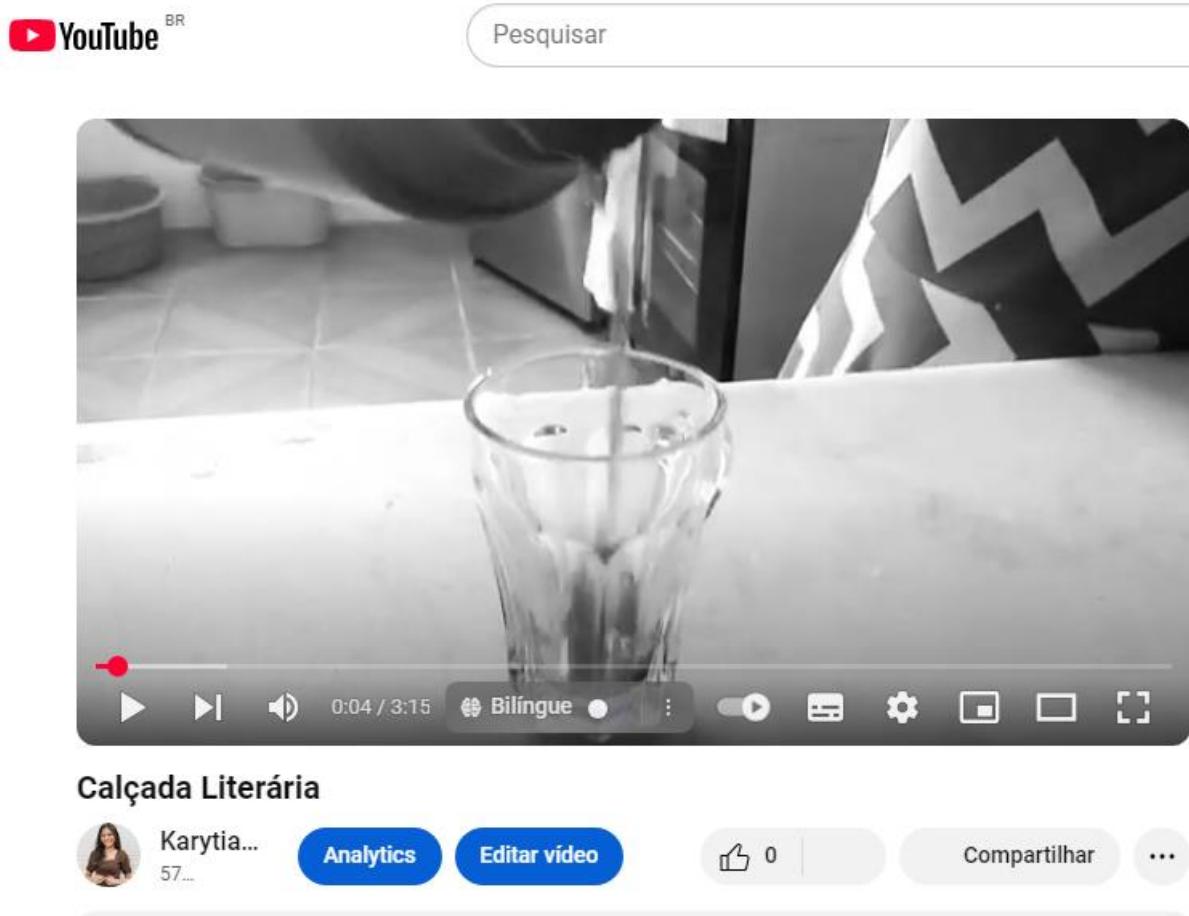
Fonte: Própria da autora.

Em um vídeo publicado pela autora deste trabalho na plataforma *YouTube*, é possível observar um pouco da interação entre os diversos participantes. Não havia uma regra fixa sobre quem deveria falar primeiro; contudo, para fins de organização, buscava-se manter uma média de cinco minutos por pessoa, garantindo espaço para todos.

O vídeo foi presenteado ao grupo após mais de um ano de reuniões como uma forma de rememorar todo o percurso realizado até então. Nele, é possível ouvir comentários de alguns participantes, além de perceber a leveza do momento, refletida nas risadas espontâneas e no clima de alívio e amabilidade, porém, é possível ainda, compreender a seriedade das falas e o teor reflexivo.

A seguir, apresenta-se a capa do vídeo, conforme exibida na plataforma *YouTube*.

Figura 19 – Vídeo de homenagem para a Calçada Literária: um ano de leituras



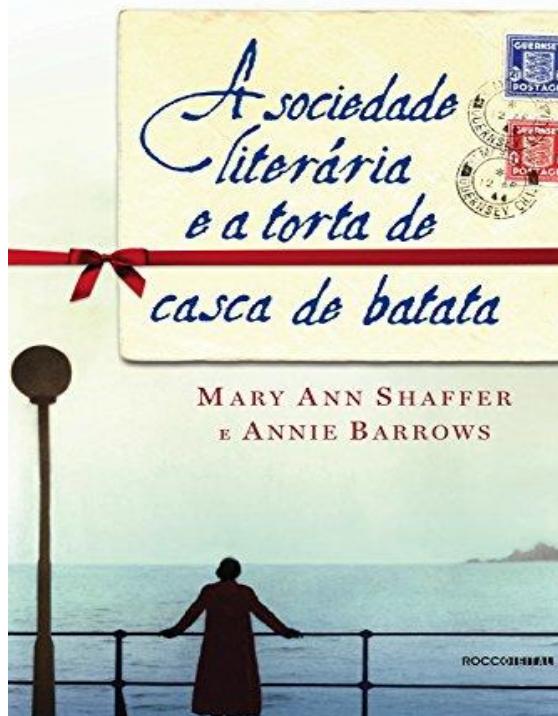
Fonte: Silveira, 2024.⁵⁶

E você, caro leitor, pode estar se perguntando: qual a importância de registrar tal grupo? Se os argumentos que destacam a relevância do registro histórico e sua contribuição para a História da Educação ainda não forem suficientes, convido-o a refletir sobre a própria literatura. Nela, encontramos o registro da leitura como um verdadeiro oásis em meio a contextos de crise, especialmente aqueles provocados “por regimes políticos opressores, bem como a leitura como foco central para o enfrentamento a esses cenários” (Salomão, 2022, p. 3).

Um exemplo marcante dessa ideia é a obra *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata*, das autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows. Publicado no Brasil em 2009, o romance também ganhou vida na adaptação cinematográfica, ampliando ainda mais o alcance de sua mensagem. A seguir, apresenta-se a capa principal do livro, que reflete a essência dessa narrativa tão inspiradora.

⁵⁶SILVEIRA, Karytia Nayara Gonçalves da. Calçada Literária. **Youtube**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3OvR41WJIE>. Acesso em: 28 dez. 2024.

Figura 20 – Capa do livro “A sociedade literária e a torta de casca de batata”



Fonte: Mello, 2018⁵⁷.

O enredo de *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata* se passa no pós-Segunda Guerra Mundial e segue Juliet Ashton, uma escritora londrina que troca cartas com os membros de uma peculiar sociedade literária na ilha de Guernsey. Intrigada pela história do grupo, que foi formado durante a ocupação nazista como uma desculpa para escapar de problemas com as autoridades, Julieta (nome traduzido para o português) decide visitar a ilha. Ao longo da narrativa, ela descobre as cicatrizes deixadas pela guerra, os laços que uniram os membros da sociedade e uma nova perspectiva sobre vida, amor e literatura.

A obra possui uma base histórica sólida, abordando a ocupação das Ilhas do Canal da Mancha pela Alemanha nazista, um evento real que ocorreu entre 1940 e 1945 (Newitt, 2018). Nesse período, os moradores de Guernsey enfrentaram diversas adversidades, como a escassez de alimentos, restrições à liberdade e os efeitos emocionais da presença militar estrangeira. Embora a criação da sociedade literária seja uma invenção fictícia, ela reflete o papel que a literatura e a cultura influenciaram como formas de resistência e preservação da identidade durante tempos de opressão (Shaffer; Barrows, 2008).

⁵⁷MELLO, Matheus Moreira. *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata – Resenha (Netflix)*. 22 agosto 2018. Disponível em: <https://metaga.com.br/filmes/a-sociedade-eu-e-a-torta-de-c-de-batata-resenha-n>. Acesso em: 03 jan. 2024.

O filme e o livro retratam, de maneira sensível, os desafios enfrentados pelos habitantes durante a ocupação e como aquela população pode persistir mesmo nos momentos mais sombrios. A torta de casca de batata, mencionada no título, simboliza a criatividade e a resiliência das pessoas, que, mesmo em condições adversárias, encontraram formas de sobreviver com dignidade (Shaffer; Barrows, 2008; Newitt, 2018).

Essa obra, ao refletir a ideia de que a arte imita a vida, destaca como a literatura pode criar espaços de resistência e celebração. Enquanto a *Calçada Literária* emerge como um espaço virtual que exalta a literatura e a usufrui como subterfúgio em meio a pandemia, no filme *A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata*, a sociedade literária oferece um espaço simbólico onde os membros compartilham vivências e encontram força para enfrentar os desafios impostos pela guerra. Ambos os contextos reafirmam a literatura como uma poderosa fonte de inspiração e resiliência, capaz de transformar momentos de crise em oportunidades de união e superação.

Assim, quando a arte por si só não é suficiente para convencer, recorre-se ao campo científico, apoiando-se no renomado trabalho de Michèle Petit sobre a importância da leitura. Em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, a antropóloga francesa explora como a leitura pode servir como refúgio e espaço de reconstrução, tanto pessoal quanto coletiva, em momentos de adversidade. Petit destaca que, em contextos de crise, como desastres naturais, conflitos ou guerras, os espaços de leitura desempenham um papel crucial na promoção da resiliência, ajudando os indivíduos a reinterpretar suas experiências e a fortalecer os laços sociais. Essa perspectiva encontra eco na iniciativa da *Calçada Literária*, que surgiu como uma resposta ao isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, oferecendo aos participantes um espaço para troca de ideias e acolhimento emocional.

Petit (2009) alerta que:

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um "espaço em crise". Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal — mesmo se preparadas há tempos —, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados.

[...]

[...] como disse René Kaës, uma "**crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração**". "O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades", escrevem Chamoiseau e Glissant, após a passagem de um ciclone. "Quando tudo desmorona ou se vê transformado, são também os rigores ou as impossibilidades que se vêem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpidos por novas luzes" (Petit, 2009, p. 20-21, grifos da autora).

Deste modo, a obra de Petit ressalta ainda que os atos de leitura em grupo criam comunidades temporárias onde as pessoas podem se reconectar consigo mesmas e com os outros. Esse princípio foi claramente observado na *Calçada Literária*, cujos encontros regulares se tornaram uma oportunidade de diálogo, partilha e construção coletiva de sentidos. Os participantes encontraram na literatura um meio de expressar suas emoções, de se identificar com as histórias narradas e de compartilhar experiências em um ambiente de acolhimento, pois conforme a autora, é ali onde:

[...] os leitores se sentem vinculados aos outros — aos personagens, ao autor, aos que leram o livro, que leem juntos ou o farão um dia —, descobrindo que dividem as mesmas emoções, as mesmas confusões; por outro lado, eles se veem separados, diferentes daquilo que os cerca, capazes de pensar independentemente (Petit, 2009, p. 83).

Outro ponto central em Petit é a ideia de que os espaços de leitura não são apenas físicos, mas simbólicos, construídos pela interação dos leitores com os textos e entre si. A *Calçada Literária*, mesmo em um formato virtual ou híbrido, materializou essa ideia ao transformar encontros regulares em um território simbólico de pertencimento. Os textos lidos e discutidos eram, muitas vezes, espelhos das realidades dos participantes, proporcionando uma conexão entre a literatura e o contexto social vivenciado. Nesse sentido, a leitura revela seu impacto inesperado: "A leitura, ao inspirar a vida interior, instaura um processo terapêutico discreto, cujo poder talvez não consigamos medir" (Petit, 2009, p. 114).

Além disso, Petit argumenta que a leitura pode ser um ato de resistência em tempos de incerteza, ajudando as pessoas a imaginar futuros possíveis. Esse elemento de resistência está presente na *Calçada Literária*, onde a escolha de obras variava entre autores locais, como escritores cearenses, e clássicos brasileiros. Essas leituras permitiram aos participantes não apenas dialogar com o passado, mas também refletir sobre questões contemporâneas e aspirar por transformações sociais e pessoais.

Por fim, tanto em *A arte de ler espaços em crise* quanto na *Calçada Literária*, evidencia-se que a leitura transcende o prazer individual e se torna um ato comunitário e político. A Calçada exemplificou como a literatura pode criar laços, aliviar tensões e proporcionar uma experiência de comunhão, mesmo em momentos de crise. Essa iniciativa reforça o papel transformador da leitura, como enfatizado por Petit, ao oferecer aos participantes um espaço para navegar por desafios coletivos e individuais com criatividade e esperança, afinal:

“[...] no momento em que as aflições se transformam em idéias, perdem uma parte de sua ação nociva sobre nosso coração, e mesmo, no primeiro instante, a própria transformação subitamente libera alegria”. **Os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em idéia e a reencontrar a alegria** [...] (Petit, 2009, p. 33, grifos da autora).

4.1 Arriégua⁵⁸! E as narrativas são fontes de pesquisa?

A fim de conhecer mais profundamente a *Calçada Literária* a partir da perspectiva de quem a vivenciou, é necessário apoiar-se na memória e nas narrativas desses sujeitos. Desde o início deste trabalho, enfatizou-se que acessar as experiências vividas, preservadas na memória, ouvir essas histórias e registrá-las constitui uma forma fundamental de preservar a História. No caso desta dissertação, ainda mais precisamente para a História da Educação. Assim, torna-se indispensável compreender essa metodologia como fonte de pesquisa e sua relevância para este trabalho.

Inicialmente, para a introdução do assunto, destaca-se o trabalho de Nancy Huston, em *A Espécie Fabuladora*, onde a autora argumenta que a capacidade de criar e contar histórias é uma das características que definem a humanidade. Para Huston (2009), os seres humanos são naturalmente inclinados a construir narrativas como forma de dar sentido à vida e ao mundo ao seu redor. Essa habilidade narrativa não apenas organiza as experiências e emoções individuais, mas também cria pontes culturais, transmitindo valores, crenças e conhecimentos entre gerações. Huston destaca que, ao contrário de outras espécies, que interagem com o mundo de maneira instintiva, os humanos transformam eventos e fatos em histórias carregadas de significado, moldando a realidade por meio da imaginação e da linguagem (Huston, 2009).

Além disso, Huston aponta que as narrativas desempenham um papel essencial na construção de identidades pessoais e coletivas, tanto que a autora afirma que “a narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência” (Huston, 2009 p. 19). As narrativas, desta maneira, ajudam os indivíduos a interpretar seu lugar no mundo e as sociedades a estabelecer coesão cultural e histórica. Essa capacidade de “fabular” permite aos seres humanos revisitar o passado, compreender o presente e projetar futuros possíveis. As histórias, segundo Huston, são ao mesmo tempo um reflexo da realidade e uma ferramenta poderosa de transformação, revelando a relação intrínseca entre a subjetividade humana e a maneira como compreendemos e moldamos o mundo.

⁵⁸Trata-se de uma interjeição para diversas finalidades, como demonstrar espanto, dúvida, alegria ou até mesmo uma ideia brilhante.

Deste modo, para compreender as narrativas como fonte de pesquisa, é essencial reconhecer que elas representam uma forma única pela qual os seres humanos expressam suas percepções sobre o mundo. Além disso, as narrativas constituem uma valiosa fonte de informações para a análise de fenômenos específicos, ao oferecerem uma perspectiva íntima e contextualizada sobre experiências individuais e coletivas. Quando um sujeito é estimulado a narrar sua história, a pesquisa narrativa proporciona a oportunidade de dar voz aos participantes do estudo, permitindo que compartilhem suas vivências, reorganizem suas ideias e atribuam novos significados às suas trajetórias.

Nesse contexto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma metodologia que não apenas investiga, mas também transforma. Segundo Oliveira e Silva-Forsberg (2022, p. 14), a pesquisa narrativa está:

[...] vinculada às investigações qualitativas ditas ‘convencionais’, ainda que esta introduza uma fissura nos padrões estabelecidos habitualmente, uma vez que as narrativas apresentam-se como processo de investigação e formação, **possibilitando ao sujeito contar a sua própria história captada pelas experiências, como também rever as ideias e produzir novos sentidos para o vivido** (Oliveira; Silva-Forsberg, 2022, p. 14, grifos da autora).

A narrativa, nesse sentido, assume um papel pedagógico e reflexivo, permitindo que os sujeitos revisitem suas experiências e as ressignifiquem, criando novos sentidos para o passado e o presente. Essa prática é fundamental para compreender o impacto dos eventos vividos e construir um registro que valorize a subjetividade, ampliando o entendimento histórico e social.

Cabe ressaltar que esse processo de narrar vai além do simples ato de contar histórias. Ele se torna um espaço de reflexão e reconstrução, no qual os narradores revisitam suas experiências sob uma nova luz. A pesquisa narrativa, nesse contexto, não apenas coleta informações, mas também promove um diálogo transformador entre o passado, o presente e o futuro dos sujeitos. É um método que valoriza a subjetividade, reconhecendo que cada narrativa é impregnada por emoções, memórias e interpretações singulares que ajudam a moldar a compreensão do mundo.

Com base no trabalho de Christine Delory-Momberger, em *Biografia e Educação: Figuras do Indivíduo-Projeto*, entende-se que a narrativa se constrói a cada enunciação e, com ela, reconstrói o sentido da história que é contada. Essa história, por sua própria natureza, nunca está finalizada; ela é continuamente revisitada, reorganizada e reinterpretada. A narrativa reúne, organiza e tematiza os acontecimentos da existência, dando sentido a uma vida multiforme,

heterogênea e polissêmica. Como enfatiza Delory-Momberger (2008, p. 97), “é a narrativa que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos história; temos história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Além disso, a pesquisa narrativa cumpre um papel fundamental na valorização de vozes individuais, sobretudo em contextos onde determinados grupos foram historicamente marginalizados. Por meio da escuta atenta e da construção de narrativas, é possível dar visibilidade a histórias que, muitas vezes, permanecem ocultas ou silenciadas. Esse método não apenas contribui para o avanço acadêmico, mas também promove um reparo simbólico de justiça social, ao reconhecer e legitimar múltiplas perspectivas.

Ainda conforme Delory-Momberger (2008), ao revisitar suas histórias, as pessoas têm a chance de refletir sobre escolhas, erros, aprendizados e conquistas, o que pode levar a novas formas de agir e pensar, todavia, é ao ouvir a narrativa do outro, que o sujeito encontra um espaço de experimentação, uma espécie de laboratório para sua própria construção biográfica, reconfigurando e ampliando seu horizonte de compreensão. Como observa a autora, é “onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar seu horizonte, onde ela se põe à prova como escrita de si” (Delory-Momberger, 2008, p. 62).

Assim, a pesquisa narrativa transcende a mera coleta de histórias; ela é um poderoso instrumento para compreender os fenômenos humanos em sua complexidade. Ao dar voz aos sujeitos e incentivá-los a refletir sobre suas experiências, cria-se um espaço de encontro entre o individual e o coletivo, entre a subjetividade e a ciência. Essa abordagem amplia horizontes, permitindo não apenas compreender o mundo, mas também transformá-lo ao valorizar o poder das narrativas na construção do saber e da existência.

Não há, contudo, outra forma de acessar narrativas sem o suporte da memória. Jacques Le Goff (2007, p. 477) enfatiza que a memória “é um campo de descoberta, pois é nela que a história se nutre, buscando salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. A realidade cotidiana é percebida de forma singular por cada indivíduo, pois as situações recebem sentido a partir do universo de crenças e vivências intrínseco a cada um. Assim, ainda que as narrativas como ferramenta de pesquisa sejam relativamente novas por se apoiarem na palavra dita e não apenas em documentos ou fontes históricas tradicionais, ou que a memória possa ser falha, elas resgatam a relevância da oralidade. Durante séculos, a oralidade preservou práticas, dogmas e valores de inúmeras culturas, enquanto também construiu e perpetuou a história humana, ancorada na memória das pessoas que vivenciaram contextos históricos específicos.

Sobre a narrativa como metodologia de investigação, Galvão (2005, p. 330) afirma:

A narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo.

Ainda que a inserção em temas pessoais possa causar apreensão, é importante destacar que a história é construída por pessoas e que a oralidade das vivências é uma das formas mais autênticas de contá-la. Nesse sentido, como observa Molina (2011, p. 432), ao trabalhar com narrativas, o pesquisador enfrenta dilemas éticos e epistemológicos:

[...] creio que não seja difícil entender que pesquisar em educação com narrativas [...] é um trabalho cuja experiência se situa em uma fronteira na qual ética e epistemologia se tocam permanentemente. Na experiência de pesquisar com narrativas [...], o pesquisador constrói um processo de produção de conhecimento (epistemológico) com a colaboração de colegas [...]. Essa experiência acarreta vivenciar, no próprio processo epistemológico, a experiência de questionar seus próprios conhecimentos e sua posição no mundo. E, com certa frequência, os resultados ou o conhecimento produzido o colocam em dilemas que são, ao mesmo tempo, epistemológicos (novas perguntas) e éticos (o poder e a consequência dos resultados).

As narrativas, portanto, não apenas permitem aos colaboradores da pesquisa atribuir sentido a um fato vivenciado, mas também desafiam o pesquisador a repensar seu papel e compromisso ético. Analisar, transcrever e interpretar as histórias compartilhadas torna-se parte essencial da construção de sua identidade como investigador, exigindo responsabilidade e seriedade na transmissão do que lhe foi confiado.

Assim, as narrativas como recurso de pesquisa se conectam diretamente à preservação da *História do Tempo Presente*. Um elemento central dessa abordagem é a ideia de que a História do Tempo Presente está profundamente permeada pela subjetividade. Michel de Certeau destaca que a produção historiográfica é moldada pelas condições culturais, políticas e sociais do tempo em que é produzida. Isso demonstra que, mais do que investigar o passado recente, essa vertente histórica reflete sobre como o presente configura as perguntas feitas ao passado, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre os dois tempos (Certeau, 2011).

Outro ponto fundamental na concepção de Certeau é o papel da memória, tanto individual quanto coletiva, na construção das narrativas históricas contemporâneas. Ele argumenta que a história não é um registro objetivo de fatos, mas uma construção discursiva que se apoia em vestígios, documentos e testemunhos, cada qual carregando múltiplos significados. Dessa forma, a interação entre memória e história é indispensável para compreender como os eventos são apropriados e reinterpretados no presente (Certeau, 2014).

Michel de Certeau também atribui à História do Tempo Presente uma dimensão crítica. Ele defende que essa abordagem deve questionar as estruturas de poder, os silêncios e as exclusões nas narrativas dominantes. Ao desconstruir discursos hegemônicos, o historiador abre espaço para perspectivas alternativas e vozes marginalizadas, ampliando a compreensão do passado e problematizando as condições sob as quais a história é escrita e narrada (Certeau, 2011).

Em síntese, a História do Tempo Presente, conforme Michel de Certeau, não se limita à análise do passado recente. Ela busca compreender como as preocupações do presente moldam a escrita da história, destacando as interações entre memória, subjetividade e crítica. Essa abordagem permite ao historiador agir como mediador entre o passado e o presente, oferecendo uma visão complexa e rica da relação entre ambos (Certeau, 2014).

Por fim, essa perspectiva ressalta a importância das narrativas, não apenas como um instrumento de acesso ao passado, mas como um meio de reconstrução crítica da história a partir do presente. Ao dar voz a sujeitos e explorar suas memórias e interpretações, as narrativas permitem ampliar o entendimento do passado e transformá-lo em um recurso para questionar e modificar as condições do presente. Assim, elas se consolidam como um poderoso mecanismo para articular subjetividade, ciência e justiça social, características fundamentais da História do Tempo Presente.

4.1.1 Sob a sombra da Calçada

Diante das incertezas causadas por um vírus tão pequeno, mas capaz de deixar a humanidade de joelhos, e ainda mais diante dos longos meses que se transformaram em anos e das idas e vindas de períodos de lockdown, a *Calçada Literária* seguiu suas atividades todas as sextas-feiras, na virada do dia, entre os anos de 2020 e 2021. Cada sujeito podia pegar seu tamborete, seu bom café da tarde, e adentrar um espaço de encontro e escuta, mesmo que mediado por telas. Ali, vozes se entrelaçaram em torno da leitura, não apenas como prática intelectual, mas como um gesto de cuidado, acolhimento e partilha. Em meio ao luto, ao medo e à incerteza, os encontros semanais se tornaram abrigo — um território simbólico onde era possível narrar a dor, ressignificar experiências e, sobretudo, continuar vivendo.

É nesse contexto que esta seção da dissertação se dedica a apresentar e analisar as narrativas dos participantes do projeto, com o objetivo de compreender como a literatura, mediada pela vivência coletiva, contribuiu para a elaboração subjetiva e coletiva da memória da pandemia. Ao ouvirmos essas histórias, busca-se mais do que relatos: procura-se os sentidos

produzidos a partir da experiência, as marcas do vivido e os gestos de resistência simbólica frente à crise.

Nesse movimento de escuta e construção, foram selecionados seis colaboradores para compartilhar suas vivências no projeto *Calçada Literária*. A escolha dos nomes foi realizada em conjunto com o orientador desta pesquisa, considerando participantes com os quais a autora ainda mantinha vínculo. Todos foram convidados individualmente, aceitaram prontamente participar e contribuíram com relatos ricos em memórias e significados.

Com base nessa seleção, as entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Google Meet*, com gravações feitas através de um aparelho celular, e posteriormente transcritas integralmente para análise. Com o objetivo de assegurar o compromisso ético da pesquisa, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado no Apêndice B desta dissertação. As vias assinadas encontram-se sob a guarda da autora.

Quanto à abordagem do problema, comprehende-se que as narrativas oferecem uma oportunidade de trazer à tona uma memória vivida, considerando que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (Bosi, 2010, p. 55). Por isso, buscou-se, por meio de entrevistas com o auxílio de um roteiro semiestruturado — em que o pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema estudado e permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que surgem como desdobramento do tema principal (Gerhardt et al., 2019, p. 72) —, estudar qualitativamente os relatos dos colaboradores, recorrendo à palavra como expressão da experiência.

Com base nessa perspectiva, a etapa de construção das narrativas foi planejada para favorecer a livre evocação das memórias. Elaborou-se, então, um roteiro com dez perguntas que serviram como ponto de partida para o diálogo, sem impor uma estrutura rígida. O objetivo foi criar um espaço de escuta sensível, permitindo que as entrevistas acompanhassem o ritmo da memória e a espontaneidade de cada participante. Dessa forma, buscou-se respeitar os percursos subjetivos de cada relato e acolher a diversidade das experiências partilhadas.

Reforçando o que já foi apontado na fundamentação teórica, as narrativas constituem o eixo central desta pesquisa, ao oferecerem uma compreensão situada e significativa do vivido. Por meio delas, os participantes puderam reorganizar lembranças, ressignificar suas trajetórias e compartilhar histórias de modo autêntico. O roteiro completo utilizado nas entrevistas encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

Nesse movimento, a pesquisa narrativa não apenas recolhe informações, mas também promove transformação. Conforme argumentam Oliveira e Silva-Forsberg (2022),

embora se aproxime das abordagens qualitativas convencionais, essa perspectiva rompe com padrões estabelecidos ao reconhecer nas narrativas um espaço de produção de sentidos e de reelaboração da experiência.

A análise das narrativas foi conduzida a partir da identificação de categorias temáticas emergentes, construídas com base nas recorrências de sentidos, afetos e imagens evocadas pelos participantes. Essas categorias, entrelaçadas aos registros visuais do projeto, ampliam a compreensão do vivido no contexto da *Calçada Literária*. Para fundamentar essa escuta e interpretação, recorreu-se aos aportes teóricos de Jerome Bruner (1991), Michèle Petit (2009), Christine Delory-Momberger (2008) e Michel de Certeau (2011, 2014), cujas reflexões iluminam a dimensão narrativa da experiência, o papel simbólico da leitura, a constituição das identidades leitoras e as práticas de apropriação cultural em tempos de crise.

A partir dessa perspectiva teórica e metodológica, os relatos dos participantes foram organizados em cinco categorias temáticas que buscam dar visibilidade aos sentidos compartilhados ao longo das entrevistas: a literatura como abrigo emocional; a pandemia e o medo compartilhado; a leitura como encontro e reconstrução; narrar para lembrar (e não esquecer); e o grupo como território simbólico. Essa sistematização tem como propósito não apenas ordenar os conteúdos, mas também evidenciar como, por meio da leitura e da escuta coletiva, os sujeitos reinventaram vínculos, produziram significados e encontraram formas de resistência simbólica durante o período pandêmico.

Essa escolha também busca evitar que as falas fiquem soltas ou fragmentadas no documento, favorecendo uma leitura que valorize a singularidade de cada narrativa, sem perder de vista o que há de comum entre elas. Assim, as categorias funcionam como fios condutores que conectam diferentes experiências, possibilitando uma análise mais aprofundada e afetiva das memórias partilhadas.

As seis pessoas entrevistadas compõem o grupo de colaboradores desta pesquisa e, com generosidade, abriram espaço em suas rotinas para compartilhar experiências, sentimentos e lembranças. Essa disponibilidade, mesmo após o encerramento das atividades da *Calçada Literária* e diante do distanciamento que o tempo impôs entre os participantes, revela não apenas o vínculo afetivo com o projeto, mas também um compromisso ético e afetivo com a preservação da memória coletiva daquele período.

Os entrevistados possuem perfis diversos, o que enriquece ainda mais as interpretações possíveis. Rachel Menezes é professora da rede pública municipal e apaixonada por literatura desde a infância. Magnólia Maria também é professora, escritora e leitora atenta, que viveu intensamente o período da pandemia ao lado da família. Patrícia Cristina é

pesquisadora e docente universitária, com trajetória marcada pelo envolvimento em grupos de leitura e projetos formativos. Thania Gorayeb atua na educação com foco na cultura de paz, sendo uma defensora da memória das histórias silenciadas. Francisco Paiva Neves, ex-operário, poeta de cordel e professor, traz consigo uma experiência de vida atravessada pela militância e pela literatura popular. Por fim, Dayane Calado, também professora, expressa em sua fala a leveza e a esperança que encontrou na leitura em tempos de dor.

Esses relatos, mantidos em sua forma original, são mais do que depoimentos: são testemunhos de um tempo difícil, ressignificados pela escuta, pela literatura e pela força dos encontros possíveis.

A seguir, são apresentados os apontamentos emergentes dessas narrativas — vozes que, mesmo distintas, compõem uma memória coletiva entrelaçada por afetos, leituras e resistências.

- *A literatura como abrigo emocional*

Em meio ao isolamento social, à suspensão das rotinas e ao medo constante da perda, a literatura revelou-se para os participantes da *Calçada Literária* como um espaço simbólico de abrigo. As leituras realizadas — tanto nos encontros virtuais quanto em momentos individuais — assumiram o papel de acolher, consolar e sustentar subjetivamente aqueles que atravessavam a experiência da pandemia. Michèle Petit (2009), ao refletir sobre o lugar da leitura em tempos de crise, afirma que ler é se colocar em movimento e que, frequentemente, o ato de leitura é o que permite a reconstrução de si quando tudo ao redor parece ruir: “as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de desvaneio que permite a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização [...]” (Petit, 2009, p. 32).

Essa percepção encontra eco nas palavras de Dayane Calado⁵⁹, que relembra com emoção:

Gosto muito da frase que diz que ler é ter o mundo nas mãos! Então, a gente não podia sair de casa com os nossos pés, mas a gente podia sair com a nossa mente, né? Através dos livros! Então, era como se a gente pudesse ver o mundo lá fora, a partir das letras... e isso foi muito lindo! Fantástico! (Saraiva, 2025, depoimento oral).

⁵⁹SARAIVA, Dayane Calado. **Depoimento [março de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: North Shopping Jóquei. 12 arquivos mp3 (29min42s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

Sua fala revela como a leitura ultrapassou os limites do conteúdo textual e se transformou em possibilidade de deslocamento simbólico. A imaginação guiada pela palavra escrita funcionou como estratégia de enfrentamento do confinamento e da saudade.

Do mesmo modo, Magnólia Maria⁶⁰ compartilha que, diante do *lockdown* e da suspensão das atividades escolares, encontrou nas leituras uma forma de leveza e reencontro consigo mesma:

Professor não tem como fugir de leitura, né? E, nessa época, eu estava gestora de uma escola e a gente teve que fechar tudo porque teve um *lockdown*, né? Então, foi um, até, antecipando o momento da pandemia, foi um momento, assim, de aproximação de muitas leituras, como você diz, a leitura leve, sem tanta exigência, sem aquela burocracia da academia, né? Então, assim, eu me aproximei bastante de leituras, né? Inclusive, e assim, até mesmo com os meus filhos, né? (Costa, 2025, depoimento oral).

É sabido que a construção de leitores no Brasil é um desafio, “assim como em vários lugares, não é fácil transmitir o gosto pela leitura [...] especialmente quando [se] cresce em meios populares” (Petit, 2009, p. 39). Por isso, as leituras chamadas “leves”, nesse contexto, não significam superficiais, mas, ao contrário, são aquelas que permitem o respiro. São obras que chegam como mãos estendidas, abrindo frestas em meio ao peso das notícias diárias e à dureza da reclusão.

A experiência de Rachel Menezes⁶¹ também destaca essa função afetiva da literatura:

[...] Aprofundei muito minha leitura. Tinha até uma meta: ler os livros da minha estante que eu ainda não tinha tido tempo de ler. [...] Foi uma forma de tentar esquecer um pouco, desligar do mundo... tentar ir pra outra dimensão (Carvalho, 2025, depoimento oral).

A metáfora da “outra dimensão” ressoa como uma das mais recorrentes entre os participantes, confirmando que a leitura, naquele momento, não era mero passatempo, mas refúgio psíquico e emocional. Petit (2009) escreve que, em tempos de colapso, os livros podem funcionar como uma tenda improvisada sobre a cabeça de alguém em ruínas. A *Calçada Literária*, então, ao propor a partilha dessas leituras, contribuiu não apenas para manter ativa uma prática cultural, mas para sustentar afetivamente seus participantes.

⁶⁰COSTA, Magnólia Maria Oliveira. **Depoimento [abril de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: Google Meet. 01 arquivos mp3 (22min23s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

⁶¹CARVALHO, Rachel Menezes de. **Depoimento [abril de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: Google Meet. 02 arquivos mp3 (32min18s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

Por fim, Francisco Paiva Neves⁶², poeta e professor, fala da leitura com o encantamento de quem a reconhece como instrumento de transformação, como ainda, rememora todo o drama entorno do período pandêmico:

É o período que eu mais li também e que mais produzi intelectualmente, porque aí não tinha o que fazer, a gente estava dentro de casa, né? Um período muito ruim, um período de depressão, um período que nem a própria família a gente via, né? Na pandemia, eu morava... Eu cheguei a uma situação que eu não ligava a televisão para ver jornal, porque eu ligava assim e via... [...] aqui no Brasil mesmo, pessoas morrendo em volta das UPAS, porque não cabia. Aquela coisa horrível, né? [...].

Então, a gente se segurava na literatura, em filme, em telefone, conversar com as pessoas, porque senão a gente ia pirar, senão a cabeça da gente não ia suportar. **Então, a literatura foi um... Acredito, assim, que me segurou, segurou a minha cabeça**. Eu li livros inteiros que eu tinha começado, que não tinha dado tempo. Baixei vários PDF (Neves, 2025, depoimento oral, grifos da autora).

O depoimento de Paiva revela como, em meio ao silêncio imposto pela pandemia, a literatura se impôs como presença — não apenas como consolo, mas como sustentação da vida interior. Ler foi também uma forma de resistir ao colapso, de manter-se em relação com o mundo, mesmo quando tudo parecia desmoronar. Em um cotidiano esvaziado de presença e marcado pela incerteza, foi nos livros que ele encontrou uma forma de seguir habitando o mundo. Ao retomar livros interrompidos, buscar novos textos e se lançar à leitura como quem busca fôlego, Paiva não apenas se protegeu — ele resistiu. Há nisso o que Certeau (1994) nomeia como uma prática inventiva do cotidiano: táticas silenciosas com as quais os sujeitos reconfiguram o vivido a partir dos fragmentos disponíveis.

- *A pandemia e o medo compartilhado*

Se, por um lado, a literatura ofereceu refúgio simbólico, por outro, os relatos dos participantes também evidenciam a marca do medo coletivo que se instaurou com a pandemia. A experiência do confinamento, a incerteza diante de um vírus invisível e a constante presença da morte formaram um pano de fundo emocional que atravessa as falas. Para Nancy Huston (2010, p. 19) “a narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência”, as narrativas, assim, são modos de organizar a experiência humana, sobretudo em contextos de disruptão — são elas que tornam o caos minimamente compreensível. Ao

⁶²NEVES, Francisco Paiva. **Depoimento [abril de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: Google Meet. 06 arquivos mp3 (2h38min3s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

narrar o vivido, o sujeito não apenas relata, mas constrói sentido para o que antes parecia incomunicável.

É nesse movimento que surge a memória de Magnólia Maria, ao se lembrar da dureza das notícias e da decisão de isolar-se com a família:

A gente tinha medo até de ligar a TV, das notícias que iriam, né? [...] Chegava alguém: morreu, fulano morreu. Pessoas suas, conhecidas, amigas, vizinhas... e aí, todo mundo já morreu [...].

Eu morava em Mossoró na época e me mudei pra praia, pra casa da praia.

Ficamos durante todo o processo da pandemia, ficamos isolados lá, mas eu continuava trabalhando, indo e vindo, era a única pessoa que saia de casa, todo mundo trancado, né? E aí, inclusive, com os meus filhos também, né? Que estavam no processo de aula, né? Remota (Costa, 2025, depoimento oral).

O medo da morte se inscreve nas pequenas ações do cotidiano — como evitar ligar a televisão —, mas também nos grandes gestos de proteção: ir para a casa da praia, afastar-se do convívio com os mais vulneráveis. Ainda assim, ela conclui dizendo que conseguiu “atravessar com tranquilidade a pandemia” (Costa, 2025, depoimento oral), o que revela, como diria Jerome Bruner (1991), em “A Construção Narrativa da Realidade”, um esforço de ressignificação narrativa — o trauma é narrado com um tom de alívio, como quem passou pelo vale e chegou do outro lado.

A fala de Rachel Menezes carrega a mesma tensão entre o desespero do contexto e a tentativa de resistir emocionalmente:

Toda semana a gente tinha uma notícia ruim sobre alguém — principalmente familiares, amigos, irmãos da igreja [...] então, no meio daquela loucura, a gente procurava muitos escapes, né? [...] Todo dia era ‘tantas mortes’... Você ficava pensando: ‘Meu Deus, quem vai ser o próximo?’

[...]

Então sim, Karytia, respondendo diretamente à sua pergunta: me aprofundei sim. Li bastante! Muitos livros que eu já tinha comprado e ainda não tinha lido. Aproveitei para fazer muitas leituras atrasadas (Carvalho, 2025, depoimento oral).

Rachel explicita o caráter cíclico do sofrimento: as perdas se tornavam parte de um cotidiano repetitivo e exaustivo. A pandemia não foi vivida apenas como um evento, mas como uma permanência. Ainda assim, ao falar, ela busca o que houve de positivo — as leituras, os grupos de partilha, os “escapes”. E é neste gesto de contar que a dor se transforma em memória partilhável.

Mesmo entre os participantes que estavam sobrecarregados, como Thania Gorayeb⁶³, a narrativa do medo aparece suavizada por outras experiências:

Eu estava muito ocupada com a escola e concluindo o doutorado... Mas estar com vocês me fazia bem. [...] Era um alívio, uma pausa no medo.

[...]

Eu não sei quantas reuniões foram feitas, mas de quando eu entrei, eu participei, [...]. Inclusive, eu não me lembro da obra, mas eu lembro que eu não podia ler a obra toda, mas eu pegava partes da obra, principalmente alguma coisa que eu achava interessante, porque eu queria participar, eu queria compartilhar alguma coisa, então eu me lembro, sim, eu me lembro de alguma leitura, né, de alguma obra (Sucupira, 2025, depoimento oral).

A fala de Thania expressa o desejo de manter a vida em movimento, mesmo diante da exaustão. O grupo da *Calçada* surge como uma trégua simbólica no meio da pressão — um espaço onde se podia respirar, mesmo que por pouco tempo. A própria escolha de participar dos encontros é, em si, um gesto de resistência ao pânico generalizado. É notável em sua fala o esforço que era feito para acompanhar as leituras e “conviver”, ainda que mediado por telas, com pessoas as quais se desenvolvia laços fraternos.

Para Bruner (1991), ao narrar suas experiências, os sujeitos selecionam elementos significativos que lhes permitem dar coerência ao vivido. A memória da pandemia, portanto, não se dá apenas como acúmulo de fatos, mas como reconstrução subjetiva. E é justamente isso que se observa nas falas: o medo é lembrado, mas não sozinho. Ele vem sempre acompanhado de afetos, de conexões e da tentativa constante de encontrar algum sentido.

- *A leitura como encontro e reconstrução*

Mais do que uma atividade solitária, a leitura compartilhada nos encontros da *Calçada Literária* se configurou como um espaço potente de reconstrução subjetiva e relacional. O grupo funcionava como uma tessitura de vozes que, ao ler e comentar juntas, criavam novas formas de olhar para o texto e para si mesmas. Como afirma Delory-Momberger (2008), as narrativas pessoais, quando ditas em relação ao outro, tornam-se também espaços de formação — lugares onde o sujeito reorganiza sua trajetória, reelabora memórias e se reinscreve no tempo.

Rachel Menezes expressa esse sentimento de forma vibrante, ao refletir sobre o que mais a encantava na Calçada:

⁶³SUCUPIRA, Thania Gorayeb. **Depoimento [março de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: Google Meet. 11 arquivos mp3 (1h6min14s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

Tão fantástico quanto ler é compartilhar a leitura: o seu ponto de vista, sua visão de mundo, suas experiências... E também ver como outras pessoas fizeram sentido daquilo que você leu. Às vezes eu percebia um trecho de uma forma, e outra pessoa via de um jeito completamente oposto. [...] Isso era fantástico pra mim (Carvalho, 2025, depoimento oral).

Nesse movimento, a leitura deixa de ser uma experiência individualizada para tornar-se um processo de escuta ativa e diálogo formativo. Cada leitor, ao colocar sua interpretação em circulação, transforma o texto — e também é transformado por ele.

Ali, os leitores se sentem vinculados aos outros — aos personagens, ao autor, aos que leram o livro que leem juntos ou farão um dia —, descobrindo que dividem as mesmas emoções, as mesmas confusões; por outro lado, eles se veem separados, diferentes daquilo que os cerca, capazes de pensar independentemente (Petit, 2009, 83).

Essas descobertas — de semelhança e diferença, de comunhão e autonomia — também se fazem presentes no relato de Patrícia Cristina,⁶⁴ que descreve a Calçada como um espaço afetivo e fecundo, no qual o encontro com o outro ampliava o poder da literatura:

Quando entrei no grupo, percebi que era um ambiente acolhedor, de troca de saberes. Durante a pandemia, foi essencial. Pessoas de diferentes áreas se uniam pela literatura — nosso fio condutor. Era um espaço de acessibilidade também. Todos os textos eram compartilhados entre nós [...] (Aragão, 2025, depoimento oral).

O “fio condutor” mencionado por Patrícia é mais do que metáfora: é também imagem da costura simbólica que a literatura proporcionava entre vidas distintas. Como ponte entre mundos e gerações, a palavra literária se fez mediação. Cada encontro era também um recomeço.

Paiva Neves, com sua trajetória marcada pelo cordel e pelo envolvimento com a oralidade popular, trouxe à *Calçada* não apenas sua leitura, mas também sua escrita. Ele compartilha:

Então eu ficava ansioso que chegasse o final de tarde daquela reunião, porque era uma coisa prazerosa de fazer.

Primeiro porque a gente via, dialogava com nossos colegas que estavam ausentes do nosso convívio, e quando um período de grande ausência por uma pandemia dá um desconforto emocional muito grande, então só em ver 4, 5, 6, 10 pessoas e poder conversar sobre questões que não necessariamente é um fenômeno que está ocorrendo, dá uma satisfação muito grande e essa era a questão.

A outra importância é do encontro literário em si, que a gente não ia reunir, conversar somente para trocar ideias soltas, mas a gente estava lendo contos,

⁶⁴ARAGÃO, Patrícia Cristina. **Depoimento [abril de 2025]**. Entrevista cedida à Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre. Fortaleza: Google Meet. 02 arquivos mp3 (47min3s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Calçada Literária em período pandêmico.

poesias, depois evoluiu para livro, e sem nenhuma pretensão acadêmica a gente conversar sobre as impressões daqueles textos que a gente leu [...].

É bom a gente estar em casa, é bom descansar em dois dias, três, mas meses sem você poder sair na calçada para conversar com o teu vizinho, **aí a alma é corroída**, a depressão vem, a ansiedade vem.

[...] Após isso, o motivo começa a ganhar um novo significado, se ampliar, que é o diálogo, que é o conhecimento, que é a **interação na literatura, que é a leitura coletiva, isso diferencia**. Eu lia, por exemplo, um conto do Machado de Assis e passei uma semana com aquele conto, **ele sendo consumido pelos meus neurônios, causando emoções fortes em mim** [...] (Neves, 2025, depoimento oral, grifos da autora).

Aqui, a reconstrução se faz também pelo gesto criativo. Paiva ressignifica o isolamento não apenas como silêncio, mas como espaço fértil para a criação e o vínculo. Em sua narrativa, o texto se torna encontro — com as crianças, com os colegas, com sua própria história.

Essas falas mostram que, durante o confinamento, os participantes da *Calçada Literária* não apenas leram, mas também se permitiram reler a si mesmos. O grupo funcionava como uma sala de espelhos em que cada leitura refletia uma parte da experiência comum. No diálogo com os outros, emergiam novas possibilidades de ser e de estar no mundo. Como destaca Delory-Momberger (2008, 56), “a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida”. E, nesse caso, é também na escuta do outro que essa constituição se aprofunda.

- ***Narrar para lembrar (e não esquecer)***

As falas dos participantes da *Calçada Literária* revelam uma dimensão profunda do ato de narrar: mais do que relembrar, trata-se de registrar e dar permanência àquilo que poderia se perder no esquecimento. Em tempos de pandemia — em que o tempo parecia suspenso e a morte se tornava rotina —, contar sua história tornou-se também uma forma de resistência. Como afirma Delory-Momberger (2008, 56), ao narrar, o sujeito “dá forma ao vivido” e o reinscreve numa lógica de continuidade, mesmo em contextos de ruptura.

Um dos relatos mais marcantes é o da professora Patrícia Cristina, ao recordar o impacto de um conto de Clarice Lispector⁶⁵, lido durante um dos encontros. Ela não se recordava exatamente se a personagem pegava um ônibus ou um bondinho — talvez confundisse detalhes —, mas a experiência de leitura permaneceu vívida em sua memória. A

⁶⁵Provavelmente trata-se do conto “*Amor*”, publicado na coletânea *Laços de Família* (1960), de Clarice Lispector. Na narrativa, a personagem principal vive um momento de ruptura interior ao observar, de um bondinho, a cena de um homem cego mascando chiclete — episódio que desencadeia uma nova percepção de si e do mundo.

narrativa, segundo ela, mostrava uma mulher em trânsito pela cidade, momento em que tudo parecia se transformar. Para Patrícia, a força do conto não residia apenas na história da personagem, mas na maneira como o texto abriu janelas de percepção e ressignificação da própria vida:

A personagem pega um ônibus e é naquele momento que tudo acontece. Quando ela entrou, eu entrei. Quando ela viu pela janela, eu também vi. A janela da personagem abriu outras janelas para mim. Não foi um gatilho de dor, foi um movimento de olhar para a vida com mais presença, de despertar. Era tempo de pandemia, mas aquela leitura me mostrou que a vida ainda podia ser vivida.

Se eu não me engano, esse conto faz parte da obra *Laços de Família* — não tenho certeza, mas lembro da história. A personagem pega um ônibus e é naquele momento que tudo acontece. Para mim, a literatura tem esse poder. Eu leio, leio, leio... mas há um momento em que o texto me revoluciona. E esse foi um desses momentos (Aragão, 2025, depoimento oral).

A imagem da janela que se abre traduz com beleza o papel da narrativa naquele momento: um espaço de visada, de respiro e de sentido. O gesto de contar não apenas o que se leu, mas como se foi afetada pela leitura, revela o que Bruner (1991) chamaria de narrativa experiencial — aquela que não apenas relata fatos, mas organiza as emoções que os acompanham.

Francisco Paiva, por sua vez, evidencia um outro aspecto do contar: o registro como forma de memória popular. Ao adaptar histórias para cordéis e compartilhá-los com crianças, ele se insere na tradição dos que transmitem saberes pela oralidade e pela poesia: “Eu comecei a escrever cordéis para registrar histórias [...] transformar tragédias em ensinamentos. [...] Era o meu jeito de manter viva a memória, mesmo quando a gente achava que ia esquecer tudo” (Neves, 2025, depoimento oral).

Em sua fala, a narrativa não é apenas memorialística, mas pedagógica: contar é também ensinar, perpetuar valores, dar à dor uma utilidade simbólica.

Thania Gorayeb, mesmo envolta nas exigências da escola e na escrita do doutorado, aponta a força que há em narrar para reconstruir:

E principalmente as histórias comuns, Karytia, porque a gente cresce rodeado de histórias de vencedores, autoridades, poderosos e as histórias das pessoas comuns e as histórias das pessoas vencidas, humilhadas, fragilizadas, emudecidas, essas vão se perdendo no tempo. [...] E é por isso que eu pesquiso, é por isso que euuento (Sucupira, 2025, depoimento oral).

Sua escolha por investigar e narrar as histórias silenciadas reflete uma postura ética: manter vivas as vozes esquecidas é um modo de fazer justiça pela memória. E a *Calçada*, como espaço de escuta, permitiu que essas vozes ecoassem.

Como aponta Delory-Momberger (2008), toda narrativa autobiográfica é um gesto de seleção e significação: o sujeito escolhe o que lembrar, como contar, o que omitir. Nesse processo, mais do que relatar fatos, ele recria sua própria trajetória. E quando essa trajetória é compartilhada, como na *Calçada Literária*, ela se transforma também em patrimônio coletivo.

Narrar, portanto, é um gesto de vida. Um modo de recusar o esquecimento, de honrar os vínculos, de sustentar a memória mesmo quando tudo à volta tenta apagá-la.

- ***O grupo como território simbólico***

Em tempos de distanciamento social, quando os espaços públicos estavam interditados e as interações humanas mediadas por telas, a *Calçada Literária* se tornou um território simbólico de resistência e reconstrução coletiva. Ainda que virtual, o grupo foi vivido pelos participantes como um espaço real — um lugar de fala, de escuta, de laços e partilhas. Como propõe Michel de Certeau (2011), os sujeitos se apropriam dos espaços cotidianos e lhes conferem novos significados por meio de suas práticas: ler, comentar, escutar e narrar tornaram-se formas de ocupar um espaço simbólico — a calçada reinventada.

A professora Magnólia Maria expressa com clareza esse sentimento de pertencimento:

Eu diria que a Calçada Literária é um espaço de conversa, de debate, de entretenimento. Era um momento em que a gente se isolava da pandemia e vivia outra realidade. Era prazeroso demais.

[...]

A Calçada Literária foi um espaço de liberdade, de escuta, de dizer o que sentia [...] libertou a gente do estresse. Mesmo que a gente não se visse pessoalmente, a gente se sentia próxima. Era como se a gente estivesse na mesma calçada, mesmo longe. (Costa, 2025, depoimento oral).

Sua fala traduz a transformação do espaço virtual em lugar afetivo — a experiência da proximidade construída pela palavra. A imagem da calçada como símbolo de sociabilidade se reatualiza na memória compartilhada: mesmo sem o chão físico, o vínculo se sustentava na escuta e na presença simbólica dos outros.

Patrícia Cristina também se emociona ao lembrar do grupo:

A proposta da Calçada como espaço de diálogo, leitura e encontro me encantou. [...] Era um espaço acolhedor, de troca de saberes. [...] A Calçada foi um lugar de afeto, partilha, escuta e acolhimento. Era o que todos nós precisávamos naquele momento.” [...]

A Calçada foi um chamado: “não fique sozinho”. A gente precisa de gente, precisa de calor humano. Se a pandemia trouxe o isolamento, a Calçada foi o contraponto. Ela dizia: “vem pra cá”. Mesmo que não seja sempre possível estar ali fisicamente, a ideia da calçada pode nos acompanhar sempre. Para mim, foi isso (Aragão, 2025, depoimento oral).

A noção de acolhimento reaparece como ponto central. A *Calçada* não era apenas um grupo de leitura — era um lugar habitado por experiências vivas, onde os saberes circulavam com leveza e respeito. Nesse sentido, pode-se dizer que, ao “andar” por essa calçada simbólica, os participantes resistiram às pressões do isolamento e produziram novas formas de estar juntos.

A professora Thania Gorayeb, mesmo com o tempo escasso e a rotina sobrecarregada, fazia questão de estar presente: “Mesmo com pouco tempo, estar ali com vocês me fazia bem [...] era um espaço leve, amistoso. [...], sempre foi acolhedor. Só tenho lembranças boas daqueles momentos” (Sucupira, 2025, depoimento oral).

Thania descreve a *Calçada* como um “lugar leve”, em contraste com o peso da realidade. Em sua fala, percebe-se que o espaço simbólico não é apenas funcional, mas afetivo e formativo. É um lugar que gera bem-estar, aprendizado e memória.

Na lógica de Certeau (2011), essas práticas — de ler junto, comentar, rir, emocionar-se — são maneiras de subverter a lógica da produtividade, da pressa, do isolamento. São gestos poéticos que ocupam o espaço com sentido. A *Calçada*, então, torna-se prática de resistência cotidiana: ali se lia, sim, mas também se cuidava, se construía laços, se partilhava vida.

Assim, compreender o grupo como território simbólico é reconhecer que os encontros da *Calçada* não foram apenas eventos acadêmicos ou culturais. Foram experiências de humanidade compartilhada, nas quais os sujeitos encontraram abrigo, voz e companhia. E talvez por isso, mesmo depois da pandemia, essas memórias continuam vivas — como quem ainda guarda o tamborete na sala, esperando a próxima roda.

- *Achados por meio das narrativas*

As imagens reunidas nesta seção compõem parte do acervo afetivo da *Calçada Literária* e foram gentilmente resgatadas por Dayane Calado, uma das participantes do grupo. Nos meses mais duros do confinamento, em que só era possível ver — e ser visto por — pessoas que não moravam sob o mesmo teto por meio de pequenas janelas digitais, cada captura de tela

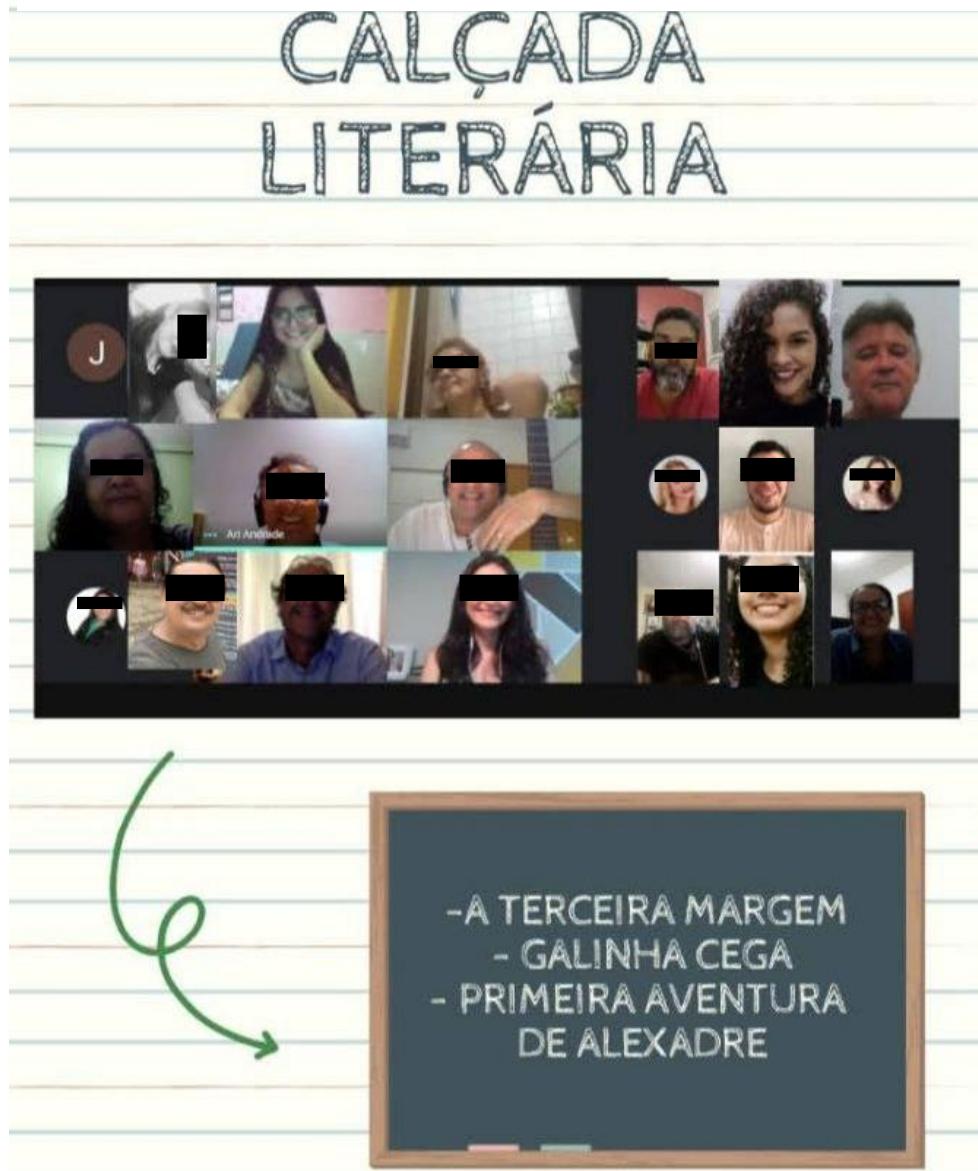
passou a valer mais do que uma simples fotografia: era a própria prova de que estávamos juntos, mesmo separados pelo distanciamento social.

Ao final de cada encontro virtual, Dayane, movida pela empolgação de quem descobrira um novo modo de encontro, fazia rapidamente essas capturas, adicionando sobre elas o nome do autor ou o título da obra lida naquele dia. Era um gesto intuitivo de quem sabia que aquelas imagens se tornariam relíquias de um tempo percorrido com afeto e esperança.

Graças ao fato de ainda usar, na época, um celular já considerado “velho” — mas que guardava cada um desses registros em sua memória interna —, Dayane pôde conservar intacto o arquivo visual do grupo. Foi esse aparelho, mantido em seu poder com zelo quase reverencial, que tornou possível hoje incluir nesta dissertação o testemunho gráfico de nossa vivência literária coletiva.

Mais do que simples lembranças visuais, essas imagens funcionam como documentos sensíveis da experiência comunitária: revelam rostos iluminados pela tela, olhares atentos, sorrisos trocados e livros compartilhados. Elas testemunham o modo como a tecnologia — tantas vezes vista apenas como distração — se tornou, durante a pandemia, uma verdadeira bênção, permitindo-nos estender laços afetivos, cultivar a escuta e manter viva a chama da literatura em comunidade. Seguem, abaixo, os registros preservados pela colega.

Figura 21 – Calçada Literária registro 1



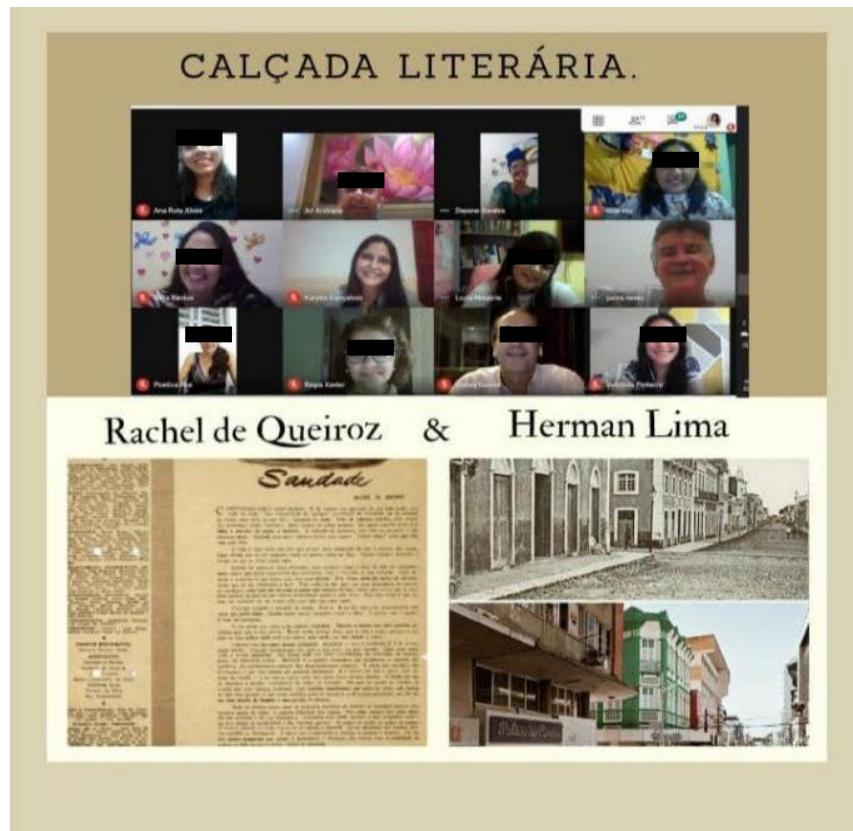
Fonte: Própria da autora.

Figura 22 – Calçada Literária Registro 2



Fonte: Própria da autora.

Figura 23 – Calçada Literária Registro 3



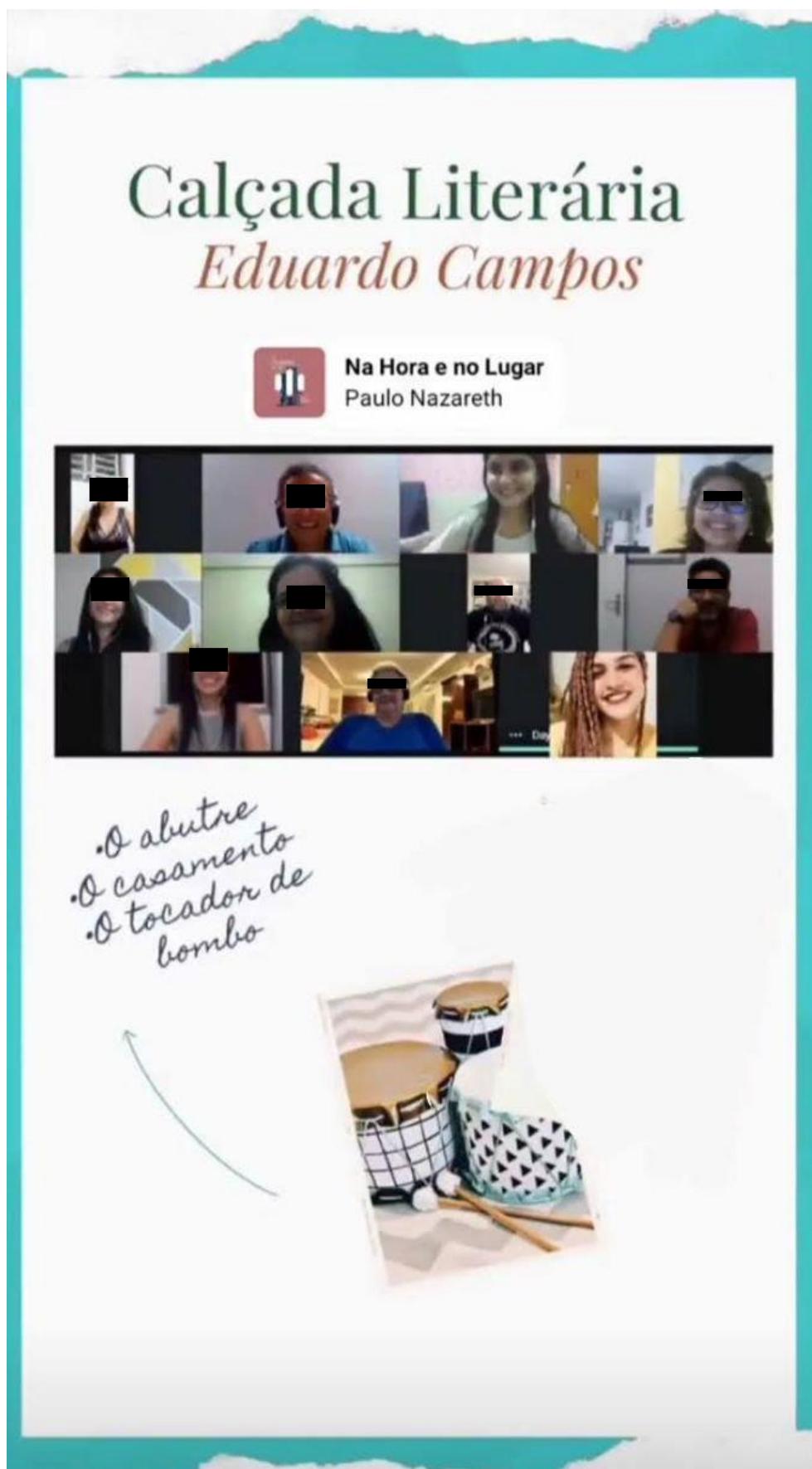
Fonte: Própria da autora.

Figura 24 – Calçada Literária registro 4



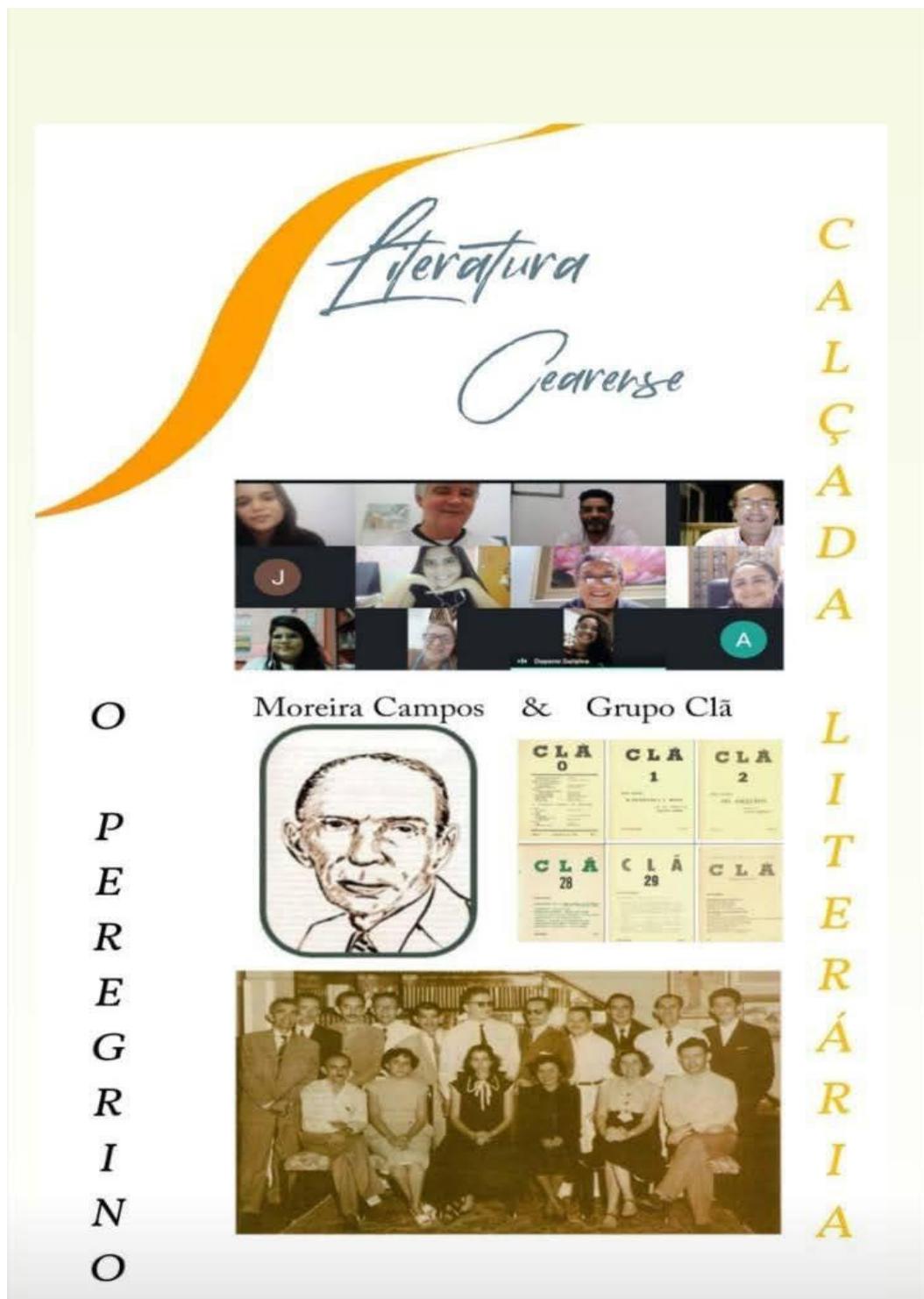
Fonte: Própria da autora.

Figura 25 – Calçada Literária registro 5



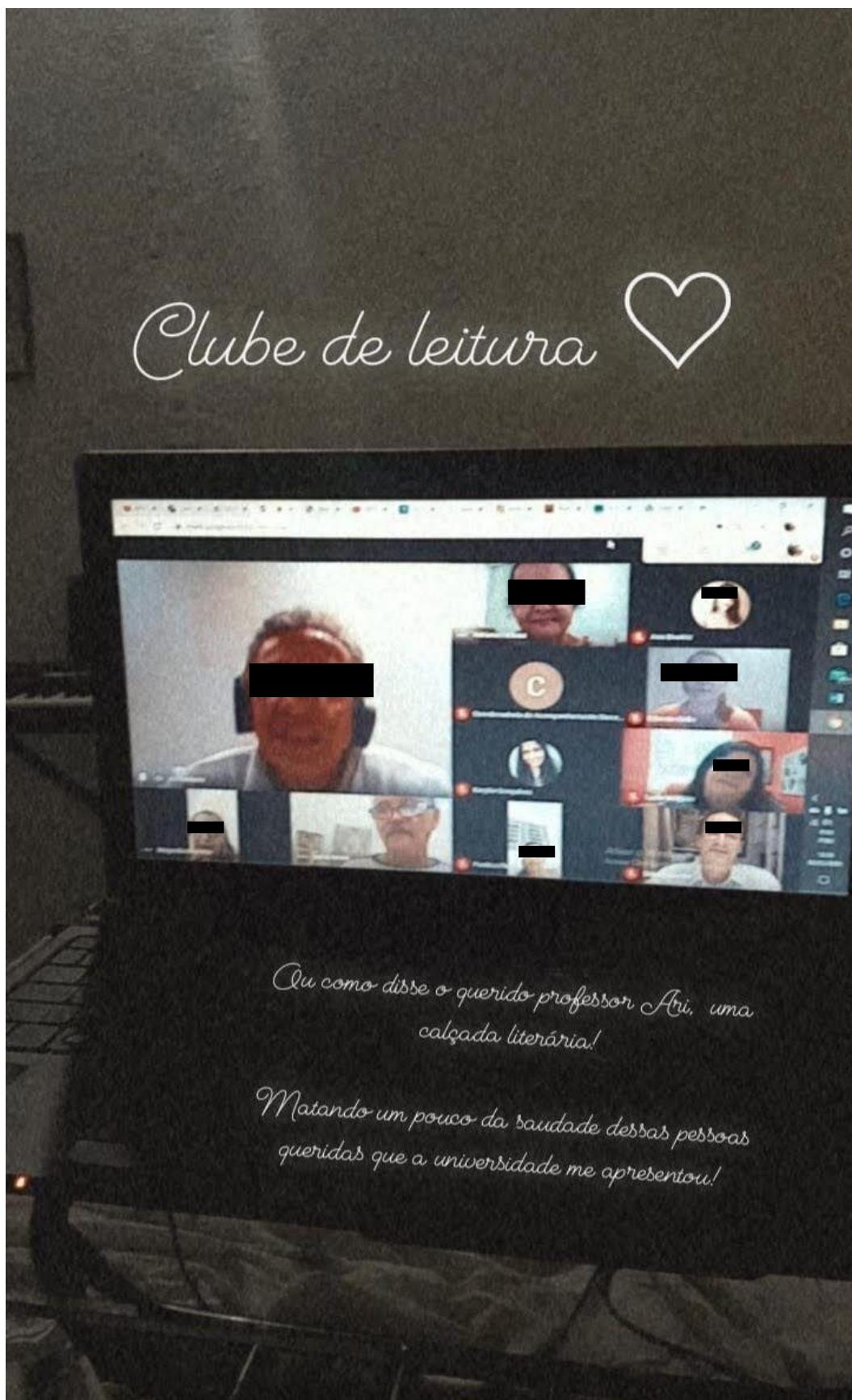
Fonte: Própria da autora.

Figura 26 – Calçada Literária registro 6



Fonte: Própria da autora.

Figura 27 – Calçada Literária registro 7



Fonte: Própria da autora.

A força simbólica da Calçada Literária atravessou também os muros da escola pública. Em sua entrevista, Thania Gorayeb contou que, ao retornar do estágio de doutorado, assumiu a biblioteca da Escola Municipal Professora Fernanda Maria de Alencar Colares, onde idealizou, junto aos estudantes e ao grêmio estudantil, um clube de leitura. Inspirados pelos relatos da *Calçada Literária* vivida durante a pandemia, os alunos votaram e escolheram dar ao novo espaço o mesmo nome: **Calçada Literária**. Desde então, a biblioteca da escola carrega em sua fachada essa marca, tornando-se um espaço de encontro com os livros, com a palavra e com o outro. Mais do que uma homenagem, trata-se da continuidade de uma experiência que, como disse a própria professora, “tocou o íntimo” dos que dela participaram.

Segue a imagem enviada pela colaboradora.

Figura 28 - Escola Alencar Colares- Biblioteca Calçada Literária



Fonte: Própria da autora.

4.1.4.1 Uma mensagem para os futuros Calçadianos

“Até sexta!” — era assim que se encerrava cada encontro da *Calçada Literária*. Um fio de continuidade que mantinha cada participante ligado pela palavra, pela escuta, pela esperança. E assim, como em um conto que se encerra sem realmente terminar, chega-se ao fim desta jornada pelas palavras, pelos encontros e pelas memórias. A *Calçada Literária* foi mais do que um grupo de leitura; foi um refúgio em meio ao caos, um abrigo onde cada história lida era uma forma de resistência, cada conversa, um gesto de cuidado, um fio de esperança tecido no tempo incerto da pandemia.

Mesmo diante do fechamento das escolas, universidades e demais espaços formais e informais de educação, a história e a memória da educação continuaram a ser tecidas — ainda que em outras linguagens, tempos e suportes. Em meio às rupturas impostas pela pandemia, sujeitos seguiram aprendendo, ensinando e partilhando saberes, demonstrando que o ato educativo resiste para além dos muros institucionais. A *Calçada Literária*, nesse sentido, constitui-se como uma dessas experiências de reinvenção: um espaço onde a leitura e o encontro sustentaram laços e preservaram memórias, mesmo quando tudo ao redor parecia suspenso.

E, como nos contos que terminam com reticências, esta jornada também se despede deixando ecos. A *Calçada* foi um abrigo em meio à tempestade — como disse Magnólia, foi o lugar onde se podia “falar livremente”, escapar do estresse, da solidão. Foi, para Patrícia, “um acalanto naquele momento de medo e confinamento”, um lugar de acessibilidade e troca, onde a literatura voltava a abrir janelas para a vida. Foi, para Rachel, um espaço onde “tão fantástico quanto ler era compartilhar a leitura”. Foi, para Paiva, um tempo de reinvenção: “a literatura segurou a minha cabeça”. Foi, para Dayane, a certeza de que “a gente não podia sair com os pés, mas podia sair com a mente — através dos livros”. E, para Thania, foi um reencontro com aquilo que mais importa: as histórias comuns, as histórias das pessoas vencidas, emudecidas, que vão se perdendo no tempo. A *Calçada* permitiu que essas vozes voltassem a ser ouvidas.

Entre contos de Machado, Clarice e tantos outros, fez-se muito mais do que análise literária: construíram-se laços, memórias, cuidados, respiros. Cada leitura transformou-se em afeto; cada fala, em resistência. Como lembra Certeau (2011), criaram-se táticas poéticas em meio ao ordinário; como afirma Delory-Momberger (2008), fez-se da narrativa um modo de ser-no-mundo. E, como sublinha Petit (2009), “a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção” (p. 292). A *Calçada* foi, portanto, esse exercício de atenção ao sensível, de escuta e presença no tempo suspenso da crise.

Entretanto, como toda travessia marcada por uma urgência, também a *Calçada* encontrou seu ponto final quando a "normalidade" começou a se restabelecer. O fim do confinamento trouxe consigo o retorno às agendas pessoais, aos compromissos cotidianos, às rotinas que a pandemia havia interrompido. Com isso, os encontros foram se dissolvendo, silenciosamente, como já havia observado Michèle Petit em *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009): grupos de leitura que nascem em tempos de crise, muitas vezes, se desfazem quando o momento crítico passa. Há, nesses movimentos, um traço da efemeridade própria das experiências que emergem da urgência — intensas, transformadoras, mas também frágeis frente ao retorno da ordem cotidiana.

E ao olhar para trás, permanece uma inquietação: onde estão, hoje, as pessoas da *Calçada*? Que caminhos seguiram? Quais reflexões as atravessam agora, no tempo do pós-pandemia? Estarão lendo algum livro? Estarão gostando? Há um eco de saudade que persiste, a memória de um tempo que não volta — uma experiência única, irrepetível, que se dissolve na rotina retomada. Mesmo que uma nova *Calçada* surja, com outras vozes, outros rostos, aquele momento permanece como um deleite vivido, uma dádiva partilhada. A lembrança que fica é a de uma oportunidade preciosa, um tempo de aprendizado coletivo, em que muitos puderam, juntos, habitar o abrigo das palavras.

E, aos que virão — aos calçadianos do futuro — deixa-se um convite que é também um desejo, nas palavras de Dayane: “Que eles possam ser abraçados, assim como fomos. Que sintam a liberdade de ser e de estar naquele momento. Que estejam abertos ao novo, ao desconhecido, e que saibam que podem confiar naquele espaço.”

Que novas *Calçadas* surjam. Que novos leitores se sentem nelas. E que, quando tudo pesar, reste sempre a lembrança de que há livros por perto — e um encontro marcado com a palavra. **Até sexta.**

4 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou uma análise detalhada sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 e a ressignificação da literatura como refúgio coletivo em meio às incertezas do período. Por meio do estudo da *Calçada Literária*, grupo que uniu pessoas em torno da leitura, a pesquisa revelou como narrativa, memória e história se entrelaçam em contextos de crise, proporcionando sentido às experiências vividas.

Ao contextualizar o grupo no cenário mais amplo da pandemia, a pesquisa evidenciou não apenas o impacto global do vírus, mas também a formação de núcleos de resistência cultural que trouxeram alívio emocional e intelectual aos seus participantes. O diálogo entre história e memória, abordado pela pesquisa narrativa, destacou o papel essencial da literatura na construção de laços comunitários e na superação de adversidades. As narrativas dos colaboradores mostram como a leitura e a troca de experiências funcionaram como estratégias poderosas para lidar com o isolamento e os desafios impostos pelo período.

Ao analisar as narrativas, observa-se que a *Calçada Literária* funcionou como um espaço de elaboração do vivido, permitindo que os sujeitos transformassem o trauma do isolamento em partilha, e a incerteza em criação. O grupo evidenciou o valor da escuta e do encontro, mesmo que mediados por telas, e demonstrou como o engajamento com a literatura pode ser um caminho para a reconstrução simbólica e afetiva da vida em tempos de crise. A prática coletiva de leitura possibilitou a ressignificação do cotidiano, oferecendo brechas de liberdade e esperança no contexto adverso da pandemia.

A construção deste trabalho enfrentou desafios significativos, especialmente na coleta de dados e na definição de uma linha cronológica precisa dos eventos relacionados ao estado onde ocorreu a *Calçada Literária*. Parte dessa dificuldade decorre da pandemia da Covid-19, que se estabeleceu como um verdadeiro "divisor de águas" na história do tempo presente, criando um marco temporal constantemente referenciado em termos de "antes" e "depois" do vírus. Essa distinção é tão presente que se reflete até mesmo em conversas cotidianas, nas quais é comum ouvir a pergunta: "Isso foi antes ou depois da pandemia?" Além disso, a escassez de registros acadêmicos específicos sobre grupos literários que surgiram como formas de resistência e subterfúgio durante o período da Covid-19 representou outro obstáculo. Embora relatos informais sejam abundantes, a ausência de estudos sistemáticos sobre essas iniciativas dificultou a análise e a sistematização do tema.

Essa lacuna acadêmica reforça a importância de registrar diferentes olhares e contextos históricos, considerando as práticas e as percepções dos protagonistas dessas ações.

A *Calçada Literária* exemplifica a riqueza e a relevância das experiências vividas por seus participantes, que vão além dos escritos oficiais, como decretos ou notícias. Registrar essas memórias contribui para a valorização de uma construção histórica mais ampla, moldada pela vivência e resistência humanas.

Nesse sentido, a *Calçada Literária* se inscreve na tessitura da História e da Memória da Educação como uma experiência viva e significativa. Mesmo com as escolas, universidades e demais espaços formais e informais de ensino fechados, os sujeitos continuaram aprendendo, ensinando e partilhando saberes — ainda que em outras linguagens, tempos e suportes. A experiência da *Calçada* mostra que o ato educativo não se limita aos muros institucionais: ele resiste, se reinventa e pulsa onde há desejo de encontro e construção coletiva de sentido. A literatura, nesse cenário, não apenas acompanhou o viver, mas o iluminou, oferecendo respiros em meio ao sufoco.

Por fim, esta pesquisa se propõe como um gesto de preservação da memória e de valorização das práticas simbólicas que emergem em tempos difíceis. Ao registrar as vozes da *Calçada Literária*, contribui-se para uma compreensão mais ampla e sensível da história recente, reconhecendo a potência da leitura, da escuta e da coletividade como formas de existência e resistência. Que este trabalho inspire outras escutas, outras calçadas, outros encontros — e que a memória aqui registrada continue ecoando como lembrança viva de que, o ser humano é capaz de criar oásis de significado e solidariedade, mesmo em tempos de crise, nos momentos mais áridos da sua existência.

REFERÊNCIAS

ABECH, Tiago. Bolsonaro defende hidroxicloroquina e ivermectina após críticas na CPI. **CNN Brasil**, São Paulo, 7 maio 2021.

ABRAHAM, Thomas. **Twenty-first century plague**: The story of SARS. Baltimore: JHU Press, 2007.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO IBGE. **Estimativas da população**: população estimada do país chega a 212,6 milhões de habitantes em 2024. Estatísticas Sociais Caio Belandi; Arte: Licia Rubinstein. Rio de Janeiro: IBGE, 29 ago. 2024.

ALCÂNTARA, Juliana; FERREIRA, Ricardo Ribeiro. A infodemia da “gripezinha”: uma análise sobre desinformação e coronavírus no Brasil. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 145, p. 137-162, 2020.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **InSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL (1500-1889)**. Tradução Antonio Chizzotti. Guedes, Maria do Carmo. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

AMORIM, Felipe; TAJRA, Alex. STF dá poder a estados para atuar contra covid-19 e impõe revés a Bolsonaro. **UOL**, Brasília, 15 abr. 2020.

ASSIS, Fabiana. Menino de 6 anos 'vira' jacaré para se vacinar contra Covid em Matão: 'para mostrar que era brincadeira'. **G1**, São Paulo, 27 jan. 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BITTAR, Marisa. Vinte anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: com os olhos no futuro. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e071, 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 5/2020 – CNE/CP**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19. Brasília, DF: MEC/CNE, 2020.

BRUNER, Jerônimo. A construção narrativa da realidade. **Inquérito Crítico**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.

CALDAS, A. V. S. *et al.* Os efeitos da Covid-19 sobre os desempenhos das ações dos setores da B3. **Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, v. 19, n. 2, p. 15-28, jan./dez. 2021.

CANADA. Government of Canada. **Canada's response to COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/public-health/services/diseases/2019-novel-coronavirus-infection/canadas-reponse.html>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: das origens ao realismo.** 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 103-104.

CEARÁ. **Decreto nº 33.936**, de 17 de fevereiro de 2021. Estabelece medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus. Fortaleza, 17 fev. 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/> <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/DECRETO-No33.936-de-17-de-fevereiro-de-2021.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CEARÁ. Governo do Estado. **Ceará inicia vacinação contra a Covid-19.** 18 jan. 2021a. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/01/18/ceara-inicia-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CEARÁ. Governo do Estado. **Coronavírus (COVID-19): Governo do Ceará inicia montagem do Hospital de Campanha no HRN, em Sobral.** 21 mar. 2021b. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/03/21/governo-do-ceara-inicia-montagem-do-hospital-de-campanha-no-hrn-em-sobral/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

CEARÁ. Governo do Estado. **Cultura e artesanato.** Fortaleza: [s. n.], 2024. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2024.

CENTRO DE ARTESANATO DO CEARÁ. **Tradição e inovação no artesanato cearense.** Fortaleza, CE: CEART, 2024. Disponível em: <https://www.ceart.ce.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORREIO DO POVO. Bolsonaro diz que não tomará vacina chinesa e que a cancelou pelo "descrédito". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 out. 2020.

COSTA, Antonia Erica Rodrigues; NASCIMENTO, AWR do. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. In: CONEDU, 7., 2020, Campina Grande. **Anais [...].** Edição online. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

COSTA, Ricardo. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **SINAIS: revista eletrônica Ciências Sociais**, Vitória n. 2, v. 1, p. 2-15, out. 2007.

DA SILVA MARTIN, Pollyanna et al. História e Epidemiologia da COVID-19. **ULAKES Journal of Medicine**, v. 1, p. 11-22, 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. EdUFRN, 2008.

DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. **Cinco estrelas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Coleção Literatura em Minha Casa).

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas.** 2020.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries.** 1998.

DW. Morte de médico que alertou sobre coronavírus causa revolta na China. **Deutsche Welle.** 8, fev. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/morte-de-m%C3%A9dico-que-alertou-sobre-coronav%C3%ADrus-causa-revolta-na-china/a-52291806>. Acesso em: 9 dez. 2024.

EDUCACIONAL. **O que é ensino híbrido?** 2021. Disponível em: https://educacional.com.br/gestao-escolar/ensino-hibrido/?utm_source. Acesso em: 27 mar. 2025.

FAGNER. **Meu Ceará é assim.** Fortaleza: Somzoom, 2002. CD (4 min). Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/fagner/no-ceara-e-assim/letra/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

FALCONERY, Lucas; PAULINO, Nícolas. Nova onda de Covid-19 no Ceará? Relembre impactos e cuidados após aumento de casos em anos anteriores. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30 nov. 2024.

FEIRINHA DA BEIRA MAR. **Produtos artesanais do Ceará.** Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Acompanhe a reunião da Anvisa que decidirá aval a vacinas contra Covid-19. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 de jan. de 2021. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/17/5950-acompanhe-a-reuniao-da-anvisa-que-decidira-aval-a-vacinas-contra-covid-19.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FREIRE, Jacqueline. **Ensino remoto ou educação a distância: você sabe a diferença?** Universidade Federal de Alagoas, 13 jun. 2022. Atualizado em 06 mai. 2024. Disponível em: https://noticias.ufal.br/ufal/noticias/2022/6/ensino-remoto-ou-educacao-a-distancia-voce-sabe-a-diferenca?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 27 mar. 2025.

G1 CE. Após fiscalização, ruas do Centro de Fortaleza ficam vazias no 1º dia de novo isolamento rígido. **G1**, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/03/05/apos-fiscalizacao-ruas-do-centro-de-fortaleza-ficam-vazias-no-1o-dia-de-novo-isolamento-rigido.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2024.

G1 MT. Profissionais de saúde em MT fazem campanha para incentivar população a ficar em casa: 'Fique em casa por nós'. **G1**, Mato Grosso, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/03/20/profissionais-de-saude-em-mt-fazem-campanha-para-incentivar-populacao-a-ficar-em-casa-nos-estamos-aqui-por-voce-fique-em-casa-por-nos.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2024.

G1. Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 31 de maio. **G1**, São Paulo, 31 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-31-de-maio.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

G1. Não tenham medo', diz Mônica Calazans, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil. **G1**, São Paulo, 17 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GABRIELA. Saiba o que está por trás da campanha “Vai Dar Certo”, promovida pelo Dr. Elias Leite. **Portal In**, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://www.portalin.com.br/notas/confira-a-historia-por-tras-da-campanha-vai-dar-certo/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v. 11, p. 327-345, 2005.

GERHARDT, T. E. *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (ed.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dRuzRyElzmkC&lpg=PA9&ots=93UaWWjrGI&dq=gerhardt%20e%20silveira%202009%20livro%20pdf&lr&hl=pt-BR&pg=PA72#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 26 set. 2022.

GLINOER, Anthony. Os grupos literários entre o social e o imaginário. **InterFACES**, v. 30, n. 2, p. 12-22, 2020.

GOMES, J. A. F.; BENTOLILA, S. COVID-19 no Brasil: tragédia, desigualdade social, negação da ciência, sofrimento e mortes evitáveis. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 349-359, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v10i3.3595>.

GOMES, Luciana Kellen de Souza. A memória de professores e as possibilidades na escrita da história da educação. In: RODRIGUES, Rui M.; JUNIOR, Antônio G. M.; LIMA, Jeimes M. C.; MARQUES, Janote P. (org.). **História da educação: teoria, métodos e fontes**. Fortaleza: EdUECE, 2012. p. 154.

HISAYASU, Alexandre. Suspeito de desviar cilindros de oxigênio durante caos na pandemia é preso em Manaus. **G1 - Rede Amazônica**, 4 abr. 2021.

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: População residente no Ceará. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. **Subsídios para a história da educação brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Saúde, 1942-1951. 11 v.

IMPERIAL COLLEGE LONDON. **Impacto de intervenções no controle da pandemia de COVID-19**: Relatório de modelagem. 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, p. e00177020, 2020.

LOPES, Augustus Nicodemus. Por que não aceitamos os evangelhos apócrifos. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2012.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

MAGENTA, Matheus. **Vacinação e negacionismo**: a polêmica sobre o combate à Covid-19 no Brasil. BBC News Brasil, Londres, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MANCEBO, Deise. Pandemia e educação superior no Brasil. Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil". **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-15, e4566131, jan./dez. 2020. ISSN 1982-7199. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4566/1151>. Acesso em: 27 mar. 2025.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. **A pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente**. 2020. p. 225-249 (Coleção história do tempo presente, v. 3).

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MCLEAN, Scott; PEREZ MAESTRO, Laura. Espanha cria drive-thru funerário em Madri, epicentro do coronavírus no país. **CNN Brasil**, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/espanha-cria-drive-through-funerario-em-madri-epicentro-do-coronavirus-no-pais/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MIRO, Vitor Hugo; SULIANO, Daniel Cirilo. Ceará: terra da luz para igualdade racial. *In: ENCONTRO DE ECONOMIA DO CEARÁ EM DEBATE*, 6., Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Centro de Treinamento do Banco do Nordeste, 2010. v. 5.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936-1938. 3 v.

MOLINA, Rosane Kreusburg. Pesquisar com narrativas docentes: experiência, epistemologia e ética. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 429-441, 2011.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios**. Tradução de Sérgio Milliet; Revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini; Apresentação de André Scoralick. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 1032 p.

NEWITT, P. **Guernsey under German rule**. Guernsey: Blue Ormer, 2018.

NOGUEIRA, Sérgio. Você sabe qual é a origem da palavra Ceará? **G1**, 1 maio 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/voce-sabe-qual-e-a-origem-da-palavra-ceara.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; SILVA-FORSBERG, Maria Clara. O uso de narrativas nas pesquisas em formação docente em educação em ciências e matemática. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v. 22, p. e14867, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Situação da COVID-19: recomendações sobre medidas de saúde pública e controle da pandemia**. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Dados atualizados sobre a Covid-19**. 2020a. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Declaração da Covid-19 como pandemia**. 2020b. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/27-04-2020-who-timeline---covid-19>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PALTIEL, A. D.; ZHENG, A. The economic and social consequences of lockdowns: Impacts of COVID-19 containment measures. **Journal of Health Economics**, [s. l.], v. 71, p. 102321, 2020.

PEIXOTO, Júlio Afrânio. **Noções de história da educação**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REINACH, Fernando. **A chegada do novo coronavírus no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

RITCHIE, H.; ORTIZ-ESPINA, E.; BELTEKIAN, D.; MATHIEU, E.; HASELL, J.; MACDONALD, B.; GIATTINO, C.; ROSER, M. **Global comparison: where are confirmed deaths increasing most rapidly**. 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-deaths>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ROSENBERG, Charles E. **Explaining Epidemics and other studies in the history of Medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SALOMÃO, A. “Nos aferramos a los libros”: experiencias de lectura en contextos de opresión en la obra ‘sociedad literaria y el pastel de piel de patata de guernsey’. **Revista EDICIC**, v. 2, n. 4, 2022. Disponível em: <http://ojs.edicic.org/index.php/revistaedicic/article/view/126>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SANTOS, Edmáe O. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista Docência e**

Cibercultura. 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 27 mar. 2025.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologias**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

SAVIANI, Dermerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SHAFFER, M. A.; BARROWS, A. **The guernsey literary and potato peel pie society**. Nova Iorque: Dial Press, 2008.

SILVA, Rafael Ricarte da; CARVALHO, Reinaldo Forte. Conquista e territorialização na capitania do Siará Grande: aldeamentos e sesmarias de indígenas no século xviii. **História**, São Paulo, v. 40, p. e2021009, 2021.

SILVA, Tatiane Oliveira da. Tecnologias de ensino híbrido: integrando ferramentas digitais nas salas de aula. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [s. l.], v. 16, n. 7, p. e4862-e4862, 2024.

SU, Yvonne. **Residents shout 'stay strong' from windows during wuhan lockdown**. Ontário: University of Guelph News, 2020. Disponível em: <https://guides.uoguelph.ca>. Acesso em: 14 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **As 5 principais notícias falsas mais absurdas sobre a vacina**. Agência Experimental de Notícias. Publicado em 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>. Acesso em: 16 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Estatuto da Universidade Federal do Ceará**. 2020. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/estatuto_ufc/estatuto_ufc.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Linhas de pesquisa**. 2024. Disponível em: <https://ppge.ufc.br/linhas>. Acesso em: 26 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Notícias**. UFC suspende as atividades presenciais por 15 dias devido à pandemia de coronavírus. 17 mar. 2020. Disponível em: <https://agronomia.ufc.br/pt/ufc-suspende-as-atividades-presenciais-por-15-dias-devido-a-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 26 ago. 2022.

UOL. Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema de você'. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://notic.uol.com.br/ultimas-nao/afp/2020/12/18/bol-entao-vacuo-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-pro-de-voce.htm>. Acesso em: 16 dez 2024.

URIBE, G.; CHAIB, J.; COLETTA, R. D. Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar', diz Bolsonaro sobre coronavírus. **Folha de S. Paulo**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

UZUNIAN, Armênio. Coronavirus SARS-CoV-2 and Covid-19. **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial**, São Paulo, v. 56, p. e3472020, 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, v. 23, p. 37-70, 2003.

WANG, Chen et al. A novel coronavirus outbreak of global health concern. **The Lancet**, New York, v. 395, n. 10223, p. 470-473, 2020.

WEBEL, Mari. Nomear o novo coronavírus – por que tirar Wuhan de cena é importante? **The Conversation**, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/naming-the-new-coronavirus-why-taking-wuhan-out-of-the-picture-matters-131738>. Acesso em: 9 dez. 2024.

WHO AFRICA. Stay Safe, Stay Home: *COVID-19* awareness campaigns across Africa. **WHO Regional Office for Africa**, 2020. Disponível em: <https://www.afro.who.int>. Acesso em: 14 dez. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Integrating poverty and gender into health programmes: a sourcebook for health professionals**: foundational module on poverty. Geneve: World Health Organization, 2006.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEGAGOGIA

Roteiro de perguntas para os(as) participantes da Calçada Literária

1. Quem é você, ‘Fulano de Tal’?
2. Você gosta de literatura? Qual é o seu(a) autor(a) preferido(a)?
3. Durante a pandemia da Covid-19, você se aproximou mais da leitura? Por quê?
4. Como você conheceu o grupo Calçada Literária?
5. Você participou de todos os encontros? Qual é a sua análise sobre eles?
6. O que motivou você a participar da Calçada Literária e como foi sua experiência no grupo?
7. Entre os textos lidos e discutidos na Calçada Literária, qual foi o que mais marcou você?
8. Você acha que a Calçada Literária foi uma iniciativa positiva durante o período de isolamento social? Por quê?
9. A leitura e as discussões ajudaram você a lidar com as dificuldades emocionais da pandemia? De que forma?
10. Como você descreveria a Calçada Literária?
11. Que mensagem você deixaria para futuros participantes que desejem criar um grupo de leitura em momentos de crise?
12. Há algo que você gostaria de responder e que não foi perguntado?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEGAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado por **Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre** como participante da pesquisa intitulada “ENTRE O DESERTO DA COVID-19 E O OÁSIS DA CALÇADA LITERÁRIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

1. Esta pesquisa tem como objetivo coletar e interpretar as narrativas frente aos sujeitos participantes da Calçada Literária e averiguar sua importância como subterfúgio à Covid-19.
2. A colaboração dos participantes é voluntária e não implica remuneração;
3. Seus dados pessoais e outras informações que possam identificá-lo serão mantida em sigilo;
4. Você está livre para interromper a sua participação sem danos;
5. Os resultados da pesquisa poderão ser usados apenas para alcançar os objetivos e podem ser publicados como trabalhos acadêmicos, a exemplo, periódicos especializados e congressos.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre

Instituição: Universidade Federal do Ceará/ Faculdade de Educação

Endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110

Telefone para contato: (85) 994039516

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____ anos, CPF: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa

Data

Assinatura

Nome do pesquisador

Data

Assinatura

ANEXO A – HOMENAGEM AOS MEUS BISAVÓS QUE PARTIRAM NA PANDEMIA

Fonte: Própria da autora.

Entre os muitos testemunhos desta minha vida, o mais simbólico, sem dúvida, é o amor entre a minha bisavó, dona Mocinha, e seu “Jão”. Ela, Francisca Xavier Santos, casou-se com o meu bisavô, João Gonçalves Sobrinho, no dia 1º de setembro de 1949. Ambos nasceram em Capistrano, no Ceará.

No ano em que completariam 71 anos de casados, ela nos deixou. Ele, incapaz de suportar a dor de perder seu grande amor, partiu poucos dias depois, antes mesmo de completar um mês da partida dela. Foi um amor profundo e genuíno, cuja história teve seu desfecho no primeiro ano da pandemia.

ANEXO B – DECRETO N°33.510, de 16 de março de 2020

Fortaleza, 16 de março de 2020 | SÉRIE 3 | ANO XII Nº053 | Caderno 1/4 | Preço: R\$ 17,96

PODER EXECUTIVO**DECRETO N°33.510, de 16 de março de 2020.****DECRETA SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA EM SAÚDE E DISPÕE SOBRE MEDIDAS PARA ENFRENTAMENTO E CONTENÇÃO DA INFECÇÃO HUMANA PELO NOVO CORONAVÍRUS.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no exercício das atribuições que lhe confere o art. 88, inciso XIX, da Constituição do Estado do Ceará, CONSIDERANDO que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação, nos termos do art. 196, da Constituição da República, CONSIDERANDO a declaração pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020, de pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2); CONSIDERANDO a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), nos termos da Portaria nº 188/2020, do Ministério da Saúde, editada com base no Decreto Federal nº 7.616/2011; CONSIDERANDO o aumento do número de casos suspeitos e a confirmação de casos de contaminação pela COVID-19 no Estado do Ceará, CONSIDERANDO a necessidade de adoção de normas de biossegurança específicas para os casos suspeitos e confirmados de COVID-19, objetivando o enfrentamento e a contenção da disseminação da doença, DECRETA:

Art. 1º Fica decretada situação de emergência em saúde no âmbito do Estado do Ceará, em decorrência do novo coronavírus (COVID-19).

Art. 2º Caberá à Secretaria da Saúde do Estado articular as ações e serviços de saúde voltados à contenção da situação de emergência disposta neste Decreto, competindo-lhe, em especial, a coordenação das ações de enfrentamento ao novo coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado, facultada a adoção das seguintes medidas, sem prejuízo de outras que se façam necessárias:

I - planejar, organizar, coordenar e controlar as medidas a serem empregadas durante a situação de emergência;

II - articular-se com os gestores municipais e regionais do SUS;

III - expedir recomendações a órgãos e instituições públicos e privados, no tocante à adoção de medidas e procedimentos para contenção da COVID-19;

IV - encaminhar ao Governador do Estado relatórios técnicos sobre a situação de emergência decorrente da infecção humana pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) e as ações administrativas em curso;

V - divulgar à população informações relativas à situação de emergência decorrente da infecção humana pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2);

VI - adquirir bens e contratar serviços necessários para a atuação na situação de emergência;

VII - requisitar bens e serviços, tanto de pessoas naturais como de jurídicas, nos termos do inciso XXV do art. 5º, da Constituição da República de 1988, do inciso XIII do art. 15, da Lei 8.080/1990 e do inciso VII do § 3º e inciso III do § 7º, do art. 3º, da Lei 13.979/2020;

VIII - disciplinar a rotina de funcionamento e os atendimentos prestados nas unidades de saúde do Estado;

IX - instituir diretrizes gerais para a execução das medidas a fim de atender às providências adotadas neste Decreto, podendo, para tanto, editar normas complementares;

X - comunicar ao Governador do Estado, para providências cabíveis, o encerramento da situação de emergência decretada neste Decreto, em prazo não superior ao declarado pela Organização Mundial de Saúde e pelo Ministério da Saúde. Parágrafo único. As requisições de bens e serviços previstas no inciso VII, do “caput”, deste artigo, serão posteriormente indenizadas com base nos parâmetros aplicados no SUS para os procedimentos de saúde, e aos parâmetros de mercado para as demais necessidades.

Art. 3º Ficam suspensos, no âmbito do Estado do Ceará, por 15 (quinze) dias:

I - eventos, de qualquer natureza, que exijam prévio conhecimento do Poder Público, com público superior a 100 (cem) pessoas;

II - atividades coletivas em equipamentos públicos que possibilitem a aglomeração de pessoas, tais como shows, cinema e teatro, bibliotecas e centros culturais;

III - atividades educacionais presenciais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública, obrigatoriamente a partir de 19 de março, podendo essa suspensão iniciar-se a partir de 17 de março;

IV - atividades para capacitação e treinamento de pessoal no âmbito do serviço público que envolvam aglomeração de mais de 100 (cem) pessoas;

V - visitação em unidades prisionais ou de internação do sistema socioeducativo do Estado;

VI - transporte de presos para audiências de qualquer natureza.

§ 1º A suspensão de atividades a que se refere este artigo poderá ser prorrogada, mediante prévia avaliação da Secretaria da Saúde.

§ 2º Os ajustes que se façam necessários ao calendário escolar da rede pública estadual de ensino, de que trata o inciso III, serão posteriormente estabelecidos pela Secretaria da Educação, podendo, inclusive, a suspensão ser considerada como recesso ou férias.

§ 3º Os eventos esportivos no Ceará somente poderão ocorrer com os portões fechados ao público, mediante autorização sanitária expedida pela Vigilância Sanitária do Estado e Termo de Compromisso assinado pelos organizadores.

§ 4º Recomenda-se ao setor privado a adoção das providências a que se referem os incisos II, III e IV, do “caput”, deste artigo, ficando abrangidos, no tocante à suspensão de atividades coletivas, eventos realizados em templos, igrejas ou outras entidades religiosas.

§ 5º O disposto no inciso III, do “caput”, não impede as instituições públicas de ensino de promoverem, durante o período de suspensão, atividades de natureza remota, desde que viável operacionalmente.

Art. 4º As unidades ambulatoriais, hospitalares e laboratoriais, públicas e privadas, ficam obrigadas a informar à Secretaria da Saúde o resultado do exame específico para a SARS-CoV-2 (RT-PCR, pelo protocolo Charité), sobre todos os casos confirmados de contaminação pela COVID-19.

§ 1º A informação de que trata o “caput” deverá conter, obrigatoriamente, os dados constantes do sítio eletrônico: http://formsus.datasus.gov.br/site/formulario.php?id_aplicacao=53635.

§ 2º As unidades de saúde a que se refere o “caput” ficam obrigadas a fornecer à Secretaria da Saúde os documentos e prontuários dos pacientes suspeitos ou confirmados de contaminação pela COVID-19, mediante solicitação.

Art. 5º Ficam suspensas, por 30 (trinta) dias, prorrogáveis, as férias de todos os profissionais da área da saúde do Estado, devendo ser reprogramadas eventuais férias previstas para gozo no respectivo período.

§ 1º Ficam canceladas todas as viagens a serviço, nacionais e internacionais, de servidores públicos estaduais, salvo em caso de relevante interesse público devidamente justificado.

§ 2º Os servidores públicos estaduais com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos poderão ser autorizados, em caráter excepcional, a critério da respectiva chefia, a trabalhar em suas residências, cabendo ao seu órgão ou entidade setorial prover os meios necessários para o desempenho de suas funções.

Art. 6º Os gestores dos contratos de prestação de serviço celebrados com órgãos ou entidades estaduais deverão notificar as empresas contratadas quanto à responsabilidade destas em adotar todos os meios necessários para conscientizar seus funcionários em relação aos riscos da COVID-19 e à necessidade de reportarem a ocorrência de sintomas de febre ou respiratórios. Parágrafo único. As empresas contratadas estão passíveis de responsabilização contratual em caso de omissão que resulte em prejuízo à Administração Pública.

Art. 7º Os transportes públicos em âmbito estadual, municipal ou intermunicipal, por meio de ônibus ou metrô, deverão passar, no mínimo, 1 (uma) vez ao dia, por processo de higienização especial.

Art. 8º Fica criada, no âmbito da Secretaria da Saúde, uma Rede de Teleatendimento em Saúde para atendimento da população (24 horas), ficando os profissionais que nela atuarão submetidos a regime de plantão.

Art. 9º A elevação de preços, sem justa causa, de insumos e serviços relacionados ao enfrentamento da COVID-19, será considerada abuso do poder econômico nos termos do inciso III do art. 36 da Lei Federal nº 12.529, de 30 de novembro de 2011, sujeitando quem a pratica às sanções ali previstas.

Art. 10. A Secretaria da Saúde do Estado deverá manter atualizado Plano de Contingência no âmbito do Estado do Ceará para conter a emergência de saúde pública provocada pela COVID-19. Parágrafo único. O Plano a que se refere este artigo será divulgado através da internet e distribuído a toda a rede pública e privada de saúde no Estado.

Art. 11. A tramitação dos processos referentes a assuntos vinculados a este Decreto se dará em regime de urgência e prioridade em todos os órgãos e entidades da Administração Pública do Estado do Ceará.

Art. 12. Os estabelecimentos que descumprirem o disposto neste Decreto ficarão sujeitos às penalidades previstas na legislação aplicável. Art. 13. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 16 de março de 2020.

Camilo Sobreira de Santana
GOVERNADOR DO ESTADO

*** *** ***